

Q1.

Hoje, quando o mundo está em crise, parece mais

importante que nunca aprender um pouco de economia. As notícias econômicas agora são o assunto principal em jornais e programas de TV. No entanto, será que realmente sabemos o que é economia?

A palavra vem do grego *oikonomia*, que significa "administração da casa", e passou a significar o estudo das maneiras de gerir os recursos e, mais especificamente, a produção e a permuta de bens e serviços. A economia moderna surgiu como disciplina específica no século XVIII, sobretudo com a publicação em 1776 de *A riqueza das nações*, livro escrito pelo grande pensador escocês Adam Smith. Contudo, o que motivou o interesse no assunto não foram os textos de economistas, mas as enormes mudanças na própria economia com o advento da Revolução Industrial. Os pensadores mais antigos haviam falado da gestão de bens e serviços nas sociedades, tratando de questões que surgiram como problemas da filosofia moral ou política. Mas, com o surgimento das fábricas e da produção de bens em massa, veio uma nova era de organização econômica que dava atenção ao todo. Aí começou a chamada economia de mercado.

A análise de Smith do novo sistema definiu o padrão, com uma explicação abrangente do mercado competitivo. Ele afirmou que o mercado é guiado por uma "mão invisível", de modo que as ações racionais de indivíduos interesseiros acabam dando à sociedade exatamente o que ela necessita. Smith era filósofo, e o tema de seu livro incluía política, história, filosofia e antropologia. Depois dele, surgiu uma nova geração de pensadores econômicos, que preferiu se concentrar totalmente na economia.

(Adaptado de: O livro da economia. Trad. Carlos S. Mendes Rosa. São Paulo, Globo, 2013, p. 12-14)

A partir da leitura do texto, conclui-se corretamente que

- A) o livro *A riqueza das nações*, escrito por Adam Smith, despertou nas pessoas o interesse em economia durante a Revolução Industrial.
- B) o *rótulo administração da casa* é usado para descrever a economia moderna como um campo de estudo restrito ao âmbito doméstico.
- C) a expressão *mão invisível* associa-se ao modo como o mercado é comandado por indivíduos preocupados em obter vantagens pessoais.
- D) a *palavra economia* surgiu no século XVIII para nomear os recursos oriundos das fábricas e da produção de bens em massa.
- E) a *designação gestão de bens e serviços* indica que o objeto de estudo da economia foi aos poucos se restringindo a questões de ordem moral.

Esta é apenas uma amostra grátis. Adquirir a versão completa em <http://www.concursosprepara.com.br>

Q2.

Escrever sobre as mulheres do Sul não significa traçar um perfil único que as identifique e as diferencie das outras mulheres do restante do país. No Sul encontramos diferentes perfis femininos nos diversos períodos históricos: mulheres oriundas de etnias e classes sociais várias.

[...]

A idealização das mulheres em seus papéis familiares é muito semelhante àquelas idealizações divulgadas no final do século XVIII e início do século XX nos grandes centros europeus. Nas cidades do Sul, imagens idealizadas foram frequentes a partir da segunda metade do século XIX, durante a formação das elites nos centros urbanos.

O crescimento das áreas urbanas, em meados do século XIX, foi impulsionado com a inclusão da região no comércio agrário-exportador brasileiro como subsidiária, ou seja, como fornecedora de alimentos para o mercado interno. Os altos preços do café no mercado externo e a destinação da mão de obra escrava para a produção cafeeira provocaram o aumento da procura por alimentos e a consequente elevação de preços. Esse fato propiciou o surgimento de um novo grupo de pessoas mais abastadas nos centros urbanos da região Sul.

Em cada capital do Sul, esses grupos assumiram configurações diferentes. [...]

Num futuro próximo, esses grupos iriam promover os jornais responsáveis pela divulgação de modelos de comportamento, especialmente para as mulheres. Os jornais pareciam veicular um projeto civilizador com pretensão de construir novos homens e mulheres, divulgando imagens idealizadas para ambos os sexos. [...]

Embora os jornais sulistas reproduzissem estereótipos existentes há séculos, faziam-no em um contexto específico, respondendo a uma conjuntura determinada, na qual a demonstração de distinção e a exposição de um certo verniz social implicavam em moldar as mulheres de uma determinada classe. Nas imagens dos jornais das cidades do Sul, e provavelmente em outras cidades do restante do país, as mães seriam responsáveis pelo progresso e a civilização, pois eram consideradas criadoras e educadoras das novas gerações.

(Adaptado de: PEDRO, J. M. Mulheres do Sul. In: DEL PRIORE, M. (org.). História das mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto, 2012, p. 278-282)

Identifica-se, no texto, distinção entre

- A) as normas de comportamento adotadas por uma sociedade já instalada em áreas urbanas desenvolvidas e os costumes tradicionais, próprios das áreas rurais.
- B) as mulheres dedicadas à vida familiar, como se propunha costumeiramente nessa época, e outras, liberadas, cuidando de seus próprios afazeres.
- C) o conteúdo publicado em jornais do Sul em relação a modelos de comportamento e o que se encontrava nas demais publicações existentes no restante do país.
- D) os grupos sociais mais abastados, principalmente de imigrantes, e a população de origem escrava, empregada no cultivo do café.
- E) a economia baseada na exportação, que caracterizou algumas regiões brasileiras, e a da região Sul do país, voltada para o mercado interno.

Esta e apenas uma amostra grátis. Adquira a versão completa em <http://www.concursoprepara.com.br>

Língua Portuguesa / Interpretação de texto; Argumentação; Pressupostos e subentendidos

Fonte: TÉCNICO JUDICIÁRIO - TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO / TRT 4ª / 2015 / FCC

Q3.

O povoamento do Rio Grande do Sul atraiu uma população masculina eminentemente nômade.

A economia do Rio Grande do Sul baseava-se na pecuária extensiva.

A ocorrência de inúmeros conflitos e batalhas propiciava a ausência dos homens.

As mulheres assumiram a direção dos empreendimentos familiares.

As mulheres transpuseram os limites das tarefas definidas usualmente para seu sexo.

As frases acima se organizam em um único parágrafo, mantendo-se a correção e a clareza, em:

- A) O povoamento do Rio Grande do Sul, cuja economia se baseava na pecuária extensiva, atraiu uma população masculina eminentemente nômade. A ocorrência de inúmeros conflitos e batalhas também propiciava a ausência dos homens. Ao assumir, então, a direção dos empreendimentos familiares, as mulheres transpuseram os limites das tarefas definidas usualmente para seu sexo.
- B) Com uma população masculina eminentemente nômade, que povoou o Rio Grande do Sul, baseando-se na pecuária extensiva, cujas batalhas e conflitos propiciaram a ausência dos homens, as mulheres assumiram, não obstante, a direção

dos empreendimentos familiares. Assim, elas transpuseram os limites das tarefas definidas usualmente para seu sexo.

- C) A economia do Rio Grande do Sul baseava-se na pecuária extensiva, com um povoamento de população masculina eminentemente nômade. Além, ainda, da ocorrência de inúmeros conflitos e batalhas. As mulheres assumiram, contudo, a direção dos empreendimentos familiares, onde transpuseram os limites das tarefas definidas usualmente para seu sexo.
- D) As mulheres do Rio Grande do Sul, com uma população masculina eminentemente nômade e de economia baseada na pecuária extensiva, participando, além disso, de inúmeros conflitos e batalhas. Elas transpuseram assim os limites das tarefas definidas usualmente para seu sexo, ao assumir a direção dos empreendimentos familiares, com a constante ausência dos homens.
- E) A população masculina, eminentemente nômade, do Rio Grande do Sul, onde a economia baseava-se na pecuária extensiva, além da ocorrência de inúmeros conflitos e batalhas. As mulheres assumiram a direção dos empreendimentos familiares, transpondo os limites das tarefas definidas usualmente para seu sexo, cuja causa foi propiciada pela constante ausência dos homens.

Esta e apenas uma amostra grátis. Adquirir a versão completa em <http://www.concursoprepara.com.br>

Língua Portuguesa / Interpretação de texto; Argumentação; Pressupostos e subentendidos

Fonte: ANALISTA JUDICIÁRIO - ANÁLISE DE SISTEMAS / TRE/RR / 2015 / FCC

Q4.

Conselhos ao candidato

Certa vez um enamorado da Academia, homem ilustre e aliás perfeitamente digno de pertencer a ela, escreveu-me sondando-me sobre as suas possibilidades como candidato. Não pude deixar de sentir o bem conhecido calefrio aquerôntico, porque então éramos quarenta na Casa de Machado de Assis e falar de candidatura aos acadêmicos sem que haja vaga é um pouco desejar secretamente a morte de um deles. O consultado poderá dizer consigo que “praga de urubu não mata cavalo”.

Mas, que diabo, sempre impressiona. Não impressionou ao conde Afonso Celso, de quem contam que respondeu assim a um sujeito que lhe foi pedir o voto para uma futura vaga:

– Não posso empenhar a minha palavra. Primeiro porque o voto é secreto; segundo porque não há vaga; terceiro porque a futura vaga pode ser a minha, o que me poria na posição de não poder cumprir com a minha palavra, coisa a que jamais faltei em minha vida.

Se eu tivesse alguma autoridade para dar conselhos ao meu eminente patricio, dir-lhe-ia que o primeiro dever de um candidato é não temer a derrota, não encará-la como uma capitis diminutio, não enfezar com ela. Porque muitos dos que se sentam hoje nas poltronas azuis do Trianon, lá entraram a duras penas, depois de uma ou duas derrotas. Afinal a entrada para a Academia depende muito da oportunidade e de uma coisa bastante indefinível que se chama “ambiente”. Fulano? Não tem ambiente. [...]

Sempre ponderei aos medrosos ou despeitados da derrota que é preciso considerar a Academia com certo senso de humour. Não tomá-la como o mais alto sodalício intelectual do país. Sobretudo nunca se servir da palavra “sodalício”, a que muitos acadêmicos são alérgicos. Em mim, por exemplo, provoca sempre urticária.

No mais, é desconfiar sempre dos acadêmicos que prometem: “Dou-lhe o meu voto e posso arranjar-lhe mais um”. Nenhum acadêmico tem força para arranjar o voto de um colega. Mas vou parar, que não pretendi nesta crônica escrever um manual do perfeito candidato.

(BANDEIRA, Manuel. Poesia completa e prosa. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1993, vol. único, p. 683-684)

*aquerôntico = relativo ou pertencente a Aqueronte, um dos rios do Inferno, atravessado pelos mortos na embarcação conduzida pelo barqueiro Caronte.

*capitis diminutio: expressão latina de caráter jurídico empregada para designar a diminuição de capacidade legal.

O consultado poderá dizer consigo que “praga de urubu não mata cavalo”.

Infere-se, a partir da referência ao dito popular, que o autor

- A) se considera inteiramente livre de quaisquer compromissos relativos à consulta que lhe foi enviada, esquivando-se, também, de tentar conseguir votos para o suposto candidato.
- B) deseja, secretamente e de antemão, que o candidato não consiga comprovar que tem o mérito necessário para justificar sua pretensão de fazer parte da Academia.
- C) procura justificar sua isenção quanto ao questionamento do candidato, mesmo pondo de lado o fato de perceber certo mau agouro embutido na consulta que lhe foi enviada.
- D) busca questionar o mal-estar que sentiu ao receber a consulta do provável candidato, apoiando-se na sabedoria popular, fato que contraria sua formação erudita de acadêmico.
- E) se vale da sabedoria popular para considerar-se imune a um eventual desejo secreto do candidato de que surja a vaga com a morte de um dos acadêmicos, até mesmo a dele.

Esta e apenas uma amostra grátis. Adquira a versão completa em <http://www.concursoprepara.com.br>

Língua Portuguesa / Interpretação de texto; Argumentação; Pressupostos e subentendidos

Fonte: TÉCNICO JUDICIÁRIO - JUDICIÁRIO/ ADMINISTRATIVA / TJ/AP / 2014 / FCC

Q5.

A floresta das parteiras

Elas nasceram do ventre úmido da Amazônia, do extremo norte do Brasil, do Estado ainda desgarrado do noticiário chamado Amapá. O país não as escuta porque perdeu o ouvido para os sons do conhecimento antigo, a toada de suas cantigas. Muitas desconhecem as letras do alfabeto, mas leem a mata, a água e o céu. Emergiram dos confins de outras mulheres com o dom de pegar menino. Sabedoria que não se aprende, não se ensina nem mesmo se explica. Acontece apenas. Esculpidas por sangue de mulher e água de criança, suas mãos aparam um pedaço do Brasil. O grito feminino ecoa do território empoleirado no cocuruto do mapa para lembrar ao país que nascer é natural. Não depende de engenharia genética ou operação cirúrgica, não tem cheiro de hospital. Para as parteiras da floresta, que guardaram a tradição graças ao isolamento geográfico de seu berço, é mais fácil compreender que um boto irrompa do igarapé para fecundar moça donzela do que aceitar que uma mulher marque dia e hora para arrancar o filho à força. Quase toda a população do Amapá, menos de meio milhão de habitantes, chega ao mundo pelas mãos de setecentas pegadoras de menino.

Encarapitadas em barcos ou tateando caminhos com os pés, a índia Dorica, a cabocla Jovelina e a quilombola Rossilda são guias de uma viagem por mistérios antigos. Cruzam com Tereza e as parteiras indígenas do Oiapoque. Unidas todas elas pela trama de nascimentos inscritos na palma da mão. “Pegar menino é ter paciência”, recita a caripuna Maria dos Santos Maciel, a Dorica, a mais velha parteira do Amapá, com 96 anos. “Parteira não tem escolha, é chamada nas horas mortas da noite para povoar o mundo.”

(Adaptado de: BRUM, Eliane. O olho da rua: uma repórter em busca da literatura da vida real. São Paulo: Globo, 2008, p. 19-20)

Conclui-se que a sabedoria das parteiras do Amapá é pouco valorizada no Brasil, porque

- A) a sociedade brasileira ainda tem preconceito contra mulheres que trabalham, o que se percebe no trecho: *Unidas todas elas pela trama de nascimentos inscritos na palma da mão.* (3º parágrafo)
- B) a atividade que elas realizam não produz frutos visíveis para a sociedade, o que se nota no trecho: *“Parteira não tem escolha, é chamada nas horas mortas da noite para povoar o mundo.”* (3º parágrafo)
- C) elas partilham um conhecimento demasiadamente teórico e difícil de compreender, o que se observa no trecho: *Sabedoria que não se aprende, não se ensina nem mesmo se explica. Acontece apenas.* (1º parágrafo)
- D) seu trabalho é restrito a comunidades indígenas isoladas na Floresta Amazônica, o que se verifica no trecho: *Esculpidas por sangue de mulher e água de criança, suas mãos aparam um pedaço do Brasil.* (1º parágrafo)
- E) os brasileiros já não se interessam pela tradição, o que se evidencia no trecho: *O país não as escuta porque perdeu o ouvido para os sons do conhecimento antigo.* (1º parágrafo)

Esta e apenas uma amostra gratis. Adquir a versao completa em <http://www.concursoprepara.com.br>

Língua Portuguesa / Interpretação de texto; Argumentação; Pressupostos e subentendidos

Fonte: TÉCNICO JUDICIÁRIO - TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO / TRT 2ª / 2014 / FCC

Q6.

No dia 9 de janeiro de 1921, um sortido grupo reuniu-se no salão de festas do badalado restaurante Trianon, no alto da aprazível avenida Paulista, para um banquete em homenagem a Menotti Del Picchia, que lançava uma edição do poema Máscaras.

Situado na área hoje ocupada pelo MASP, o Trianon era uma espécie de restaurante-pavilhão, com salão de chá e de festas. Inaugurado em 1916, tornara-se um dos centros da vida social paulistana, com seus bailes, concertos, aniversários, casamentos e banquetes.

Naquele domingo de verão, ilustres integrantes do mundo cultural e político foram prestigiar o escritor e redator político do Correio Paulistano, homem de amplo arco de amizades.

Mário de Andrade, que estava presente, escreveu sobre a festa na edição da Ilustração Brasileira. Impressionou-se com a diversidade dos convidados, um séquito de homens das finanças, poetas e escritores da velha e da jovem guarda. Figurões revezaram-se na tribuna, até chegar a vez de Oswald de Andrade, que faria soar, nas palavras de Mário de Andrade, “o clarim dos futuristas” – aquela gente “do domínio da patologia”, como gostavam de escrever “certos críticos passadistas, num afanoso rancor pelas auroras”.

O tribuno foi logo avisando que não gostaria de confundir sua voz com o cantochão dos conservadores. Juntava-se à louvação a Menotti, mas “numa tecla de sonoridade diferente”, em nome “de um grupo de orgulhosos cultores da extrema arte de nosso tempo”. Para selar o pertencimento de Menotti ao clã dos modernos, a máscara de seu rosto, esculpida por Victor Brecheret, lhe era ofertada. Disse Oswald: “Examina a máscara que te trazemos em bronze. Produziu-a de ti a mão elucidadora de Victor Brecheret que, com Di Cavalcanti e Anita Malfatti, afirmou que a nossa terra contém uma das mais fortes, expressivas e orgulhosas gerações de criadores”.

Não poderia faltar ao discurso a exaltação do dinamismo paulista, pano de fundo da inquietação dos novos artistas e

escritores. Num mundo – dizia o orador futurista – em que o pensamento e a ação se deslocavam da Europa para os “países descobertos pela súplica das velas europeias”, São Paulo surgia como uma espécie de terra prometida da modernidade. Com suas chaminés e seus bairros em veloz expansão, a cidade agitava as “profundas revoluções criadoras de imortalidades”.

E, se a capital bandeirante podia promover aquela festa e nela ofertar uma “obra-prima” de Brecheret ao homenageado, isso significava que uma etapa do processo de arejamento das mentalidades já estava vencida.

Na avaliação de Mário da Silva Brito, o que se viu no Trianon foi o lançamento oficial do movimento modernista em território hostil – um “ataque de surpresa no campo do adversário distraído”. Ao que parece, entretanto, a distração do respeitável público foi mais funda – a ponto de poucos terem notado que as palavras ali proferidas representavam um “ataque”. Oswald foi aplaudido por passadistas, futuristas e demais presentes. “Todos estavam satisfeitos porque se julgavam incorporados à ‘meia dúzia’ de que falara o audaz”, ironizou Mário de Andrade.

(Adaptado de GONÇALVES, Marcos Augusto. 1922: A semana que não terminou. São Paulo, Cia. das Letras, 2012, formato ebook)

...o que se viu no Trianon foi o lançamento oficial do movimento modernista em território hostil... (último parágrafo)

No contexto, o segmento acima expressa a

- A) visão do autor do texto a respeito da reação hostil do público conservador presente no evento mencionado.
- B) opinião de Mário de Andrade a respeito do início atribulado do modernismo vanguardista paulistano.
- C) constatação de que havia no evento pessoas conservadoras, que se demonstrariam avessas à estética modernista.
- D) crítica feita por Mário da Silva Brito à recepção desfavorável de suas palavras por parte do público.
- E) hipótese aventada pelo autor do texto a respeito das razões para a pequena adesão ao movimento dos modernistas.

Esta e apenas uma amostra grátis. Adquirir a versão completa em <http://www.concursoprepara.com.br>

Língua Portuguesa / Interpretação de texto; Argumentação; Pressupostos e subentendidos

Fonte: TÉCNICO JUDICIÁRIO / TRT 19ª / 2014 / FCC

Q7.

Texto I

Tudo é grandioso na Amazônia, o maior bloco remanescente de floresta tropical do planeta. Com pouco mais de 6,8 milhões de quilômetros quadrados, espalha-se por nove países da América do Sul – a maior parte está no Brasil, que detém 69% da área coberta pela floresta. Estima-se ainda que ela abrigue quase 25% de todas as espécies de seres vivos da Terra, além de 35 milhões de pessoas (20 milhões somente no Brasil). A Amazônia tem também a maior bacia fluvial do mundo, fundamental para a drenagem de vários países e para a geração de chuvas. É o maior reservatório de água doce do planeta, com cerca de 20% de toda a água doce disponível. Por isso, é um dos reguladores do clima e do equilíbrio hídrico da Terra. Apesar de tanta grandiosidade, são as alterações em pequena escala, como a abertura de clareiras para a extração seletiva de madeira, que podem representar uma das principais ameaças à conservação do ecossistema, destaca o biólogo Helder Queiroz, diretor do Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá. De modo geral, explica Queiroz, as principais ameaças à Amazônia estão hoje associadas às práticas que

levam direta ou indiretamente à perda de habitats e à redução de populações de plantas e de animais. "Muitas árvores com madeira de grande valor comercial são fundamentais para a alimentação de diversos animais", diz Queiroz.

Hoje, a perda de ambientes naturais é maior numa região conhecida como Arco do Desmatamento, que se estende do sul ao leste da Amazônia Legal – uma área de 5 milhões de km² que engloba oito estados. O Arco do Desmatamento, definido pela fronteira da expansão agropecuária – que converte grandes extensões de floresta em pastagens –, concentra cerca de 56% da população indígena do país.

As regiões de várzea, em terrenos mais baixos, no interior da floresta amazônica, também têm atraído a atenção do poder público durante a elaboração de estratégias de conservação do ecossistema. Boa parte dessa região é inundada pelas chamadas águas brancas, de origem andina, ricas em sedimentos e nutrientes. Nesses trechos, a vegetação tende a ser mais abundante. Devido a essa riqueza em recursos naturais, as florestas de várzea sofrem mais com a constante ocupação humana. Todas as grandes cidades amazônicas, e boa parte das pequenas, estão localizadas nessas áreas.

(Adaptado de: ANDRADE, Rodrigo de Oliveira, Pesquisa Fapesp, outubro de 2013. p. 58-60)

Texto II

Em 1985, depois de examinar com atenção a intensa urbanização da Amazônia, que nas últimas décadas do século XX acusou as maiores taxas do Brasil, a geógrafa política Bertha Koiffmann Becker (que morreu em julho de 2013) lançou a expressão "floresta urbanizada" para definir a região, valorizada até então apenas pelas matas. Ela preferia usar a expressão Arco do Povoamento Consolidado em vez da mais comum, Arco do Desmatamento, para designar as áreas de ocupação humana nas bordas da floresta, pela simples razão de que essa área está ocupada por muitas cidades grandes, estradas e plantações de soja, além de pecuária e mineração.

Bertha Becker argumentava que era preciso pensar o desenvolvimento da floresta, não apenas sua preservação. Suas conferências, os debates com colegas acadêmicos e com homens do governo e os 19 livros que publicou ajudaram a enriquecer a visão sobre a Amazônia, hoje vista como um espaço complexo, resultante da interação de forças políticas e econômicas. Seu trabalho influenciou a elaboração de novas estratégias para a organização desse território.

(Adaptado de: Pesquisa Fapesp, agosto de 2013. p. 56)

... pela simples razão de que essa área está ocupada por muitas cidades grandes, estradas e plantações de soja, além de pecuária e mineração. (Texto II, 1º parágrafo)

A afirmativa acima deve ser considerada como

- A) argumento utilizado para alterar o nome de determinada área, em que se identifica a causa da proposta de mudança.
- B) referência à impossibilidade de preservação da Amazônia, como consequência do excessivo contingente humano estabelecido na região.
- C) conclusão advinda da impossibilidade de impedir a intensa atividade humana na região amazônica, por se tratar da garantia única de seu desenvolvimento.
- D) condição indispensável para que haja um real desenvolvimento da região amazônica, com base nas atividades agropecuárias e na urbanização.
- E) restrição decorrente da verificação das altas taxas de ocupação humana na Amazônia, fato que conduz à deterioração inevitável do ambiente.

Esta e apenas uma amostra gratis. Adquira a versao completa em <http://www.concursoprepara.com.br>

Língua Portuguesa / Interpretação de texto; Argumentação; Pressupostos e subentendidos

Fonte: TÉCNICO JUDICIÁRIO - ÁREA ADMINISTRATIVA / TRE/RO / 2013 / FCC

Q8.

"Temos de agir agora para evitar o pior", comentou o agrônomo Eduardo Assad, pesquisador da Embrapa, ao apresentar as conclusões de um dos capítulos do primeiro relatório do Painel Brasileiro de Mudanças Climáticas – PBMC. Os pesquisadores esperam que as informações sirvam para nortear a elaboração e a implantação de políticas públicas e o planejamento das empresas.

Os desafios apontados no relatório são muitos. Ele indica que as consequências da elevação da temperatura média global serão dramáticas no Brasil. De acordo com os modelos computacionais de simulação do clima, a agricultura será o setor mais afetado, por causa das alterações nos regimes de chuva. "Mesmo que a quantidade de chuva fique inalterada, a disponibilidade de umidade do solo deve diminuir, em consequência da elevação da temperatura média anual, que intensifica a evapotranspiração", diz outro especialista. Segundo ele, esse fenômeno deve prejudicar os cultivos agrícolas em regiões onde a escassez de água é constante, como o semiárido nordestino. Uma provável consequência da redução da produtividade agrícola e da área de terras aptas à agricultura é a queda na renda das populações, intensificando a pobreza e a migração da área rural para as cidades que, por sua vez, deve agravar os problemas de infraestrutura (habitação, escola, saúde, transporte e saneamento).

Os efeitos na agricultura já podem ser dimensionados.

"De 1990 a 2010, a intensidade da precipitação dobrou na região do cerrado", diz Assad, "e o padrão tecnológico atual da agricultura ainda não se adaptou a esses novos padrões".

Agora, segundo ele, torna-se imperioso investir intensivamente em sistemas agrícolas consorciados, e não somente na produção agrícola solteira, de modo a aumentar a fixação biológica de nitrogênio, reduzir o uso de fertilizantes e aumentar a rotação de culturas. "Temos de aumentar a produtividade agrícola no Centro-Oeste, Sudeste e Sul, para evitar a destruição da Amazônia. A reorganização do espaço rural brasileiro agora é urgente."

Cheias e secas mais frequentes e intensas devem causar uma redução na produção agrícola também por outra razão. Pesquisadores da Embrapa concluíram que algumas doenças – principalmente as causadas por fungos – e pragas podem se agravar em muitas culturas analisadas, em decorrência da elevação dos níveis de CO₂ do ar, da temperatura e da radiação ultravioleta, acenando com a possibilidade de aumento de preços e redução da variedade de cereais, hortaliças e frutas. Cheias e secas devem também alterar a vazão dos rios e prejudicar o abastecimento dos reservatórios das hidrelétricas, acelerar a acidificação da água do mar e reduzir a biodiversidade dos ambientes aquáticos brasileiros. A perda de biodiversidade dos ambientes naturais deve se agravar; alguns já perderam uma área expressiva – o cerrado, 47%, e a caatinga, 44% – a ponto de os especialistas questionarem se a recuperação do equilíbrio biológico característico desses ambientes seria mesmo possível.

(Adaptado de: FIORAVANTI, Carlos. Revista FAPESP, agosto de 2013, p. 23 e 24)

Infere-se corretamente do texto, especialmente do que consta do 4º parágrafo:

- A) As conclusões dos especialistas apontam para a necessidade de buscar-se a sustentabilidade na produção agrícola, como forma de minimizar os efeitos provocados por eventos climáticos extremos.
- B) As medidas tomadas em relação à ocorrência de eventos climáticos extremos ainda não surtiram os efeitos benéficos referentes à agricultura brasileira, previstos nas conclusões de especialistas.
- C) A ocorrência de eventos climáticos extremos tem-se concretizado no país, resultando em amplo desenvolvimento tecnológico destinado especialmente a

ampliar a agricultura em todo o território nacional.

- D) O descontrolo de doenças que atingem algumas plantações, especialmente no cerrado, tem tornado a Amazônia uma das soluções prioritárias para a ampliação da produção agrícola no país.
- E) Os resultados apresentados têm sido determinantes no sentido de diminuir os prejuízos da agricultura brasileira, apesar da ocorrência de cheias e secas frequentes em algumas regiões.

Esta e apenas uma amostra grátis. Adquirir a versão completa em <http://www.concursosprepara.com.br>

Língua Portuguesa / Interpretação de texto; Argumentação; Pressupostos e subentendidos

Fonte: TÉCNICO MINISTERIAL - TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO / MPE/MA / 2013 / FCC

Q9.

Com a genial invenção das vogais no alfabeto grego, a escrita estava se disseminando pela Grécia antiga – e Sócrates, o homem mais sábio de todos os tempos, temia um desastre. Apreciador da linguagem oral, achava que só o diálogo, a retórica, o discurso, só a palavra falada estimulava o questionamento e a memória, os únicos caminhos que conduziam ao conhecimento profundo. Temia que os jovens atenienses, com o recurso fácil da escrita e da leitura, deixassem de exercitar a memória e perdessem o hábito de questionar. O grande filósofo intuiu que a transição da linguagem oral para a escrita seria uma revolução. E assim foi. Numa direção promissora, porém, que permitiu o mais esplêndido salto intelectual da civilização ocidental.

Agora, 2.500 anos depois, estamos às voltas com outra transição revolucionária. Da cultura escrita para a digital, é uma mudança de fundamentos como não ocorre há milênios. A forma física que o texto adquire num papiro de 3.000 anos antes de Cristo ou numa folha de papel da semana passada não é essencialmente distinta. Nos dois casos, existem enormes diferenças de qualidade e clareza, mas é sempre tinta sobre uma superfície maleável. Na era digital, a mudança é radical. O livro eletrônico oferece uma experiência visual e tátil inteiramente diversa.

Sob qualquer ângulo que se examine o cenário, é um momento histórico. Desde que os gregos criaram as vogais – o "aleph" semítico era uma consoante, que virou o "alfa" dos gregos e depois o "a" do alfabeto latino –, o ato de ler e escrever não sofria tamanho impacto cognitivo. Desde os tipos móveis de Gutenberg, o livro não recebia intervenção tecnológica tão significativa. O temor é que o universo digital, com abundância de informações e intermináveis estímulos visuais e sonoros, roube dos jovens a leitura profunda, a capacidade de entrar no que o grande filósofo Walter Benjamin chamou de "silêncio exigente do livro".

Leitura profunda não é esnobismo intelectual. É por meio dela que o cérebro cria poderosos circuitos neuronais. "O homem nasce geneticamente pronto para ver e falar, mas não para ler. Ler não é natural. É uma invenção cultural que precisa ser ensinada ao cérebro", explica a neurocientista Maryanne Wolf, autora de obra sobre o impacto da leitura no cérebro. Para tanto, ele tem de conectar os neurônios responsáveis pela visão, pela linguagem e pelo conceito. Em suma, precisa redesenhar a estrutura interna, segundo suas circunstâncias. Ao criar novos caminhos, expande sua capacidade de pensar, multiplicando as possibilidades intelectuais – o que, por sua vez, ajuda a expandir ainda mais a capacidade de pensar, numa esplêndida interação em que o cérebro muda o meio e o meio muda o cérebro. Pesquisadores investigam se a construção dos circuitos neuronais está sendo afetada nessa mudança para a era digital.

(Adaptado de: André Petry. Veja, 19 de dezembro de 2012, p. 151-6)

O sentido da expressão "silêncio exigente do livro", como se lê no 3º parágrafo, se explica

- A) pela atenção e concentração necessárias para a análise e a conseqüente assimilação do conteúdo de uma obra impressa.
- B) pela dificuldade de leitura encontrada, por vezes, em obras impressas que não têm a clareza necessária ao entendimento do conteúdo.
- C) pela obrigatoriedade da leitura de obras clássicas, no caso do livro impresso, diferentemente das opções oferecidas pelo mundo virtual.
- D) pelos estímulos digitais que favorecem a apreensão de informações rápidas e múltiplas, possibilitando uma abrangente formação cultural.
- E) pelo esforço empregado no manuseio de um livro impresso, em oposição à praticidade e ao conforto oferecidos pela leitura virtual.

Esta e apenas uma amostra grátis. Adquirir a versão completa em <http://www.concursoprepara.com.br>

Língua Portuguesa / Interpretação de texto; Argumentação; Pressupostos e subentendidos

Fonte: ASSISTENTE DE GESTÃO DE POLÍTICAS PÚBLICAS / FPTE/SP / 2012 / FCC

Q10.

Segundo seus próprios critérios, a conservação ambiental está fracassando. A biodiversidade da Terra segue em rápido declínio. Continuamos a perder florestas na África, Ásia e América Latina. Há tão poucos tigres e macacos selvagens que, muito em breve, se as tendências atuais se mantiverem, esses animais estarão extintos. Perdemos mais lugares do que salvamos. Ironicamente, a conservação está sendo nocauteada na luta para proteger a natureza, a despeito de vencer uma de suas batalhas mais duramente travadas – o embate pela criação de parques e áreas selvagens. Ao mesmo tempo em que espécies e lugares selvagens desaparecem em um ritmo crescente, o número de áreas protegidas ao redor do mundo cresce de maneira impressionante. No mundo todo, países delimitam áreas em que o desenvolvimento humano é restrito, na tentativa de preservá-las.

Sob a invocação do valor espiritual e transcendental da natureza intocada, existe um argumento em defesa do uso das paisagens para certos fins e não para outros. Trilhas para caminhadas, em vez de estradas; estações científicas, em vez de madeiras; hotéis, em vez de lares. Ao removermos comunidades instaladas há muito tempo e as substituímos por hotéis, extirpamos espécies indesejadas e estimulamos a presença de outras mais desejáveis, perfuramos poços para regar a floresta e impomos o manejo de fogo que combina controle e incêndios planejados, criamos parques que não são muito diferentes da Disneylândia.

Quando o conservacionismo se transformou em um empreendimento global, nas décadas de 70 e 80, a justificativa do movimento para salvar a natureza mudou. Valores espirituais e estéticos foram substituídos pela biodiversidade. A natureza foi descrita como primeva, frágil e sob risco em razão do abuso por parte da humanidade. Sem dúvida, há conseqüências da utilização da natureza para a mineração, a exploração de madeira, a agricultura intensiva e o desenvolvimento urbano, provocando o desaparecimento de espécies-chave ou de ecossistemas. Ecologistas e conservacionistas, no entanto, exageraram em suas considerações sobre a fragilidade da natureza ao argumentar, com frequência, que o desaparecimento de uma única espécie pode causar o colapso de um ecossistema inteiro. Também há exagero na ideia de que a perda de parte da biodiversidade pode provocar a destruição da Terra. Os dados não sustentam a ideia de uma natureza frágil em risco de colapso. Os ecologistas agora sabem que o desaparecimento de uma espécie não leva à extinção de nenhuma outra, muito menos de todas as outras no mesmo ecossistema.

(Peter Kareiva, Robert Lalasz e Michelle Marvier. Veja, 20 de junho de 2012, p.123-125, com adaptações)

A comparação de parques ecológicos com a Disneylândia remete

- A) a uma noção fantasiosa da natureza, que não condiz com a realidade, em razão da forte interferência humana na criação e manejo dessas áreas de conservação.
- B) ao valor comercial e lucrativo decorrente da exploração dos recursos naturais, que vem ocorrendo habitualmente, apesar dos riscos evidentes de seu esgotamento.
- C) aos aspectos estéticos e recreativos oferecidos por determinados lugares aos visitantes que procuram a natureza em busca de tranquilidade e bem-estar.
- D) ao necessário isolamento de certas áreas, para preservar suas características originais intocadas, sem as funestas conseqüências da presença humana.
- E) à exploração responsável dos recursos naturais, respeitando o que a própria natureza tem para oferecer, em benefício de comunidades locais.

Esta e apenas uma amostra grátis. Adquirir a versão completa em <http://www.concursoprepara.com.br>

Língua Portuguesa / Interpretação de texto; Argumentação; Pressupostos e subentendidos

Fonte: ANALISTA MINISTERIAL - JURÍDICO / MPE/PE / 2012 / FCC

Q11.

Entre 1639 e 1643 funcionou no telhado do casarão em Recife em que residia o conde Maurício de Nassau, governador do Brasil holandês, um observatório astronômico inspirado no da famosa Universidade de Leiden e dotado da melhor instrumentação da época, inclusive de uma luneta. O alemão

George Marcgrave (1610-1644), um dos naturalistas trazidos para cá por Nassau, foi o responsável pela abertura dessa janela para os céus em terras tropicais e seu único usuário. O livro O observatório no telhado, de Oscar T. Matsuura, reconta a história dessa empreitada científica e dos estudos feitos por Marcgrave nesse campo específico do conhecimento. Mais conhecido por seus trabalhos em história natural e cartografia feitos durante sua estada no Brasil, entre 1638 e 1643, Marcgrave é pouco lembrado por suas observações astronômicas. No livro, Matsuura enfoca justamente esse lado B do alemão, normalmente ofuscado por ele ter sido coautor do clássico *Historia naturalis brasiliae*. Tendo estudado em Leiden antes de vir para o Novo Mundo, ele foi um dos pioneiros no uso da luneta para observações astronômicas sistemáticas. Da sede do poder no Brasil holandês, Marcgrave acompanhou e anotou, sempre sozinho, alguns fenômenos celestes, sobretudo eclipses lunares e solares. Astrônomo de formação, Matsuura comenta tecnicamente cada observação feita por Marcgrave em solo brasileiro e também discute a polêmica histórica em torno da localização exata do observatório no telhado.

(Adaptado de Marcos Pivetta. Um telhado para as estrelas. Pesquisa FAPESP, fev. 2012. p. 93)

Depreende-se corretamente do texto que

- A) o observatório instalado no casarão de Nassau em Recife foi o primeiro centro de observações astronômicas no Novo Mundo.
- B) a existência do observatório astronômico no telhado do casarão era desconhecida dos outros naturalistas trazidos ao Brasil por Nassau.
- C) os instrumentos de observação astronômica foram fabricados no Brasil, ainda que inspirados nos do observatório da Universidade de Leiden.
- D) Marcgrave foi o primeiro estudioso a utilizar a luneta para a realização de observações astronômicas sistemáticas.
- E) os holandeses, sob o comando de Nassau, tinham como um de seus objetivos no Brasil a realização de estudos naturalistas e cartográficos.

Esta e apenas uma amostra gratis. Adquir a versao completa em <http://www.concursosprepara.com.br>

Língua Portuguesa / Interpretação de texto; Argumentação; Pressupostos e subentendidos

Fonte: ANALISTA JUDICIÁRIO - JUDICIÁRIA / TRT 6ª / 2012 / FCC

Q12.

Fora com a dignidade

Acho ótimo que a Igreja Católica tenha escolhido a saúde pública como tema de sua campanha da fraternidade deste ano. Todas as burocracias – e o SUS não é uma exceção – têm a tendência de acomodar-se e, se não as sacudirmos de vez em quando, caem na abulia. É bom que a Igreja use seu poder de mobilização para cobrar melhorias.

Tenho dúvidas, porém, de que o foco das ações deva ser o combate ao que dom Odilo Scherer, numa entrevista, chamou de terceirização e comercialização da saúde. É verdade que colocar um preço em procedimentos médicos nem sempre leva ao melhor dos desfechos, mas é igualmente claro que consultas, cirurgias e drogas têm custos que precisam ser gerenciados. Ignorar as leis de mercado, como parece sugerir dom Odilo, provavelmente levaria o sistema ao colapso, prejudicando ainda mais os pobres.

Para o religioso, é “a dignidade do ser humano” que deve servir como critério moral na tomada de decisões relativas a vida e morte. O problema com a “dignidade” é que ela é subjetiva demais. A pluralidade de crenças e preferências do ser humano é tamanha que o termo pode significar qualquer coisa, desde noções banais, como não humilhar desnecessariamente o paciente (forçando-o, por exemplo, a usar aqueles horríveis aventais vazados atrás), até a adesão profunda a um dogma religioso (há confissões que não admitem transfusões de sangue).

Numa sociedade democrática não podemos simples-

mente apanhar uma dessas concepções e elevá-la a valor universal. E, se é para operar com todas as noções possíveis, então já não estamos falando de dignidade, mas, sim, de respeito à autonomia do paciente, conceito que a substitui sem perdas.

(Hélio Schwartzman. Folha de S. Paulo, março/2012)

Considerando-se o contexto, traduz-se adequadamente o sentido de um segmento em:

- A) têm a tendência de acomodar-se (1º parágrafo) = reiteram uma conciliação.
- B) nem sempre leva ao melhor dos desfechos (2º parágrafo) = amiúde vai ao encontro dos seus objetivos.
- C) têm custos que precisam ser gerenciados (2º parágrafo) = há os ônus que requerem ratificação.
- D) adesão profunda a um dogma (3º parágrafo) = plena aceitação de um rígido preceito.
- E) elevá-la a valor universal (4º parágrafo) = reconhecê-la como plenamente aceitável.

Esta e apenas uma amostra grátis. Adquirir a versão completa em <http://www.concursosprepara.com.br>

Língua Portuguesa / Interpretação de texto; Argumentação; Pressupostos e subentendidos

Fonte: ANALISTA JUDICIÁRIO - JUDICIÁRIA / TRT 6ª / 2012 / FCC

Q13.

Fora com a dignidade

Acho ótimo que a Igreja Católica tenha escolhido a saúde pública como tema de sua campanha da fraternidade deste ano. Todas as burocracias – e o SUS não é uma exceção – têm a tendência de acomodar-se e, se não as sacudirmos de vez em quando, caem na abulia. É bom que a Igreja use seu poder de mobilização para cobrar melhorias.

Tenho dúvidas, porém, de que o foco das ações deva ser o combate ao que dom Odilo Scherer, numa entrevista, chamou de terceirização e comercialização da saúde. É verdade que colocar um preço em procedimentos médicos nem sempre leva ao melhor dos desfechos, mas é igualmente claro que consultas, cirurgias e drogas têm custos que precisam ser gerenciados. Ignorar as leis de mercado, como parece sugerir dom Odilo, provavelmente levaria o sistema ao colapso, prejudicando ainda mais os pobres.

Para o religioso, é “a dignidade do ser humano” que deve servir como critério moral na tomada de decisões relativas a vida e morte. O problema com a “dignidade” é que ela é subjetiva demais. A pluralidade de crenças e preferências do ser humano é tamanha que o termo pode significar qualquer coisa, desde noções banais, como não humilhar desnecessariamente o paciente (forçando-o, por exemplo, a usar aqueles horríveis aventais vazados atrás), até a adesão profunda a um dogma religioso (há confissões que não admitem transfusões de sangue).

Numa sociedade democrática não podemos simplesmente apanhar uma dessas concepções e elevá-la a valor universal. E, se é para operar com todas as noções possíveis, então já não estamos falando de dignidade, mas, sim, de respeito à autonomia do paciente, conceito que a substitui sem perdas.

(Hélio Schwartzman. Folha de S. Paulo, março/2012)

No contexto do 4º parágrafo, o segmento conceito que a substitui sem perdas deve ser entendido mais explicitamente como:

- A) A dignidade é substituída, sem perdas, pelo conceito de autonomia do paciente.
- B) A dignidade substitui, sem perdas, o conceito de autonomia do paciente.
- C) A autonomia do paciente deve ser substituída, sem perdas, pela dignidade dele.
- D) Substituem-se, sem perdas, tanto o conceito de dignidade como o de autonomia do paciente.
- E) A autonomia do paciente só será substituída sem perdas no caso de haver nele dignidade.

Esta e apenas uma amostra grátis. Adquirir a versão completa em <http://www.concursosprepara.com.br>

Q14.

Adoniran Barbosa é um grande compositor e poeta popular, expressivo como poucos; mas não é Adoniran nem Barbosa, e sim João Rubinato, que adotou o nome de um amigo funcionário do Correio e o sobrenome de um compositor admirado. A ideia foi excelente porque um compositor inventa antes de mais nada a sua própria personalidade; e porque, ao fazer isto, ele exprimiu a realidade tão paulista do italiano recoberto pela terra e do brasileiro das raízes europeias. Adoniran Barbosa é um paulista de cerne que exprime a sua terra com a força da imaginação alimentada pelas heranças de fora.

Já tenho lido que ele usa uma língua misturada de italiano e português. Não concordo. Da mistura, que é o sal da nossa terra, Adoniran colheu a flor e produziu uma obra radicalmente brasileira, em que as melhores cadências do samba e da canção se aliaram com naturalidade às deformações normais de português brasileiro, onde Ernesto vira Ernesto e assim por diante.

São Paulo muda muito, e ninguém é capaz de dizer aonde irá. Mas a cidade que nossa geração conheceu (Adoniran é de 1910) foi a que se sobrepôs à velha cidadezinha provinciana, entre 1900 e 1950; e que desde então vem cedendo lugar a uma outra, transformada em vasta aglomeração de gente vinda de toda parte. Esta cidade que está acabando, que já acabou com a garoa, os bondes, o trem da Cantareira, as cantigas do Bexiga, Adoniran não a deixará acabar, porque graças a ele ela ficará, misturada vivamente com a nova mas, como o quarto do poeta, também "intacta, boiando no ar".

A sua poesia e a sua música são ao mesmo tempo brasileiras em geral e paulistanas em particular. Sobretudo quando entram (quase sempre discretamente) as indicações de lugar, para nos porem no Alto da Mooca, no Brás genérico, no recente Metrô, no antes remoto Jaçanã. Talvez João Rubinato não exista, porque quem existe é o mágico Adoniran Barbosa, vindo dos carregadores de café para inventar no plano da arte a permanência da sua cidade e depois fugir, com ela e conosco, para a terra da poesia, ao apito fantasmal do trenzinho perdido da Cantareira.

(Adaptado de Antonio Candido. Textos de intervenção. São Paulo, Duas Cidades, Ed.34, 2002, p.211-213)

No primeiro parágrafo, Antonio Candido

- A) destaca a contribuição de Adoniran Barbosa para a comunidade italiana de São Paulo, na época em que a cidade era conhecida como terra da garoa.
- B) analisa o contexto histórico em que a obra de Adoniran Barbosa aflorou, emitindo opinião crítica sobre a cidade que a acolheu.
- C) contextualiza a obra de Adoniran Barbosa, expondo as características positivas e negativas da época em que o autor compunha.
- D) fornece alguns dados biográficos sobre Adoniran Barbosa e emite opiniões críticas favoráveis a respeito do compositor.
- E) critica João Rubinato por ter alterado o seu nome tipicamente brasileiro, embora reconheça que o pseudônimo escolhido tem maior força poética.

Esta e apenas uma amostra grátis. Adquira a versão completa em <http://www.concursoprepara.com.br>

Q15.

Entre a palavra e o ouvido

Nossos ouvidos nos traem, muitas vezes, sobretudo quando decifram (ou acham que decifram) palavras ou expressões pela pura sonoridade. Menino pequeno, gostava de ouvir uma canção dedicada a uma mulher misteriosa, dona Ondirá. Um dia pedi que alguém a cantasse, disse não saber, dei a deixa: "Tão longe, de mim distante, Ondirá, Ondirá, teu pensamento?" Ganhei uma gargalhada em resposta. Um dileto amigo achava esquisito o grande Nat King Cole cantar seu amor por uma misteriosa espanhola, uma tal de dona Quiças... O ator Ney Latorraca afirma já ter sido tratado por seu Neila. Neila Torraca, é claro. Agora me diga, leitor amigo: você nunca foi apresentado a um velhinho chamado Fulano Detal?

(Armando Fuad. Inédito)

É correto afirmar que, ao se valer da expressão:

- A) **sobretudo quando decifram (...) pela pura sonoridade, o autor se refere exclusivamente** ao equívoco causado pela recepção dos sons.
- B) *Ganhei uma gargalhada em resposta*, o autor não deixa entrever qual teria sido a pergunta.
- C) *uma tal de dona Quiças*, o autor faz ver que o ouvinte se confundiu por não conhecer a personagem.
- D) *Neila Torraca*, o autor se vale de um equívoco de audição inteiramente distinto do que ocorreu em *Fulano Detal*.
- E) **Menino pequeno, o autor torna implícito a ela um sentido de temporalidade.**

Esta e apenas uma amostra gratis. Adquira a versao completa em <http://www.concursoprepara.com.br>

Língua Portuguesa / Interpretação de texto; Argumentação; Pressupostos e subentendidos

Fonte: AGENTE DE FISCALIZAÇÃO FINANCEIRA / TCE/SP / 2012 / FCC

Q16.

Valores ocidentais

Quando o discurso político alcança seu nível mais raso, os "valores ocidentais" aparecem. Normalmente, eles são utilizados para expor "aquilo pelo qual lutamos", aquilo que pretensamente faria a diferença e a superioridade moral de nossa forma de vida – esta que encontraria sua melhor realização no interior das sociedades democráticas liberais.

Nesse sentido, mesmo quando criticamos nossas sociedades ocidentais, não seríamos capazes de sair do horizonte normativo que define o conjunto de seus valores.

Pois se, por exemplo, criticamos a falta de liberdade e a injustiça social, seria sempre em nome de valores que ainda não se realizaram, mas a respeito dos quais nós, ocidentais, saberíamos, de antemão, seu sentido.

Para aqueles que impostam a voz na hora de falar em nome dos valores ocidentais, não há conflitos a respeito do que liberdade, justiça e autonomia significam. Não passa pela cabeça deles que talvez estejamos diante de palavras que não têm conteúdo normativo específico, mas são algo como significantes vazios, disputados por interpretações divergentes próprias a uma sociedade marcada por antagonismos fundamentais.

Por isso, se há algo que determina o que há de mais importante na tradição ocidental é exatamente a ideia de que não temos clareza a respeito do que nossos valores significam. Pois o que nos leva a criticar aspectos fundamentais de nossa sociedade não é um déficit a propósito da realização de valores, mas um sentimento que Freud bem definiu como mal-estar, ou seja, um sofrimento indefinido que nos lembra a fragilidade de toda normatividade social extremamente prescritiva.

Isso talvez nos explique por que os gregos, estes

que teriam inventado a democracia ocidental com seus valores, na verdade, legaram-nos apenas um valor fundamental: a suspeita de si.

Uma suspeita que se manifesta por meio da exigência de saber acolher o que nos é estranho, o que não porta mais nossa imagem, o que não tem mais a figura de nossa humanidade.

Quem leu as tragédias de Sófocles sabe como sua questão fundamental é o que ocorre quando a polis não sabe mais acolher o que ainda não tem lugar no interior de nossas formas de vida.

Por outro lado, quando Ulisses, o herói de Homero, perdia-se em sua errância sem fim, suas palavras para os habitantes de outras terras eram sempre a exigência de abrigar o estrangeiro.

Por isso, o melhor que temos a fazer diante dos que sempre pregam os valores ocidentais é lembrá-los das palavras de Nietzsche: "Muitas vezes, é necessário saber se perder para poder encontrar-se".

(Vladimir Safatle. Folha de S.Paulo, opinião, terça-feira, 13 de dez. de 2011. p. 2)

Entende-se corretamente do texto:

- A) As teorias de Freud explicam que a insatisfação com o mundo em que vive é própria do ser humano, em nada dependendo do modo como se organizam as sociedades.
- B) O homem ocidental não encontra outro ponto de referência para avaliar sua forma de vida que não seja o delineado pelos valores, ainda que considerados no plano da idealidade, das democracias liberais.
- C) Suspeitar de si, ou seja, fazer mau juízo de si no que se refere à natureza dos instintos humanos, é a única herança que o povo heleno ofertou à modernidade.
- D) Os políticos manifestam alienação ao não compreenderem que o homem moderno não almeja a superioridade moral, exatamente por ser consciente de que não há forma de vida realmente democrática.
- E) A sociedade contemporânea desconhece o que sejam valores, em virtude de vivenciar com exclusividade a falta, isto é, a ausência do que lhe é necessário e desejável para a realização de um modo de vida que seria superior.

Esta e apenas uma amostra gratis. Adquiria a versao completa em <http://www.concursoprepara.com.br>

Língua Portuguesa / Interpretação de texto; Argumentação; Pressupostos e subentendidos

Fonte: TÉCNICO JUDICIÁRIO - TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO / TRT 20ª / 2010 / FCC

Q17.

O Brasil é hoje um dos líderes mundiais do comércio agrícola, ocupando a primeira posição nos embarques de açúcar e de carne bovina e a segunda, nas vendas de soja e de carnes de aves. Já era o maior exportador mundial de café, mas até há uns 20 anos a maior parte de sua produção agropecuária era menos competitiva que a das principais potências produtoras. Esse quadro mudou, graças a um persistente esforço de modernização do setor. Um levantamento da Organização Mundial do Comércio (OMC) conta uma parte dessa história, mostrando o aumento da presença brasileira nas exportações globais ente 1999 e 2007. Uma história mais completa incluiria também um detalhe ignorado pelos brasileiros mais jovens: o suprimento do mercado interno tornou-se muito melhor quando o país se transformou numa potência exportadora e as crises de abastecimento deixaram de ocorrer. Essa coincidência não ocorreu por acaso.

A prosperidade mundial e o ingresso de centenas de milhões de pessoas no mercado de consumo, em grandes economias emergentes, favoreceram a expansão do comércio de produtos agropecuários nas duas últimas décadas. Mas, apesar das condições favoráveis criadas pela demanda em rápida expansão, houve uma dura concorrência entre os grandes produtores. A competição foi distorcida pelos subsídios e pelos mecanismos de proteção adotados no mundo rico e, em menor

proporção, em algumas economias emergentes.

A transformação do Brasil num dos líderes mundiais de exportação agropecuária foi possibilitada por uma combinação de ações políticas e empresariais. Um dos fatores mais importantes foi o trabalho das instituições de pesquisa, amplamente reforçado a partir da criação da Embrapa, nos anos 70. A ocupação do cerrado por agricultores provenientes de outras áreas – principalmente do Sul – intensificou-se nessa mesma época. Nos anos 80, rotulados por economistas como "década perdida", a agropecuária exibiu dinamismo e modernizou-se, graças ao investimento em novas tecnologias e à adoção de melhores práticas de produção. O avanço tecnológico foi particularmente notável, nessa época, na criação de gado de corte e na produção de aves. Isso explica, em boa parte, o sucesso comercial dos dois setores nos anos seguintes. Com o abandono do controle de preços, a transformação da agropecuária acelerou-se nos anos 90 e o Brasil pôde firmar sua posição como grande exportador.

A magnitude da transformação fica evidente quando se observam os ganhos de produtividade. As colheitas cresceram muito mais do que a área ocupada pelas lavouras. Aumentou a produção de carne bovina, indicando uma pecuária muito mais eficiente. No setor de aves, o volume produzido expandiu-se consideravelmente. Isso permitiu não só um grande avanço no mercado externo, mas também um enorme aumento do consumo por habitante no mercado interno. Proteínas animais tornaram-se muito baratas, refletindo-se nas condições de vida de milhões de brasileiros.

(O Estado de S. Paulo, Notas & Informações, A3, 29 de novembro de 2009, com adaptações)

É correto afirmar, de acordo com o texto, que:

- A) apesar da adoção de melhores práticas de produção, a transformação do Brasil em país exportador foi impossibilitada por barreiras criadas nos países mais ricos.
- B) a dura concorrência entre os grandes produtores levou a uma redução das áreas destinadas à agropecuária, em todo o país.
- C) as condições de vida de milhões de brasileiros melhoraram em razão da oferta abundante de alguns produtos no mercado interno.
- D) as grandes economias emergentes foram responsáveis por eventuais crises de abastecimento, devido ao aumento da demanda por alimentos.
- E) o sucesso comercial dos produtos agropecuários brasileiros se deveu, especialmente, à melhoria no abastecimento do mercado interno.

Esta e apenas uma amostra grátis. Adquirir a versão completa em <http://www.concursoprepara.com.br>

Língua Portuguesa / Interpretação de texto; Argumentação; Pressupostos e subentendidos

Fonte: ANALISTA JUDICIÁRIO - TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO / TRT 9ª / 2010 / FCC

Q18.

Sobre a crença e a ciência

A pergunta que mais me faz quando dou palestras é se acredito em Deus. Quando respondo que não acredito, vejo um ar de confusão, às vezes até de medo no rosto das pessoas. "Mas como é que o senhor consegue dormir à noite?" Não há nada de estranho em perguntar a um cientista sobre suas crenças. Mesmo o grande Newton via um papel essencial para Deus na natureza: Ele interferia para manter o cosmo em xeque, de modo que os planetas não desenvolvessem instabilidades e acabassem todos amontoados no centro, junto ao Sol. Porém, logo ficou claro que a natureza podia cuidar de si mesma. O Deus que interferia no mundo transformou-se no Deus criador: após criar o mundo, deixou-o à mercê de suas leis. Mas, nesse caso, o que seria de Deus? Se essa tendência continuasse, a ciência tornaria Deus desnecessário? Foi dessa tensão que surgiu a crença de que a agenda da ciência é roubar Deus das pessoas. Eu conheço muitos cientistas religiosos que não veem

qualquer conflito entre a sua ciência e a sua crença. Para eles, quanto mais entendem o Universo, mais admiram a obra do seu Deus. (São vários) Mesmo que essa não seja a minha posição, respeito os que creem. A ciência se propõe simplesmente a interpretar a natureza, expandindo nosso conhecimento do mundo natural. Sua missão é aliviar o sofrimento humano, aumentando o conforto das pessoas, desenvolvendo técnicas de produção avançadas, ajudando no combate de doenças. O problema se torna sério quando a religião se propõe a explicar fenômenos naturais: dizer que o mundo tem menos de 7.000 anos ou que somos descendentes diretos de Adão e Eva é equivalente a viver no século 16 ou antes disso. A insistência em negar os avanços e as descobertas da ciência é, francamente, inaceitável.

Podemos dizer que há dois tipos de pessoa: os naturalistas e os sobrenaturalistas: estes veem forças ocultas por trás dos afazeres dos homens, escravizados por crenças inexplicáveis, e aqueles aceitam que nunca teremos todas as respostas. Mas, em vez de temer o desconhecido, os naturalistas abraçam essa ignorância como um desafio, e não uma prisão. É por isso que eu durmo bem à noite.

(Adaptado de Marcelo Gleiser, cientista e professor de física teórica. Folha de S. Paulo, 28/03/2010)

Atente para as seguintes afirmações:

I. No 2º parágrafo, afirma-se que a ciência fundamentou o papel de Deus como criador do universo, ao negar seu papel de interventor na natureza.

II. No 3º parágrafo, evidências científicas, como a de que o mundo tem muito mais que 7.000 anos, são lembradas para contestar o que apregoam certas crenças.

III. No 4º parágrafo, identifica-se nos mistérios do universo a fonte de um temor que tanto pode assaltar um cientista como a um crente.

Em relação ao texto, está correto o que se afirma em:

- A) I, II e III.
- B) I e II, apenas.
- C) I e III, apenas.
- D) II e III, apenas.
- E) II, apenas.

Esta e apenas uma amostra grátis. Adquirir a versão completa em <http://www.concursoprepara.com.br>

Língua Portuguesa / Interpretação de texto; Argumentação; Pressupostos e subentendidos

Fonte: ANALISTA JUDICIÁRIO - ADMINISTRATIVA / TRF 4ª / 2010 / FCC

Q19.

O advento das comunicações de massa

Algumas vezes nos perguntamos como sobrevivíamos antes da internet, telefones celulares e outros equipamentos que nos parecem hoje absolutamente indispensáveis. Lembremos que essas tecnologias, assim como a do rádio e a da televisão, já profundamente enraizadas em nossas práticas individuais e coletivas, são aquisições recentíssimas da humanidade.

O interesse cada vez maior pela tecnologia é um dos

traços da modernidade que se organiza com o fim da Idade Média, substituindo o apego à tradição pela crescente importância da razão e da ciência, vinculando conhecimento técnico a progresso.

A atração por meios eletrônicos de comunicação está diretamente associada às telecomunicações por ondas, que remontam ao século XIX. Os Estados Unidos, já no século XX, se destacaram rapidamente no uso do rádio. Um fato que se tornou clássico foi protagonizado em 1938 pelo cineasta Orson Welles, então um jovem e desconhecido radialista. Ele leu trechos da obra ficcional **A guerra dos mundos** como se estivesse transmitindo um relato real de invasão de extraterrestres. Utilizando surpreendentes recursos do jornalismo radiofônico, levou pânico aos norte-americanos que, por alguns instantes, agiram como se estivessem na iminência de um ataque catastrófico.

Nos dias atuais, a tecnologia associada à produção virtual interpela o cotidiano de forma cada vez mais contundente. Já no início da década de 1970 surge o microprocessador, ocasionando uma verdadeira revolução no mundo da eletrônica. Na segunda metade da década de 90, um novo sistema de comunicação eletrônica começou a ser formado com a fusão da mídia de massa personalizada, globalizada, com a comunicação mediada por computadores – a multimídia, que estende o âmbito da comunicação eletrônica para todos os domínios da vida, inserindo-se no cotidiano da vida pública e privada, introduzindo-nos num universo de novas percepções.

As técnicas não determinam nada, em si mesmas.

Dependem de interpretações e usos conduzidos por grupos ou indivíduos que delas se apropriam. Por isso, a história dos meios de comunicação nos ajuda a entender e interpretar relações de poder político, cultural e econômico, bem como a configuração da subjetividade contemporânea.

(Adaptado de Leituras da História, número 04, 2007)

Atente para as seguintes afirmações:

I. O fato de a moderna tecnologia trazer consigo indiscutíveis vantagens faz com que percamos a memória de tempos que já foram melhores para a humanidade.

II. Uma obra como A guerra dos mundos mostra, por si mesma, o poder da literatura de ficção sobre seu público, exercendo efeito imediato em seu comportamento.

III. O surgimento do microprocessador e a expansão da multimídia foram duas revoluções no universo das comunicações, refletindo-se no modo de ser do homem contemporâneo.

Em relação ao texto, está correto o que se afirma em:

- A) I, II e III.
- B) I e II, apenas.
- C) II e III, apenas.
- D) I e III, apenas.
- E) III, apenas.

Esta e apenas uma amostra grátis. Adquirir a versão completa em <http://www.concursosprepara.com.br>

Língua Portuguesa / Interpretação de texto; Argumentação; Pressupostos e subentendidos

Fonte: ANALISTA DO MINISTÉRIO PÚBLICO - GESTÃO E ANÁLISE DE PROJETO DE SISTEMA / MPE/SE / 2010 / FCC

Q20.

Na balança da dor e da alegria

Como ocorre a cada quatro anos, neste houve mais uma Copa Mundial de Futebol. Mudam os jogadores, muda o país-sede, entra uma seleção, sai outra, variam os esquemas táticos, mas uma coisa não muda: há sempre grandes prazeres junto a grandes sofrimentos nacionais. As pessoas mais sensatas procuram convencer as outras de que “se trata apenas de um jogo”, de que “o esporte é só um entretenimento”, mas o consolo parece inútil: os gritos subirão, as lágrimas descerão. Na balança emocional de um torcedor, à incalculável alegria da vitória deve corresponder, necessariamente, a incalculável desgraça da derrota.

Talvez tenha que ser assim mesmo. As grandes paixões nos movem sempre para muito perto do desequilíbrio, quando já não o são, em sua fúria. À margem da paixão ficariam apenas os seres extremamente ponderados, os grandes indiferentes, os irrecuperáveis entediados. O poeta Carlos Drummond de Andrade formulou, num poema, esta admirável consideração sobre o sentimento do tédio: “Que tristes são as coisas, consideradas sem ênfase”. É isso: o poeta, num momento doloroso de apatia e desânimo, experimentou a sensação do valor ausente, da falta do tônus vital.

Nesta Copa de 2010, muitos brasileiros experimentaram uma estranha sensação: a de que uma grande dor pode, subitamente, dar lugar a um grande prazer. A complicação dessa antítese está no fato de que ela foi gerada por uma perversão: o sentimento da vingança. Desclassificados, tornamo-nos objetos das piadas argentinas; desclassificados em seguida, os argentinos tornaram-se piadas nossas. Nada que compensasse, por certo, a perda de uma Copa (que vemos como nossa propriedade privada), mas mais uma vez uma grande dor e um grande prazer alternaram-se, na balança das paixões. A questão de fundo, como se vê, não é simples: os grandes moderados seriam capazes do risco de um grande amor? A sensatez sente ciúmes? A tentação entra na bolsa de valores? A quem acha que o futebol afinal de contas não é mais que um “simples jogo” haverá quem retruque: “A vida também é”. E tudo recomeça.

(Bonifácio de Arruda, inédito)

Esse texto é:

- A) conclusivo quanto ao fato de que todo jogo não constitui mais que um simples entretenimento.
- B) conclusivo quanto ao fato de que a capacidade de amar acaba excluindo a possibilidade de odiar.
- C) reticente quanto a valer a pena sofrer por um jogo, pois talvez não haja alegria que compense tal sofrimento.
- D) taxativo quanto à possibilidade de que, no jogo das paixões, correspondam-se a dor e o prazer máximos.
- E) taxativo quanto à vantagem que há em se poupar dos excessos de qualquer tipo de emoção.

Esta e apenas uma amostra grátis. Adquira a versão completa em <http://www.concursoprepara.com.br>

Língua Portuguesa / Interpretação de texto; Argumentação; Pressupostos e subentendidos

Fonte: ANAL. PROC. ORG. - ANÁLISE DE SISTEMAS/SISTEMAS DE INFORMAÇÃO/CIÊNCIA DA COMPUTAÇÃO / BAHIA GÁS / 2010 / FCC

Q21.

O mito de Prometeu

Os mitos – narrativas pelas quais os antigos buscavam explicar, simbolicamente, os principais acontecimentos da vida – continuam sugerindo lições, mesmo depois de a ciência ter encontrado explicação para tantos fenômenos. O mito de Prometeu, por exemplo, é um dos mais belos: fala de um titã que resolveu ensinar às criaturas o manejo do arado, a

cunhagem das moedas, a escrita, a extração de minérios. Mas sobretudo Ihes estendeu o poder e o uso do fogo, que furtou do Olimpo e que passou a ser o marco inicial da civilização. Zeus irritou-se com a ousadia de Prometeu e condenou-o, como punição por ter possibilitado aos homens um poder divino, ao flagelo de ficar acorrentado a um penhasco do monte Cáucaso, sendo o fígado devorado por uma águia diariamente (os órgãos dos titãs se regeneram). Seu sofrimento durou várias eras, até que Hércules, compadecido, abateu a águia e livrou Prometeu de seu suplício. Entretanto, para que a vontade de Zeus fosse cumprida, o gigante passou a usar um anel com uma pedra retirada do monte – pelo que se poderia dizer que ele continuava preso ao Cáucaso.

É um mito significativo e, como todo mito, deve ser sempre reinterpretado, a cada época, em função de um novo contexto histórico. Em nossos dias, Prometeu acorrentado e punido pode lembrar-nos os riscos do progresso, as perigosas consequências da tecnologia mal empregada, as catástrofes, em suma, que podem advir do abuso do fogo (como não pensar na bomba atômica, por exemplo?).

Os pais sempre aconselham os filhos pequenos a “não brincarem com o fogo”. Claro que o aviso é específico, e se aplica diretamente ao medo de que ocorram queimaduras. Mas não deixa de ser interessante pensar que, se alguém não tivesse, qual Prometeu, “brincado” com o fogo, dominando-o, a humanidade não teria dado o primeiro passo no rumo da civilização.

(Euclides Saturnino, inédito)

Considerando-se o contexto, traduz-se corretamente o sentido de um segmento em:

- A) *Ihes estendeu o poder* (1º parágrafo) = concedeu-lhes a potência.
- B) *condenou-o (...) ao flagelo* (2º parágrafo) = impô-lo à humanidade.
- C) *pelo que se poderia dizer* (2º parágrafo) = a despeito do que se fazia.
- D) *em função de um novo contexto histórico* (3º parágrafo) = com o fito de propiciar o inédito.
- E) *o aviso é específico* (4º parágrafo) = a advertência é simbólica.

Esta e apenas uma amostra gratis. Adquira a versao completa em <http://www.concursoprepara.com.br>

Língua Portuguesa / Interpretação de texto; Argumentação; Pressupostos e subentendidos

Fonte: ADMINISTRADOR / DNOCS / 2010 / FCC

Q22.

Cultura de massa e cultura popular

O poder econômico expansivo dos meios de comunicação parece ter abolido, em vários momentos e lugares, as manifestações da cultura popular, reduzindo-as à função de folclore para turismo. Tal é a penetração de certos programas de rádio e TV junto às classes pobres, tal é a aparência de modernização que cobre a vida do povo em todo o território brasileiro, que, à primeira vista, parece não ter sobrado mais nenhum espaço próprio para os modos de ser, pensar e falar, em suma, viver, tradicionais e populares.

A cultura de massa entra na casa do caboclo e do trabalhador da periferia, ocupando-lhe as horas de lazer em que poderia desenvolver alguma forma criativa de autoexpressão; eis o seu primeiro tento. Em outro plano, a cultura de massa aproveita-se dos aspectos diferenciados da vida popular e os explora sob a categoria de reportagem popularesca e de turismo. O vampirismo é assim duplo e crescente; destrói-se por dentro o tempo próprio da cultura popular e exhibe-se, para consumo do telespectador, o que restou desse tempo, no artesanato, nas festas, nos ritos. Poderíamos, aqui, configurar com mais clareza uma relação de aparelhos econômicos industriais e comerciais que exploram, e a cultura popular, que é explorada. Não se pode, de resto, fugir à luta fundamental: é o capital à procura de matéria-prima e de mão de obra para manipular, elaborar e vender. A macumba na televisão, a escola de samba no Carnaval estipendiado para o turista, são

exemplos de conhecimento geral.

No entanto, a dialética é uma verdade mais séria do que supõe a nossa vã filosofia. A exploração, o uso abusivo que a cultura de massa faz das manifestações populares não foi ainda capaz de interromper para sempre o dinamismo lento, mas seguro e poderoso da vida arcaico-popular, que se reproduz quase organicamente em microescalas, no interior da rede familiar e comunitária, apoiada pela socialização do parentesco, do vicinato e dos grupos religiosos.

(Alfredo Bosi. *Dialética da colonização*. S. Paulo: Companhia das Letras, 1992, pp. 328-29)

Um mesmo fenômeno é expresso pelos segmentos:

- A) poder econômico expansivo e socialização do parentesco..
- B) aparência de modernização e forma criativa de autoexpressão..
- C) aspectos diferenciados da vida popular e reportagem popularesca..
- D) aparelhos econômicos e a dialética é uma verdade mais séria..
- E) o dinamismo lento e se reproduz quase organicamente..

Esta e apenas uma amostra gratis. Adquiria a versao completa em <http://www.concursoprepara.com.br>

Língua Portuguesa / Interpretação de texto; Argumentação; Pressupostos e subentendidos

Fonte: TÉCNICO JUDICIÁRIO - ADMINISTRATIVA / TRE/PI / 2009 / FCC

Q23.

O governo brasileiro está certo ao eleger a manutenção do emprego como prioridade, mas isso não bastará para preservar o novo padrão de vida alcançado por milhões de famílias, se os chamados fundamentos da economia forem comprometidos. A redução da pobreza no Brasil, desde a última década, resultou não só do retorno ao crescimento econômico, mas também do controle da inflação e do fortalecimento das políticas sociais. A lembrança destes fatos é particularmente importante neste momento, quando a crise global ameaça lançar milhões de pessoas na miséria, em todo o mundo, e as metas de redução da pobreza – as chamadas Metas do Desenvolvimento do Milênio – parecem tornar-se mais distantes. Com uma indústria importante e diversificada e uma agropecuária eficiente e competitiva, o Brasil tem condições excepcionalmente favoráveis para enfrentar a crise originada nos mercados financeiros do mundo rico. Mas uma parcela considerável de sua população ainda vive em condições precárias e alguns milhões de famílias só recentemente ingressaram no mercado de consumo. Os efeitos sociais mais graves da crise devem ser menos sentidos no Brasil do que em outros países em desenvolvimento, mas nem por isso as autoridades nacionais devem desconsiderar o cenário social descrito no Relatório de Acompanhamento Global preparado pelo Banco Mundial.

Segundo esse relatório, o número de pessoas em extrema pobreza aumentará em 2009 devido à crise global. A retração econômica nos países em desenvolvimento deverá jogar na extrema pobreza 55 milhões de pessoas, na melhor hipótese, ou 90 milhões, na menos favorável, segundo o Banco Mundial. Os países de renda baixa serão afetados, de acordo com o relatório, por uma combinação de desastres: redução dos volumes e dos preços de exportação, do dinheiro enviado pelos migrantes, do turismo, do investimento estrangeiro e, talvez, da ajuda oficial. Muitas famílias em países pobres ou em desenvolvimento dependem da ajuda de parentes no exterior. Com o desemprego no mundo rico, essa fonte secou. As maiores vítimas da crise global pouco sabem de economia e finanças e simplesmente batalham para manter suas famílias e conquistar melhores condições de vida. Nos países de renda média como o Brasil, isso pode corresponder a

uma geladeira, um televisor, um aparelho de som – comprados a crédito – e, mais importante, mais educação para os filhos.

(O Estado de S. Paulo, Notas e Informações, A3, 26 de abril de 2009, com adaptações)

De acordo com o texto, a redução da pobreza no Brasil teve como razões principais:

- A) ênfase no número de empregos, expansão da indústria e agropecuária bastante rentável.
- B) manutenção do número de empregos, fortalecimento da indústria e agropecuária expressiva.
- C) retomada do crescimento econômico, controle da inflação e políticas sociais efetivas.
- D) crise financeira nos países ricos, controle eficaz da inflação e expansão industrial.
- E) crescimento do mercado consumidor, retração econômica nos países ricos e agropecuária competitiva.

Esta e apenas uma amostra gratis. Adquirira a versao completa em <http://www.concursoprepara.com.br>

Língua Portuguesa / Interpretação de texto; Argumentação; Pressupostos e subentendidos

Fonte: TÉCNICO ADMINISTRATIVO / METRO/SP / 2009 / FCC

Q24.

Durante uma grande seca, por volta de 1.400, índios da Guatemala descobriram que, ao mascar uma resina extraída de uma árvore, chamada sapodilha, estimulavam a produção de saliva e enganavam a sede. Também no México, em plena civilização maia e, portanto, ainda mais distante no tempo (cerca de 500 a.C.), essa mesma resina era utilizada com igual finalidade. "Quando se corta a crosta da sapodilha, brota uma substância leitosa que forma uma camada de proteção à árvore, justamente sobre a área de corte. Essa substância é o chicle", diz a arqueóloga e antropóloga americana Jennifer Mathews. E é debruçando-se sobre a história que também surgem notícias de que o chicle, misturado a outras substâncias, foi utilizado no final do período Paleolítico (há 11 mil anos) para colar ferramentas, utensílios domésticos e armas. "Os povos usavam o material como antisséptico para tratar infecções da gengiva e ainda como cola para consertar seus instrumentos." Ela se baseia nas tradicionais crônicas de frei Bernardino de Sahagún (1499-1590) para ilustrar alguns dos costumes pré-colombianos de mascar a goma, atualmente popularizada em todo o mundo como chiclete.

Foi por acaso que o industrial americano Thomas Adams passou a produzir sua "invenção", adicionando ao chicle o alcaçuz – planta de raiz adocicada – em formato de bolas embaladas em papéis coloridos. Com o advento da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), a nova goma se popularizou, inclusive nos campos de batalha. Nascia aí uma indústria que movimenta anualmente cerca de 19 bilhões de dólares. "Nos sítios arqueológicos podemos mergulhar em um passado milenar que, curiosamente, está conectado com um dos mais populares produtos que a humanidade já produziu", conclui a antropóloga.

(Adaptado de Luciana Sgarbi. Istoé, 27/5/2009, p. 96-97)

No texto, a autora:

- A) manifesta descrença nas descobertas nos sítios arqueológicos.
- B) critica certos costumes curiosos, bastante populares atualmente.
- C) levanta hipóteses sobre comportamentos primitivos de povos guerreiros.
- D) condena certos costumes atuais, apesar de sua popularidade.
- E) traz informações a respeito de um hábito de raízes ancestrais.

Esta e apenas uma amostra gratis. Adquirira a versao completa em <http://www.concursoprepara.com.br>

Língua Portuguesa / Interpretação de texto; Argumentação; Pressupostos e subentendidos

Q25.

Caipiradas

A gente que vive na cidade procurou sempre adotar modos de ser, pensar e agir que lhe pareciam os mais civilizados, os que permitem ver logo que uma pessoa está acostumada com o que é prescrito de maneira tirânica pelas modas – moda na roupa, na etiqueta, na escolha dos objetos, na comida, na dança, nos espetáculos, na gíria. A moda logo passa; por isso, a gente da cidade deve e pode mudar, trocar de objetos e costumes, estar em dia. Como consequência, se entra em contato com um grupo ou uma pessoa que não mudaram tanto assim; que usam roupa como a de dez anos atrás e respondem a um cumprimento com certa fórmula desusada; que não sabem qual é o cantor da moda nem o novo jeito de namorar; quando entra em contato com gente assim, o cidadão diz que ela é caipira, querendo dizer que é atrasada e portanto meio ridícula.

Diz, ou dizia; porque hoje a mudança é tão rápida que o termo está saindo das expressões de todo dia e serve mais para designar certas sobrevivências teimosas ou alteradas do passado: músicas caipiras, festas caipiras, danças caipiras, por exemplo. Que, aliás, na maioria das vezes, conhecemos não praticadas por caipiras, mas por gente que finge de caipira e usa a realidade do seu mundo como um produto comercial pitoresco.

*Nem podia ser de outro modo, porque o mundo em geral está mudando depressa demais, e nada pode ficar parado. Hoje, creio que não se pode falar mais de criatividade cultural no universo do caipira, porque ele quase acabou. O que há é impulso adquirido, resto, repetição – ou paródia e imitação deformada, mais ou menos parecida. Há, registre-se, iniciativas culturais com o fito de fixar o que sobra de autêntico no mundo caipira. É o caso do disco *Caipira. Raízes e frutos*, do selo *Eldorado*, gravado em 1980, que será altamente apreciado por quantos se interessarem por essa cultura tão especial, e já quase extinta.*

(Adaptado de Antonio Candido, Recortes)

Atente para as seguintes afirmações sobre o primeiro parágrafo:

I. Com a expressão o que é prescrito de maneira tirânica, o autor está qualificando modos de ser, pensar e agir, com cuja imposição os cidadãos estão acostumados.

II. A submissão dos cidadãos aos valores da moda é a causa de uma alternância de valores que reflete uma clara hesitação entre o que é velho e o que é novo.

III. No último e longo período, a sequência de pontose-vírgulas destaca uma enumeração de traços que identificam um caipira aos olhos do cidadão.

Em relação ao texto, está correto o que se afirma em:

- A) I e III, apenas.
- B) II e III, apenas.
- C) I e II, apenas.
- D) I, II e III.
- E) III, apenas.

Q26.

Viagem para fora

Há não tanto tempo assim, uma viagem de ônibus, sobretudo quando noturna, era a oportunidade para um passageiro ficar com o nariz na janela e, mesmo vendo pouco, ou nada, entreter-se com algumas luzes, talvez a lua, e certamente com os próprios pensamentos. A escuridão e o silêncio no interior do ônibus propiciavam um pequeno devaneio, a memória de alguma cena longínqua, uma reflexão qualquer.

Nos dias de hoje as pessoas não parecem dispostas a esse exercício mínimo de solidão. Não sei se a temem: sei que há dispositivos de toda espécie para não deixar um passageiro entregar-se ao curso das idéias e da imaginação pessoal. Há sempre um filme passando nos três ou quatro monitores de TV, estrategicamente dispostos no corredor. Em geral, é um filme ritmado pelo som de tiros, gritos, explosões. É também bastante possível que seu vizinho de poltrona prefira não assistir ao filme e deixar-se embalar pela música altíssima de seu fone de ouvido, que você também ouvirá, traduzida num chiado interminável, com direito a batidas mecânicas de algum sucesso pop. Inevitável, também, acompanhar a variedade dos toques personalizados dos celulares, que vão do latido de um cachorro à versão eletrônica de uma abertura sinfônica de Mozart. Claro que você também se inteirará dos detalhes da vida doméstica de muita gente: a senhora da frente pergunta pelo cardápio do jantar que a espera, enquanto o senhor logo atrás de você lamenta não ter incluído certos dados em seu último relatório. Quando o ônibus chega, enfim, ao destino, você desce tomado por um inexplicável cansaço.

Acho interessantes todas as conquistas da tecnologia da mídia moderna, mas prefiro desfrutar de uma a cada vez, e em momentos que eu escolho. Mas parece que a maioria das pessoas entrega-se gozosa e voluptuosamente a uma sobrecarga de estímulos áudio-visuais, evitando o rumo dos mudos pensamentos e das imagens internas, sem luz. Ninguém mais gosta de ficar, por um tempo mínimo que seja, metido no seu canto, entretido consigo mesmo? Por que se deleitam todos com tantas engenhocas eletrônicas, numa viagem que poderia propiciar o prazer de uma pequena incursão íntima? Fica a impressão de que a vida interior das pessoas vem-se reduzindo na mesma proporção em que se expandem os recursos eletrônicos.

(Thiago Solito da Cruz, inédito)

Considerando-se o sentido integral do texto, o título Viagem para fora representa:

- A) uma alusão à exterioridade dos apelos a que se entregam os passageiros.
- B) um específico anseio que o autor alimenta a cada viagem de ônibus.
- C) a nostalgia de excursões antigas, em que todos se solidarizavam.
- D) a importância que o autor confere aos devaneios dos passageiros.
- E) a ironia de quem não se deixa abalar por tumultuadas viagens de ônibus.

Esta e apenas uma amostra grátis. Adquiria a versão completa em <http://www.concursosprepara.com.br>

Q27.

Política e comunicação

Há pouco tempo, o presidente Hugo Chávez, da Venezuela, deixou de renovar a concessão para o funcionamento da maior emissora de televisão daquele país. Essa medida foi analisada e discutida no mundo inteiro e, compreensivelmente, provocou uma cadeia de diferentes reações. No centro da polêmica está a seguinte questão: é desejável, numa democracia, que o poder executivo exerça o controle absoluto dos meios de comunicação?

Argumenta-se, de um lado, que o presidente venezuelano não fez mais do que se valer de um direito constitucional, suspendendo o funcionamento de uma empresa que, em seu julgamento, era nociva às instituições e aos valores nacionais. De outro lado, pondera-se que Hugo Chávez estaria agindo movido por razões estritamente políticas, atendendo a interesses que nada teriam a ver com suas responsabilidades como chefe de Estado.

A questão é delicada. Toda gente sabe como pode ser decisiva a influência de um meio de comunicação sobre a formação dos valores de uma sociedade; isso ninguém discute. O que se discute é se cabe a um presidente tomar para si a iniciativa de julgar o que interessa ou não aos cidadãos, escolher ele próprio o que é conveniente para a população de um país. O fato é que a drástica medida provocou reações antagônicas entre os venezuelanos: uns a aplaudiram, outros a condenaram. Essa divisão de opiniões vem, aliás, produzindo-se a cada vez que o presidente toma alguma medida de grande repercussão. Só o tempo dirá se tais controvérsias constituem uma reação natural do povo diante de um estadista responsável e ousado ou se representam uma conseqüência do voluntarismo de um mandatário ambicioso.

(Carlito de Souza e Lins, inédito)

O emprego das expressões *isso ninguém discute* e *o que se discute* revela que o autor do texto:

- A) distingue bem entre consenso e divergência.
- B) dá ênfase a uma relação de causa e efeito.
- C) joga com hipóteses igualmente prováveis.
- D) dá mais peso ao seu julgamento que ao alheio.
- E) opõe o que é possível ao que é provável.

Esta é apenas uma amostra grátis. Adquirir a versão completa em <http://www.concursosprepara.com.br>

Língua Portuguesa / Interpretação de texto; Argumentação; Pressupostos e subentendidos

Fonte: TÉCNICO JUDICIÁRIO - ADMINISTRATIVA / TRF 3ª / 2007 / FCC

Q28.

Por mais desacreditado que esteja este conceito, nada encapsula tão bem o caráter nacional dos povos quanto o senso de humor de cada qual – ou sua falta. Pode-se, assim, dividir o mundo em duas categorias de nações, a saber, aquelas que são capazes de zombar de si mesmas, e aquelas avessas a qualquer autocrítica zombeteira.

(ASCHER, Nelson. Você já ouviu a última? Folha de S. Paulo, E-8 ilustrada, 18 de junho de 2007)

As idéias expressas no texto acima estão preservadas, em redação clara e correta, em:

- A) É um tipo de paradigma o conceito, por mais que não se desacredite muito dele, que o senso de humor pode englobar o caráter dos povos, mesmo quando faltam; dessa forma, o mundo dividir-se-ia em categoria “capazes de zombar” e “avessas a autocrítica zombeteira”.
- B) A presença ou falta de senso de humor delinea a natureza dos povos, cada um de per si, e pode dividir o mundo para categorias que zombam, ou não, das próprias nações, mesmo considerando o conceito meio desacreditado.
- C) O mundo pode ser pensado sob dois tipos de rubrica – nações capazes e nações incapazes de auto-ironia –, ainda que não se esteja mais levando muito a sério a idéia de que o senso de humor é o traço mais consistente para a compreensão do caráter nacional dos povos.

- D) É concebível a seguinte divisão: nações que zombam de si mesmas e, às avessas, não zombam; mesmo não digno de crédito, o conceito dá conta do caráter nacional dos povos muito bem, a partir do senso de humor, mesmo quando chega a faltar.
- E) Nações que são capazes de zombar de si mesmas e as que não têm crítica voltada a si são os dois tipos que o mundo pode ser dividido, tudo considerando, mesmo sem muito crédito, o senso de humor de cada uma e às avessas sua falta.

Esta e apenas uma amostra grátis. Adquirir a versão completa em <http://www.concursoprepara.com.br>

Língua Portuguesa / Articulação do texto: coesão e coerência

Fonte: OFICIAL DE DEFENSORIA PÚBLICA / DPE/SP / 2015 / FCC

Q29.

“A metamorfose”, de Kafka, faz 100 anos ignorado na República Tcheca

Apesar de Franz Kafka ser o autor tcheco mais conhecido do século 20 e um dos ícones turísticos de sua cidade natal, a capital Praga, o centenário da publicação de sua obra mais famosa, “A metamorfose”, tem pouca repercussão na República Tcheca, onde o escritor nunca foi muito popular.

Foi em 1915 que o texto apareceu publicado em alemão, o idioma no qual escrevia Kafka, por editores alemães. “A metamorfose” é o assustador relato de Gregor Samsa, um viajante de negócios que certa manhã acorda transformado em uma barata gigante. Os estudiosos de Kafka interpretaram essa transformação como uma metáfora sobre o peso insuportável da responsabilidade. A diretora da Sociedade Franz Kafka de Praga, Marketa Malisova, chancela essa interpretação da obra. “Kafka a escreveu sob a influência de todas as circunstâncias que lhe afetavam”, comentou Malisova.

Apesar de seu sucesso mundial, primeiro nos Estados Unidos na década de 1940 e depois da Segunda Guerra Mundial na Europa Ocidental, em seu país natal quase não se conhece ou se lê a obra de Kafka. “A Metamorfose”, por exemplo, teve de esperar até 1929 para ser traduzida ao tcheco, o idioma oficial da então Tchecoslováquia.

Kafka nunca foi profeta em sua terra. Seu biógrafo tcheco, o filólogo Josef Cermak, lembra que suas primeiras traduções foram realizadas por intelectuais de tendência anarquista, o que criou a ideia de que era um autor revolucionário. Após a guerra e a instauração da ditadura comunista, mudou o regime e a produção de Kafka esteve proibida por ser considerado um autor “reacionário”, destacou Cermak.

Em 1990, quando foi derrubado o sistema socialista, se estabeleceu a Sociedade Franz Kafka de Praga, com o explícito objetivo de reviver a tradição cosmopolita que tornou possível o fenômeno da literatura germânico-praguense do qual surgiu Kafka. No entanto, 25 anos mais tarde, muito poucos tchecos leem as obras de Kafka, em parte porque seus textos têm fama de serem difíceis de se entender em tcheco, reconheceu Malisova.

(Adaptado de: <http://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2015/10/metamorfose-de-kafka-faz-100-anos-ignorado-na-republica-tcheca.html>)

Apesar de seu sucesso mundial, primeiro nos Estados Unidos na década de 1940 e depois da Segunda Guerra Mundial na Europa Ocidental, em seu país natal quase não se conhece ou se lê a obra de Kafka. (3º parágrafo)

Preservando o sentido e a coesão textual, a expressão **Apesar de**, no contexto, poder ser corretamente substituída por:

- A) A partir de
- B) Em virtude de
- C) Consoante a
- D) Com vistas a
- E) A despeito de

Esta e apenas uma amostra grátis. Adquirir a versão completa em <http://www.concursoprepara.com.br>

Língua Portuguesa / Articulação do texto: coesão e coerência

Fonte: TÉCNICO EM GESTÃO - INFORMÁTICA / SABESP / 2014 / FCC

Q30.

Pondera Paulo Mendes Campos, na crônica O amor acaba, que “quando a alma se habitua às províncias empoeiradas da Ásia, onde o amor pode ser outra coisa, o amor pode acabar”.

Sem que nenhuma outra alteração seja feita, a frase acima se manterá gramaticalmente correta caso o verbo habitua seja substituído por:

- A) cultiva.
- B) adapta.
- C) harmoniza.
- D) equilibra.

- E) encaixa.

Esta e apenas uma amostra gratis. Adquira a versao completa em <http://www.concursoprepara.com.br>

Língua Portuguesa / Articulação do texto: coesão e coerência

Fonte: TÉCNICO JUDICIÁRIO - OPERAÇÃO DE COMPUTADORES / TRE/SP / 2012 / FCC

Q31.

Se nunca foi fácil traçar a linha divisória entre arte erudita e arte popular, agora é mais difícil levar a cabo essa tarefa ociosa. Indiferente à palha seca da controvérsia, a arte segue o seu caminho. A vertente é uma só e é nela que se dá o encontro das águas. Pouco importam as fontes de onde procedem. Purificadoras e purificadas, seu caráter lustral as universaliza. Caetano Veloso, por exemplo. Quem ousaria classificá-lo? Em princípio, a arte deveria permanecer ao relento. Maldito, o poeta não era aceito. Na escala de valores, popular, mais que um adjetivo, era um estigma. Daí o escândalo do sarau de d. Nair de Tefé. Primeira-dama, ela própria artista, afrontou a conspícua Velha República. Em pleno palácio do Catete, ouviu-se por sua iniciativa o "Corta-jaca", de Chiquinha Gonzaga. Delirante sucesso na rua, a música era aplaudida em cena aberta e assobiada em boatequins. Viajou a Portugal e lá arrebatou a plateia. Mas no Catete só podia ser insânia. A maturidade de Caetano Veloso coincide com o amadurecimento cultural que lhe proporciona o reconhecimento nacional. Caducas as classificações, sua arte aniquila toda e qualquer discriminação. Exaltada aqui dentro, repercute lá fora. A música lhe dá dimensão internacional. O que ele é, porém, é universal. A poesia de fato nunca esteve divorciada da expressão popular. Manuel Bandeira tirava o chapéu, respeitoso, para Sinhô, Pixinguinha, Noel. Dos poetas, foi dos mais musicais, Manuel. E musicado. Arranhava o seu violão. Saiu extasiado da casa em que ouviu João Gilberto e sua recente batida bossa-novista. Foi testemunha ocular e auditiva. Tudo isso vem a propósito da fusão que Caetano Veloso hoje encarna. Metabolizada, a grande arte canta nesse legítimo poeta do Brasil.

(Adaptado de Otto Lara Resende. "Poeta do encontro". Bom dia para nascer. São Paulo, Cia. das Letras, 2011, p. 281-282)

Pouco importam as fontes de onde procedem.

Mantendo-se a correção e a lógica, sem que nenhuma outra alteração seja feita, o verbo grifado na frase acima pode ser substituído APENAS por:

- A) produzem.
- B) derivam.
- C) efetuam.
- D) imergem.
- E) originam.

Esta e apenas uma amostra gratis. Adquira a versao completa em <http://www.concursoprepara.com.br>

Língua Portuguesa / Termos da oração. Processos de coordenação e subordinação

Fonte: ASSISTENTE DE GESTÃO DE POLÍTICAS PÚBLICAS / FPTE/SP / 2012 / FCC

Q32.

Segundo seus próprios critérios, a conservação ambiental está fracassando. A biodiversidade da Terra segue em rápido declínio. Continuamos a perder florestas na África, Ásia e América Latina. Há tão poucos tigres e macacos selvagens que, muito em breve, se as tendências atuais se mantiverem, esses animais estarão extintos. Perdemos mais lugares do que salvamos.

Ironicamente, a conservação está sendo nocauteada na luta para proteger a natureza, a despeito de vencer uma de suas batalhas mais duramente travadas – o embate pela criação de parques e áreas selvagens. Ao mesmo tempo em que espécies e lugares selvagens desaparecem em um ritmo crescente, o número de áreas protegidas ao redor do mundo cresce de maneira impressionante. No mundo todo, países delimitam áreas em que o desenvolvimento humano é restrito, na tentativa de preservá-las.

Sob a invocação do valor espiritual e transcendental da natureza intocada, existe um argumento em defesa do uso das paisagens para certos fins e não para outros. Trilhas para caminhadas, em vez de estradas; estações científicas, em vez de madeiras; hotéis, em vez de lares. Ao removermos comunidades instaladas há muito tempo e as substituímos por hotéis, extirpamos espécies indesejadas e estimulamos a presença de outras mais desejáveis, perfuramos poços para regar a floresta e impomos o manejo de fogo que combina controle e incêndios planejados, criamos parques que não são muito diferentes da Disneylândia.

Quando o conservacionismo se transformou em um empreendimento global, nas décadas de 70 e 80, a justificativa do movimento para salvar a natureza mudou. Valores espirituais e estéticos foram substituídos pela biodiversidade. A natureza foi descrita como primeva, frágil e sob risco em razão do abuso por parte da humanidade. Sem dúvida, há consequências da utilização da natureza para a mineração, a exploração de madeira, a agricultura intensiva e o desenvolvimento urbano, provocando o desaparecimento de espécies-chave ou de ecossistemas. Ecologistas e conservacionistas, no entanto, exageraram em suas considerações sobre a fragilidade da natureza ao argumentar, com frequência, que o desaparecimento de uma única espécie pode causar o colapso de um ecossistema inteiro. Também há exagero na ideia de que a perda de parte da biodiversidade pode provocar a destruição da Terra. Os dados não sustentam a ideia de uma natureza frágil em risco de colapso. Os ecologistas agora sabem que o desaparecimento de uma espécie não leva à extinção de nenhuma outra, muito menos de todas as outras no mesmo ecossistema.

(Peter Kareiva, Robert Lalasz e Michelle Marvier. Veja, 20 de junho de 2012, p.123-125, com adaptações)

... países delimitam áreas em que o desenvolvimento humano é restrito ... (1º parágrafo)

A expressão grifada acima poderá preencher corretamente a lacuna da frase:

- A) Foram aceitas as alegações os conservacionistas apresentaram, no sentido de proteger a natureza e sua biodiversidade.
- B) Havia alguns estudos se baseavam as medidas a serem tomadas, visando à preservação dos recursos naturais.
- C) Algumas informações se valiam os defensores da criação de parques foram descartadas, por falta de dados confiáveis.
- D) As análises apresentadas ao Conselho Diretor traziam dados os conservacionistas se defendiam das inúmeras críticas.
- E) A criação de áreas selvagens foi justificada por dados constavam do relatório apresentado.

Esta e apenas uma amostra grátis. Adquirir a versão completa em <http://www.concursoprepara.com.br>

Língua Portuguesa / Termos da oração. Processos de coordenação e subordinação

Fonte: TÉCNICO MINISTERIAL - INFORMÁTICA / MPE/AP / 2012 / FCC

Q33.

Quase metade da Amazônia no país é área de preservação

Quase metade da Amazônia brasileira pertence hoje à categoria de área protegida por lei contra a devastação, ainda que essas reservas continuem sofrendo com gestão precária e com a falta de pessoal para monitorá-las. Essa dicotomia entre copo meio cheio e meio vazio talvez seja a principal mensagem de um dos mais abrangentes relatórios sobre as áreas protegidas amazônicas, que acaba de ser publicado pelo ISA (Instituto Socioambiental) e pelo Imazon (Instituto do Homem e Meio Ambiente da Amazônia).

Somando terras indígenas e os dois principais tipos de unidades de conservação (as de proteção integral, cujo nome já diz tudo, e as de uso sustentável, nas quais é possível a extração controlada de madeira, por exemplo), 43,9% do território amazônico está protegido. É pouco mais do que um quarto de todas as terras do Brasil. E, no caso de alguns Estados, a proporção é ainda mais expressiva: Amapá, Roraima, Pará e Amazonas possuem mais da metade de seu território nessa categoria.

A inclusão das terras indígenas na conta faz muito sentido, embora os povos que habitam tradicionalmente essas áreas tenham o direito de caçar e pescar nelas, por exemplo. Vários levantamentos apontam que formalizar a posse de certas áreas por seus habitantes nativos é uma excelente maneira de evitar o desmatamento nelas. E, de fato, a taxa de desmate de 1998 a 2009 é a menor nas terras indígenas: cerca de 1,5% da

área. Em unidades de conservação integral, como parques nacionais, esse número no mesmo período foi de 2,1%. Terras indígenas e unidades de conservação contribuem de modo quase parêlho para o número total de áreas protegidas na Amazônia.

(Adaptado de Reinaldo José Lopes. Folha de S.Paulo, 23/04/2011, <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ciencia/fe2304201101.htm>)

... Amapá, Roraima, Pará e Amazonas possuem mais da metade de seu território nessa categoria.

O verbo grifado acima tem o mesmo tipo de complemento que o verbo empregado em:

- A) Terras indígenas e unidades de conservação contribuem de modo quase parêlho para o número total de áreas protegidas...
- B) ... cujo nome já diz tudo...
- C) ... esse número no mesmo período foi de 2,1%.
- D) Quase metade da Amazônia brasileira pertence hoje à categoria de área protegida por lei contra a devastação ...
- E) É pouco mais do que um quarto de todas as terras do Brasil.

Esta e apenas uma amostra gratis. Adquiria a versao completa em <http://www.concursosprepara.com.br>

Língua Portuguesa / Termos da oração. Processos de coordenação e subordinação

Fonte: ANALISTA MINISTERIAL - ADMINISTRAÇÃO / MPE/AP / 2012 / FCC

Q34.

A ocupação econômica das terras americanas constitui um episódio da expansão comercial da Europa. Não se trata de deslocamentos de população provocados por pressão demográfica ou de grandes movimentos de povos determinados pela ruptura de um sistema cujo equilíbrio se mantivesse pela força.

O comércio interno europeu, em intenso crescimento a partir do século XI, havia alcançado um elevado grau de desenvolvimento no século XV, quando as invasões turcas começaram a criar dificuldades crescentes às linhas orientais de abastecimento de produtos de alta qualidade, inclusive manufaturas. O restabelecimento dessas linhas, contornando o obstáculo otomano, constitui sem dúvida alguma a maior realização dos europeus na segunda metade desse século.

A descoberta das terras americanas é, basicamente, um episódio dessa obra ingente. De início pareceu ser episódio secundário. E na verdade o foi para os portugueses durante todo um meio século. Aos espanhóis revertem em sua totalidade os primeiros frutos, que são também os mais fáceis de colher. O ouro acumulado pelas velhas civilizações da meseta mexicana e do altiplano andino é a razão de ser da América, como objetivo dos europeus, em sua primeira etapa de existência histórica.

A legenda de riquezas inapreciáveis por descobrir corre a Europa e suscita um enorme interesse por novas terras. Esse interesse contrapõe Espanha e Portugal, "donos" dessas terras, às demais nações europeias. A partir desse momento a ocupação da América deixa de ser um problema exclusivamente comercial: intervêm nele importantes fatores políticos. A Espanha – a quem coubera um tesouro como até então não se conhecera no mundo – tratará de transformar os seus domínios numa imensa cidadela. Outros países tentarão estabelecer-se em posições fortes.

O início da ocupação econômica do território brasileiro é em boa medida uma consequência da pressão política exercida sobre Portugal e Espanha pelas demais nações europeias.

(Fragmento adaptado de Celso Furtado. **Formação Econômica do Brasil**. 34. ed. S.Paulo: Cia. das Letras, 2007. p. 25)

... intervêm nele importantes fatores políticos.

O segmento em destaque exerce na frase acima a mesma função sintática que o elemento grifado exerce em:

- A) *A partir desse momento a ocupação da América deixa de ser um problema exclusivamente comercial...*
- B) *A ocupação econômica das terras americanas constitui um episódio da expansão comercial da Europa.*
- C) *A legenda de riquezas inapreciáveis por descobrir corre a Europa...*
- D) *O comércio interno europeu [...] havia alcançado um elevado grau de desenvolvimento no século XV...*
- E) *Outros países tentarão estabelecer-se em posições fortes.*

Esta e apenas uma amostra gratis. Adquira a versao completa em <http://www.concursoprepara.com.br>

Língua Portuguesa / Termos da oração. Processos de coordenação e subordinação

Fonte: DEFENSOR PÚBLICO DE CLASSE INICIAL / DPE/RS / 2011 / FCC

Q35.

EUA dizem que um ataque ao Irã uniria o país, hoje dividido

WASHINGTON (Reuters) – Um ataque militar contra o Irã uniria o país, que está dividido, e reforçar a determinação do governo iraniano para buscar armas nucleares, disse o secretário de Defesa dos Estados Unidos, Robert Gates, nesta terça-feira.
Em pronunciamento ao conselho diretor do Wall Street Journal, Gates afirmou ser importante usar outros meios para convencer o Irã a não procurar ter armas nucleares e repetiu as suas preocupações de que ações militares somente iriam retardar – e não impedir – que o país obtenha essa capacidade.

(<http://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/reuters/2010/11/16/eua-dizem-que-um-ataque-ao-ira-uniria-o-pais-hoje-dividido.jhtm?action=print>, em 16/11/2010)

O fragmento frasal de *que ações militares somente iriam retardar* (linhas 9 e 10) é do substantivo *preocupações* (linha 9).

Assinale a alternativa que preenche corretamente a lacuna do texto acima.

- A) complemento verbal.
- B) complemento nominal oracional.
- C) adjunto verbal.
- D) adjunto nominal.
- E) complemento prepositivo-verbal.

Esta e apenas uma amostra gratis. Adquira a versao completa em <http://www.concursoprepara.com.br>

Língua Portuguesa / Termos da oração. Processos de coordenação e subordinação

Fonte: DEFENSOR PÚBLICO DE CLASSE INICIAL / DPE/RS / 2011 / FCC

Q36.

EUA dizem que um ataque ao Irã uniria o país, hoje dividido

WASHINGTON (Reuters) – Um ataque militar contra o Irã uniria o país, que está dividido, e reforçar a determinação do governo iraniano para buscar armas nucleares, disse o secretário de Defesa dos Estados Unidos, Robert Gates, nesta terça-feira.
Em pronunciamento ao conselho diretor do Wall Street Journal, Gates afirmou ser importante usar outros meios para convencer o Irã a não procurar ter armas nucleares e repetiu as suas preocupações de que ações militares somente iriam retardar – e não impedir – que

o país obtenha essa capacidade.

(<http://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/reuters/2010/11/16/eua-dizem-que-um-ataque-ao-ira-uniria-o-pais-hoje-dividido.jhtm?action=print>, em 16/11/2010)

O par gramatical que NÃO desempenha a mesma função sintática é a expressão

- A) para nas linhas 3 e 8.
- B) o nas linhas 2 (o primeiro) e 11.
- C) o nas linhas 2 (o segundo) e 4.
- D) e nas linhas 2 e 9.
- E) a nas linhas 2 e 8.

Esta e apenas uma amostra gratis. Adquira a versao completa em <http://www.concursoprepara.com.br>

Língua Portuguesa / Termos da oração. Processos de coordenação e subordinação

Fonte: ANALISTA JUDICIÁRIO - ADMINISTRATIVA / TRT 3ª / 2009 / FCC

Q37.

O sucesso da democracia nas sociedades industriais trouxe inegáveis benefícios a amplos setores antes excluídos da tomada de decisões; contudo, provocou também a perda de identidades grupais que tinham sido essenciais nos séculos anteriores. A consciência de pertencer a determinada comunidade camponesa, ou família tradicional e poderosa, ou confraria, ou cidade, ficou esmagada pelo conceito de cidadania que homogeneíza todos os indivíduos. Novos recortes surgiram – partido político, condição econômica, seita religiosa etc. – mas tão maleáveis e mutáveis que não substituíram todas as funções sociais e psicológicas do velho sentimento grupal. O futebol inseriu-se exatamente nessa brecha aberta pela industrialização ao destruir os paradigmas anteriores.

O antropólogo inglês Desmond Morris vai mais adiante e propõe que se veja no mundo do futebol um mundo de tribos. Sem dúvida o sentimento tribal é muito forte, acompanha o indivíduo por toda vida e mesmo além dela. É o que mostra no Brasil a prática de alguns serem sepultados em caixão com o símbolo do clube na tampa. [...] A atuação do torcedor no rito do futebol não é em essência muito diferente da atitude das populações tribais que, por meio de pinturas corporais, cantos e gritos, participam no rito das danças guerreiras.

Não é descabido, portanto, falar em tribo no futebol, porém não parece a melhor opção. Tribo é grupo étnico com certo caráter territorial, o que não se aplica ao futebol, cujos torcedores são de diferentes origens e estão espalhados por vários locais. Tribo é sociedade sem Estado, e o futebol moderno desenvolve-se obviamente nos quadros de Estados nacionais. Talvez seja preferível falar em clã. Deixando de lado o debate técnico sobre tal conceito, tomemos uma definição mínima: clã é um grupo que acredita descender de um ancestral comum, mais mítico que histórico, contudo vivo na memória coletiva.

Ainda que todo clube de futebol tenha origem concreta e mais ou menos bem documentada, com o tempo ela tende a ganhar ares de lenda, que prevalece no conhecimento do torcedor comum sobre os dados históricos. É nessa lenda, enriquecida por feitos esportivos igualmente transformados em lenda, que todos os membros do clã orgulhosamente se reconhecem. [...] O clã tem base territorial, mas quando precisa mudar de espaço (jogar em outro estádio) não se descaracteriza. Em qualquer lugar, os membros do clã se reconhecem, dizia o grande sociólogo e antropólogo Marcel Mauss, pelo nome, brasão e totem.

(Hilário Franco Júnior. A dança dos deuses. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 213-215)

Identifica-se relação de causa e consequência, respectivamente, no segmento:

- A) A consciência de pertencer a determinada comunidade camponesa (...) ficou esmagada pelo conceito de cidadania...
- B) Novos recortes surgiram (...), mas tão maleáveis e mutáveis que não substituíram todas as funções sociais e psicológicas do velho sentimento grupal.
- C) Sem dúvida o sentimento tribal é muito forte, acompanha o indivíduo por toda vida e mesmo além dela.
- D) Não é descabido, portanto, falar em tribo no futebol, porém não parece a melhor opção.
- E) O clã tem base territorial, mas quando precisa mudar de espaço (jogar em outro estádio) não se descaracteriza.

Esta e apenas uma amostra gratis. Adquira a versao completa em <http://www.concursosprepara.com.br>

Língua Portuguesa / Termos da oração. Processos de coordenação e subordinação

Fonte: ANALISTA JUDICIÁRIO - ADMINISTRATIVA / TRT 23ª / 2007 / FCC

Q38.

Da ação dos justos

Em recente entrevista na TV, uma conhecida e combativa juíza brasileira citou esta frase de Disraeli: “É preciso que os homens de bem tenham a audácia dos canalhas”. Para a juíza, o sentido da frase é atualíssimo: diz respeito à freqüente omissão das pessoas justas e honestas diante das manifestações de violência e de corrupção que se multiplicam em nossos dias e que, felizmente, têm chegado ao conhecimento público e vêm sendo investigadas e punidas. A frase propõe uma ética atuante, cujos valores se materializem em reação efetiva, em gestos de repúdio e medidas de combate à barbárie moral. Em outras palavras: que a desesperança e o silêncio não tomem conta daqueles que pautam sua vida por princípios de dignidade.*

Como não concordar com a oportunidade da frase?

Normalmente, a indignação se reduz a conversas privadas, a comentários pessoais, não indo além de um mero discurso ético. Se não transpõe o limite da queixa, a indignação é impotente, e seu efeito é nenhum; mas se ela se converte em gesto público, objetivamente dirigido contra a arrogância acanhada, alcança a dimensão da prática social e política, e gera conseqüências.

A frase lembra-nos que não costuma haver qualquer hesitação entre aqueles que se decidem pela desonestidade e pelo egoísmo. Seus atos revelam iniciativa e astúcia, facilitadas pela total ausência de compromisso com o interesse público.

Realmente, a falta de escrúpulo aplana o caminho de quem não confronta o justo e o injusto; por outro lado, muitas vezes faltam coragem e iniciativa aos homens que conhecem e mantêm viva a diferença entre um e outro. Pois que estes a deixem clara, e não abram mão de reagir contra quem a ignore.

A inação dos justos é tudo o que os contraventores e criminosos precisam para continuar operando. A cada vez que se propagam frases como “Os políticos são todos iguais”, “Brasileiro é assim mesmo” ou “Este país não tem jeito”, promove-se a resignação diante dos descalabros. Quem vê a barbárie como uma fatalidade torna-se, ainda que não o queira, seu cúmplice silencioso.

* Benjamin Disraeli, escritor e político britânico do século XIX.
(Aristides Villamar)

Os segmentos destacados constituem, respectivamente, uma causa e sua conseqüência em:

- A) Para a juíza, / o sentido da frase é atualíssimo.
- B) Pois que estes a deixem clara / e não abram mão de reagir contra quem a ignore.
- C) Normalmente, a indignação se reduz / a conversas privadas (...).
- D) A frase lembra-nos / que não costuma haver qualquer hesitação (...).
- E) Quem vê a barbárie como uma fatalidade / torna-se(...) seu cúmplice silencioso.

Esta e apenas uma amostra gratis. Adquira a versao completa em <http://www.concursosprepara.com.br>

Q39.

Embora a aspiração por justiça seja tão antiga quanto os primeiros agrupamentos sociais, seu significado sofreu profundas alterações no decorrer da história. Apesar das mudanças, um símbolo atravessou os séculos – a deusa Têmis –, imponente figura feminina, com os olhos vendados e carregando em uma das mãos uma balança e na outra uma espada. Poucas divindades da mitologia grega sobreviveram tanto tempo. Poucos deixariam de reconhecer na imagem o símbolo da justiça.

A persistência da representação esconde, contudo, importantes mudanças que ocorreram da Antiguidade grega até nossos dias. Tanto os direitos quanto a justiça sofreram grandes transformações.

A moderna ideia de justiça e de direito é inerente ao conceito de indivíduo, um ente que tem valor em si mesmo, dotado de direitos naturais. Tal doutrina se contrapõe a uma concepção orgânica, segundo a qual a sociedade é um todo. A liberdade, nesse novo paradigma, deixa de ser uma concessão ou uma característica de uma camada social e converte-se em um atributo do próprio homem.

A crença de que os direitos do homem correspondiam a uma qualidade intrínseca ao próprio homem implicou enquadrar a justiça em um novo paradigma. O justo não é mais correspondente à função designada no corpo social, mas é um bem individual, identificado com a felicidade, com os direitos inatos.

Da igualdade nos direitos naturais derivava-se não só a liberdade, mas também as possibilidades de questionar a desigualdade entre os indivíduos, de definir o tipo de organização social e o direito à resistência. Toda e qualquer desigualdade passa a ser entendida como uma desigualdade provocada pelo arranjo social. Nesse paradigma, a sociedade e o Estado não são fenômenos dados, mas engendrados pelo homem. A desigualdade e o poder ilimitado deixam, pois, de ser justificados como decorrentes da ordem natural das coisas. À lei igual para todos incorpora-se o princípio de que desiguais devem ser tratados de forma desigual. Cresce a força de movimentos segundo os quais a lei, para cumprir suas funções, deve ser desigual para indivíduos que são desiguais na vida real.

Nesse novo contexto, modifica-se o perfil do poder público. O judiciário, segundo tais parâmetros, representa uma força de emancipação. É a instituição pública encarregada, por excelência, de fazer com que os preceitos da igualdade prevaleçam na realidade concreta. Assim, os supostos da modernidade, particularmente a liberdade e a igualdade, dependem, para se materializarem, da força do Judiciário, de um lado, e do acesso à justiça, das possibilidades reais de se ingressar em tribunais, de outro.

Para terminar, volto à deusa Têmis, que enfrentava no Olimpo o deus da guerra, Ares. Naquele tempo, como hoje, duas armas se enfrentam: a violência, que destrói e vive da desigualdade, e a lei, que constrói e busca a igualdade.

(Adaptado de SADEK, Maria Tereza Aina. "Justiça e direitos: a construção da igualdade". In: Agenda Brasileira. São Paulo, Cia. das Letras, 2011, p. 326-333.)

Tal doutrina se contrapõe a uma concepção orgânica...

O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo que o da frase acima encontra-se sublinhado em:

- A) Poucos deixariam de reconhecer na imagem...

- B) Poucas divindades da mitologia grega sobreviveram tanto tempo.
- C) ...e converte-se em um atributo do próprio homem.
- D) ... para se materializarem...
- E) ...que enfrentava no Olimpo o deus da guerra, Ares.

Esta e apenas uma amostra gratis. Adquir a versao completa em <http://www.concursosprepara.com.br>

Língua Portuguesa / Tempos, modos e vozes verbais

Fonte: TÉCNICO JUDICIÁRIO - CONTABILIDADE / TRF 3ª / 2014 / FCC

Q40.

O barulho é um som de valor negativo, uma agressão ao silêncio ou simplesmente à tranquilidade necessária à vida em comum. Causa um incômodo àquele que o percebe como um entrave a seu sentimento de liberdade e se sente agredido por manifestações que não controla e lhe são impostas, impedindo-o de repousar e desfrutar sossegadamente de seu espaço. Traduz uma interferência dolorosa entre o mundo e o eu, uma distorção da comunicação em razão da qual as significações se perdem e são substituídas por uma informação parasita que provoca desgosto ou aborrecimento.

O sentimento do barulho surge quando as sonoridades do ambiente perdem sua dimensão de sentido e se impõem como uma agressão irritante, da qual não há como se defender. Mas esse sentimento põe em relevo um contexto social e a interpretação que o indivíduo faz do ambiente sonoro em que se encontra. Às vezes o mesmo som é inversamente percebido por outra pessoa como um invólucro que lhe é indiferente. No limite, o barulho constante das ruas acaba sendo abafado, ao passo que os excessos sonoros dos vizinhos são percebidos como indesejáveis e como violações da intimidade pessoal. Os barulhos produzidos por nós mesmos não são percebidos como incômodo: eles têm um sentido. Quem faz barulho são sempre os outros.

O sentimento do barulho se difundiu, sobretudo, com o nascimento da sociedade industrial – e a modernidade o intensificou de maneira desmesurada. O desenvolvimento técnico caminhou de mãos dadas com a penetração ampliada do barulho na vida cotidiana e com uma crescente impotência para controlar os excessos. À profusão de barulhos produzidos pela cidade, à circulação incessante dos automóveis, nossas sociedades acrescentam novas fontes sonoras com os televisores ligados e a música ambiente que toca no interior das lojas, dos cafés, dos restaurantes, dos aeroportos, como se fosse preciso afogar permanentemente o silêncio. Nesses lugares troca-se a palavra por um universo de sons que ninguém escuta, que enervam às vezes, mas que teriam o benefício de emitir uma mensagem tranquilizante. Antídoto ao medo difuso de não se ter o que dizer, infusão acústica de segurança cuja súbita ruptura provoca um desconforto redobrado, a música ambiente tornou-se uma arma eficaz contra certa fobia do silêncio. Esse persistente universo sonoro isola as conversas particulares ou encobre os devaneios, confinando cada um em seu espaço próprio, equivalente fônico dos biombos que encerram os encontros em si mesmos, criando uma intimidade pela interferência sonora assim forjada em torno da pessoa.

Nossas cidades são particularmente vulneráveis às agressões sonoras; o barulho se propaga e atravessa grandes distâncias. As operações de liquidação do silêncio existem em abundância e situam os lugares ainda preservados, incultos, abandonados à pura gratuidade da meditação e do silêncio. A modernidade assinala uma tentativa difusa de saturação do espaço e do tempo por uma emissão sonora sem fim. Pois, aos olhos de uma lógica produtiva e comercial, o silêncio não serve para nada, ocupa um tempo e um espaço que poderiam se

beneficiar de um uso mais rentável.

(LE BRETON, David. O Estado de S. Paulo, Aliás, 2 de junho de 2013, com adaptações)

Mas esse sentimento põe em relevo um contexto social... (2º parágrafo)

O verbo que apresenta o mesmo tipo de complemento exigido pelo grifado acima está em:

- A) ... e a modernidade o intensificou de maneira desmesurada.
- B) ... e desfrutar sossegadamente de seu espaço.
- C) ... como um invólucro que lhe é indiferente.
- D) ... e a música ambiente que toca no interior das lojas...
- E) O desenvolvimento técnico caminhou de mãos dadas....

Esta e apenas uma amostra gratis. Adquiria a versao completa em <http://www.concursoprepara.com.br>

Língua Portuguesa / Tempos, modos e vozes verbais

Fonte: AGENTE DE APOIO - MOTORISTA SEGURANÇA / MPE/AM / 2013 / FCC

Q41.

Como escreveu no começo do século 20 aquele infame senhor russo de cavanhaque, o que fazer? Eu tenho um fraco por esta moçada corajosa que agita no começo do século 21, que vai para a rua, que vai para a praça protestar por liberdade e também para denunciar fraude eleitoral e corrupção. Não sou tão ingênuo e emocional a ponto de me comover com a moçada do "occupy Wall Street" (teve até liberdade demais), mas, quando se trata do pessoal que passa o sufoco no centro de Moscou ou na praça Tahrir, no Cairo, é outra história. Sei, sei, há uma longa distância entre Moscou e Cairo, mas nos dois casos existe o que alguns de forma pejorativa chamam de Geração Facebook. Eu não.

É chato quando a fadiga com um sistema de lei e ordem, como o de Putin, leva tanta gente a sonhar com outros pregando projetos ainda mais autoritários e nostálgicos. Imagine, Putin quer restaurar glórias passadas do império russo e, ainda por cima, vemos estes avanços de comunistas e da extrema direita? Claro que sobra a solidariedade com a moçada que foi para a rua protestar.

Pouco conheço, mas em princípio não tenho nada contra o blogueiro russo Alexei Navalnyi, um cruzado contra a corrupção, detido terça-feira em Moscou, assim como centenas de manifestantes, e condenado a 15 dias de prisão. Seu crime? Basicamente popularizar a expressão "partido de escroques e ladrões", ao se referir ao partido governista Rússia Unida. Chato é que, no final das contas, embora este partido do poderoso chefe Vladimir Putin tenha sido humilhado nas eleições parlamentares de domingo (sem fraude, o estrago teria sido maior), os comunistas e a extrema direita tenham avançado. A ironia é quando Putin passa a ser uma espécie de centrista. Dá um certo prazer, é verdade, ver Putin suar um pouco, como qualquer ditador ou semiditador. O senador republicano americano John McCain, que não é exatamente Geração Facebook, tuitou de forma provocativa na terça-feira o seguinte: "Querido Vlad (Vladimir Putin), a primavera árabe está chegando a uma vizinhança perto de você".

(Texto adaptado. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/blog/nova-york/se-cao/facebook/>.)

... tuitou de forma provocativa na terça-feira...

O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo que o da frase acima está grifado em:

- A) Não sou tão ingênuo e emocional...
- B) ... sem fraude, o estrago teria sido maior...
- C) Imagine, Putin quer restaurar glórias passadas...
- D) ... que foi para a rua protestar.
- E) Dá um certo prazer, é verdade....

Esta e apenas uma amostra grátis. Adquira a versão completa em <http://www.concursoprepara.com.br>

Língua Portuguesa / Tempos, modos e vozes verbais

Fonte: TÉCNICO JUDICIÁRIO - ÁREA ADMINISTRATIVA / TRT 12ª / 2013 / FCC

Q42.

O estilo é o modo particular com que um compositor organiza suas concepções e fala a linguagem de sua arte. Essa linguagem musical é o elemento comum a compositores de uma determinada escola ou época. Certamente as fisionomias musicais de Mozart e Haydn são bem conhecidas, e esses compositores estão obviamente vinculados um ao outro, embora seja fácil aos que estão familiarizados com a linguagem do período distingui-los.

A indumentária que a moda prescreve aos indivíduos de uma mesma geração impõe a seus usuários um modelo especial de gestos e uma determinada postura que são condicionados pelo corte das roupas. Da mesma maneira, a indumentária musical utilizada por uma época deixa sua marca na linguagem e, em sentido figurado, no gestual dessa música, assim como na atitude do compositor em relação ao material sonoro. Esses elementos são fatores imediatos na massa de detalhes que nos ajudam a determinar como se formam o estilo e a linguagem musical.

O que se denomina estilo de uma época resulta de uma combinação de estilos individuais, uma combinação dominada pelos métodos dos compositores que exerceram influência preponderante em seu tempo.

Podemos notar, voltando ao exemplo de Mozart e Haydn, que eles se beneficiaram da mesma cultura, beberam nas mesmas fontes, e aproveitaram as descobertas um do outro. Cada um deles, entretanto, efetua um milagre totalmente pessoal.

(Adaptado de: Igor Stravinsky. Poética musical em 6 lições. Trad. de Luiz Paulo Horta. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996. p. 70)

Essa linguagem musical é o elemento comum a compositores de uma determinada escola ou época.

... embora seja fácil aos que estão familiarizados com a linguagem do período distingui-los.

Os verbos que estão conjugados na terceira pessoa do singular e nos mesmos tempos e modos em que o verbo "ser" aparece grifado nas frases acima são, respectivamente:

- A) faz – faça.
- B) tem – tivesse.
- C) pôde – puder.
- D) deixe – deixou.
- E) saía – saia.

Esta e apenas uma amostra grátis. Adquira a versão completa em <http://www.concursoprepara.com.br>

Língua Portuguesa / Tempos, modos e vozes verbais

Fonte: TÉCNICO JUDICIÁRIO - ADMINISTRATIVO / TRE/SP / 2012 / FCC

Q43.

Trem das onze

Não posso ficar
nem mais um minuto com você
Sinto muito amor,
mas não pode ser
Moro em Jaçanã,
Se eu perder esse trem
Que sai agora às onze horas
Só amanhã de manhã.

Além disso, mulher,
Tem outra coisa,
Minha mãe não dorme
Enquanto eu não chegar,
Sou filho único,
Tenho minha casa pra olhar
E eu não posso ficar.

Adoniran Barbosa

Se eu perder esse trem, que sai agora às onze horas, só pegar outro trem amanhã de manhã.

A forma verbal que preenche corretamente a lacuna da frase acima, em que foram reescritos em prosa alguns versos de Adoniran, é:

- A) conseguiria.
- B) conseguirei.
- C) conseguia.
- D) consegui.
- E) consiga.

Esta e apenas uma amostra grátis. Adquirir a versão completa em <http://www.concursosprepara.com.br>

Língua Portuguesa / Tempos, modos e vozes verbais

Fonte: TÉCNICO JUDICIÁRIO - ADMINISTRATIVO / TRT 20ª / 2011 / FCC

Q44.

De acordo com a Organização de Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) a oferta mundial de alimentos precisa crescer cerca de 20%. A expectativa é de que o Brasil tenha de arcar com 40% desse aumento. Para isso, terá dois caminhos: incorporar novas áreas ou ampliar a produtividade. Embora domine as técnicas mais modernas, na média, a produtividade da agropecuária brasileira ainda está distante de alcançar seu pleno potencial. Em alguns casos, sobretudo na pecuária, ostenta índices medíocres. Grosso modo, as pastagens brasileiras possuem uma unidade animal por hectare. "Sem qualquer esforço sobrenatural, adotando-se uma tecnologia média e bastante acessível, o país poderia dobrar esse número" afirma José Vicente Ferraz, diretor-técnico da Informa Economics FNP, uma das mais respeitadas consultorias do setor. "Com a metade do rebanho brasileiro, os Estados Unidos produzem 50% mais carne", compara o especialista.

Para Ferraz, a ampla disponibilidade de terras, somada à baixa formação técnica e à escassez de capital, desestimulam o pecuarista a investir. "O investimento visa a poupar um fator de produção, neste caso, a terra. Se sobram terras baratas, esse investimento muitas vezes não se justifica do ponto de vista estritamente econômico."

O ex-ministro da Agricultura, Roberto Rodrigues, afirma que os ganhos da produtividade na pecuária poderiam liberar terras suficientes para dobrar a área plantada com alimentos, "sem derrubar uma única árvore". "Além disso, o Brasil ainda pode aumentar muito a produtividade de grãos, como o milho, o

trigo e o feijão", afirma. Rodrigues sustenta, porém, que faltam políticas públicas capazes de assegurar a incorporação de tecnologia no campo, especialmente entre os pequenos. "As margens da agricultura são mínimas, então o produtor só consegue competir se tiver escala e tecnologia de ponta. Como faltam mecanismos para financiar a modernização, ele opta pela expansão da área, que é muito mais barata", explica.

(Gerson de Freitas Jr. CartaCapital, 11 de maio de 2011, p. 24, com adaptações)

A expectativa é de que o Brasil tenha de arcar com 40% desse aumento. (1º parágrafo)

O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo em que se encontra o grifado acima está também grifado na frase:

- A) Embora domine as técnicas mais modernas, na média, a produtividade da agropecuária brasileira ainda está distante de alcançar seu pleno potencial.
- B) Grosso modo, as pastagens brasileiras possuem uma unidade animal por hectare.
- C) Para isso, terá dois caminhos ...
- D) ... esse investimento muitas vezes não se justifica do ponto de vista estritamente econômico.
- E) "Além disso, o Brasil ainda pode aumentar muito a produtividade de grãos, como o milho, o trigo e o feijão", afirma.

Esta e apenas uma amostra gratis. Adquir a versao completa em <http://www.concursoprepara.com.br>

Língua Portuguesa / Tempos, modos e vozes verbais

Fonte: ANALISTA DE CONTROLE EXTERNO - COORDENADORIAS DE INFORMÁTICA / TCE/SE / 2011 / FCC

Q45.

Os privilegiados da Terra

O fragmento de satélite artificial – só podia ser de satélite – caído sobre o povoado transformou de repente a vida dos moradores, que não chegavam a trezentos.

Repórteres e cinegrafistas cobriram o fato com o maior relevo. Não houve ninguém que deixasse de dar entrevista.

O fiscal do Governo apareceu para recolher o pedaço de coisa inédita, mas foi obstado pelo juiz de paz, que declarou aquilo um bem da comunidade. A população rendeu guarda ao objeto e jurou defender sua posse até o último sopro de vida.

A força policial enviada para manter a ordem aderiu aos moradores, pois seu comandante era filho do lugar. Acorreram turistas, pessoas dormiam na rua por falta de acomodação, surgiram batedores de carteira, que foram castigados, e começou a correr o boato de que aquele corpo metálico tinha propriedades mágicas.

Quem chegava perto dele seria fulminado se fosse mau-caráter; conquistava a eterna juventude se fosse limpo de coração; e certa ardência que se evolava da superfície convidava ao amor.

Não se desprende do satélite, diziam uns; veio diretamente do céu, emanado de uma estrela, alvitavam outros. De qualquer modo, era dádiva especial para o lugarejo, pois ao tombar não ferira ninguém, não partira uma telha, nem se assustaram os animais domésticos com sua vinda insólita.

Tudo acabou com o misterioso desaparecimento da coisa. Seus guardas foram tomados de letargia, e ao recobrar a consciência viram-se despojados do grande bem. Mas tinham assimilado esse bem, e passaram a viver de uma alegria inefável, que ninguém poderia roubar-lhes. Eram os privilegiados da Terra.

(Carlos Drummond de Andrade, Contos plausíveis)

Está plenamente adequada a articulação entre tempos e modos verbais na frase:

- A) O fiscal recolheria a coisa misteriosa, mas terá sido obstado pelo juiz de paz, que declarava ser aquilo um bem da comunidade.
- B) Os policiais acabarão por aderir aos moradores, uma vez que seu comandante fosse oriundo daquele lugar.

- C) Quem chegar perto da coisa viria a ser fulminado, fosse uma pessoa de mau-caráter.
- D) Se daquele objeto proveio algum mal, ele não seria considerado uma dádiva dos céus.
- E) Tomados que foram de estranha letargia, não se deram conta os guardas do sumiço do objeto.

Esta e apenas uma amostra gratis. Adquira a versao completa em <http://www.concursosprepara.com.br>

Língua Portuguesa / Tempos, modos e vozes verbais

Fonte: TÉCNICO JUDICIÁRIO - ADMINISTRATIVO / TRE/TO / 2011 / FCC

Q46.

O **documentário E Agora?** pretende revelar detalhes do tráfico de aves silvestres no Brasil. Segundo o produtor Fábio Cavalheiro, o longa-metragem apresentará cenas de flagrantes de tráfico, as rotas do comércio ilegal e entrevistas com autoridades e representantes de ONGs.

A Agência Nacional de Cinema (Ancine) aprovou o projeto e, agora, busca-se patrocínio. A ONG SOS Fauna, especializada em resgates, foi uma das orientadoras para a produção do filme.

O longa também se propõe a discutir outro problema: o fato de que, mesmo quando salvas das mãos dos traficantes, muitas aves não são reintroduzidas na natureza.

Além da versão final editada para o cinema, as entrevistas e materiais pesquisados estarão disponíveis para pesquisadores que queiram se aprofundar no tema. A intenção é a de que o filme contribua para a educação – e, por isso, será oferecido para estabelecimentos de ensino.

Entre as espécies mais visadas pelos traficantes estão papagaios, a araponga, o pixoxó, o canário-da-terra, o tico-tico, a saíra-preta, o galo-de-campina, sabiás e bigodinho.

(O Estado de S. Paulo, A30 **Vida, Planeta**, 21 de novembro de 2010)

A intenção é a de que o filme contribua para a educação ... (4º parágrafo)

O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo em que se encontra o grifado acima está em:

- A) ... e, agora, busca-se patrocínio.
- B) A Agência Nacional de Cinema (Ancine) aprovou o projeto ...
- C) ... o longa-metragem apresentará cenas de flagrantes de tráfico ...
- D) ... que queiram se aprofundar no tema.
- E) ... e, por isso, será oferecido para estabelecimentos de ensino.

Esta e apenas uma amostra gratis. Adquira a versao completa em <http://www.concursosprepara.com.br>

Língua Portuguesa / Tempos, modos e vozes verbais

Fonte: ANALISTA JUDICIÁRIO - JUDICIÁRIA / TRE/TO / 2011 / FCC

Q47.

Em 1904, Kafka escreveu a seu amigo Oskar Pollak: "No fim das contas, penso que devemos ler somente livros que nos mordam e piquem. Se o livro que estamos lendo não nos sacode e acorda como um golpe no crânio, por que nos darmos o trabalho de lê-lo? Para que nos faça feliz, como diz você? Seríamos felizes da mesma forma se não tivéssemos livros. Livros que nos façam felizes, em caso de necessidade, poderíamos escrevê-los nós mesmos. Precisamos é de livros que nos atinjam como o pior dos infortúnios, como a morte de alguém que amamos mais do que a nós mesmos, que nos façam sentir como se tivéssemos sido banidos para a floresta,

longe de qualquer presença humana, como um suicídio. É nisso que acredito."

(Adaptado de Alberto Manguel. *Uma história da leitura*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 113)

Para que nos faça feliz...

O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo em que se encontra o grifado acima está em:

- A) ...como a morte de alguém que amamos...
- B) ... por que nos darmos o trabalho...
- C) Se o livro que estamos lendo...
- D) ... livros que nos atinjam...
- E) Seríamos felizes da mesma forma....

Esta e apenas uma amostra gratis. Adquira a versao completa em <http://www.concursoprepara.com.br>

Língua Portuguesa / Tempos, modos e vozes verbais

Fonte: AUXILIAR DA FISCALIZAÇÃO FINANCEIRA II / TCE/SP / 2010 / FCC

Q48.

O crescimento econômico não traz automaticamente o avanço no bem-estar de uma sociedade. O desenvolvimento de fato só ocorre quando há melhoria também em fatores de qualidade de vida, tais como educação, saúde e segurança. Indicadores econômicos isolados, portanto, não são suficientes para aferir o estágio de avanço social. Pois foi com o intuito de avaliar de maneira mais precisa o grau de desenvolvimento dos estados brasileiros que um grupo da FGV Projetos, unidade de negócios da Fundação Getúlio Vargas, acaba de elaborar o Indicador de Desenvolvimento Socioeconômico (IDSE). Trata-se de um índice feito a partir de 36 variáveis sociais e econômicas, capaz de cotejar com apuro o nível de bem-estar nas 27 unidades da Federação.

O retrato exibido pelo estudo é alentador: praticamente todos os estados conseguiram progredir nos últimos anos, beneficiando-se da retomada do crescimento e do aprimoramento das políticas sociais. Mas os indicadores mostram que os avanços ainda são tímidos em algumas regiões. Pela metodologia usada agora pela FGV, o Estado mais avançado do país é São Paulo, que levou nota máxima (IDSE igual a 100). Na verdade, essa nota indica apenas que, numa escala de zero a 100, São Paulo está no topo, e os números servem de referência para analisar os demais estados.

Há duas maneiras de olhar para o trabalho dos pesquisadores. A primeira delas se resume a observar a fotografia – ou seja, examinando o quadro atual, que coloca São Paulo no topo, seguido pelo Distrito Federal. A segunda maneira de analisar o trabalho da FGV é "assistindo ao filme" – isto é, examinando a evolução ocorrida em sete anos. Por esse critério, fica evidente que alguns estados conseguiram resultados mais expressivos que os demais.

O destaque, aqui, cabe ao Tocantins. Em 2001, era um dos estados menos desenvolvidos do país. Agora, ainda que siga como um dos mais atrasados, conseguiu se distanciar um pouco dos retardatários. O avanço foi impulsionado pelo agronegócio, que tem na região uma de suas últimas fronteiras de expansão. Investimentos em infraestrutura e em projetos sociais ajudaram a reduzir seu atraso.

Outro Estado que conseguiu bons resultados foi a Bahia. Seu interior se beneficiou do agronegócio, especialmente das culturas de soja e de algodão. Mas a economia baiana é mais diversificada e contou com os motores de seu polo industrial de

Camaçari e da indústria petrolífera. O Estado, porém, ainda está longe da visão idílica que cantam seus inúmeros poetas. Em outros estados, houve redução da pobreza devido aos programas sociais, como o Bolsa Família.

(Benedito Sverber. Veja, 8 de abril de 2009, pp. 68-70, com adaptações)

... quando há melhoria também em fatores de qualidade de vida ... (1º parágrafo)

O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo em que se encontra o grifado acima está na frase:

- A) ... que levou nota máxima...
- B) O destaque, aqui, cabe ao Tocantins.
- C) ... era um dos estados menos desenvolvidos do país.
- D) ... ainda que siga como um dos mais atrasados ...
- E) ... conseguiu se distanciar um pouco dos retardatários.

Esta e apenas uma amostra gratis. Adquiria a versao completa em <http://www.concursoprepara.com.br>

Língua Portuguesa / Tempos, modos e vozes verbais

Fonte: ADMINISTRADOR / DNOCS / 2010 / FCC

Q49.

Assédio eletrônico

Quem já se habituou ao desgosto de receber textos não solicitados de cem páginas aguardando sua leitura? Ou quem não se irrita por ser destinatário de mensagens automáticas que nem lhe dizem respeito? E, mesmo sem aludir a entes mais sinistros como os hackers e os vírus, como aturar os abusos da propaganda que vem pelo computador, sob pretexto da liberdade de acesso à informação?

Entre as vantagens do correio eletrônico – indiscutíveis –, a pergunta que anda percorrendo todas as bocas visa a apurar se a propagação do e-mail veio ressuscitar a carta. A esta altura, o e-mail lembra mais o deus dos começos, Janus Bifronte, a quem era consagrado o mês de janeiro. No templo de Roma ostentava duas faces, uma voltada para a frente e outra para trás. A divindade presidia simultaneamente à morte e ao ressurgimento do ciclo anual, postada na posição privilegiada de olhar nas duas direções, para o passado e para o futuro. Analogamente, o e-mail tanto pode estar completando a obsolescência da carta como pode dar-lhe alento novo. Sem dúvida, o golpe certo na velha prática da correspondência, de quem algumas pessoas, como eu, andam com saudades, não foi desferido pelo e-mail nem pelo fax. O assassino foi o telefone, cuja difusão, no começo do século XX, quase exterminou a carta, provocando imediatamente enorme diminuição em sua frequência. A falta foi percebida e muita gente, à época, lamentou o fato e o registrou por escrito. Seria conveniente pensar qual é a lacuna que se interpõe entre a carta e o e-mail. Podem-se relevar três pontos em que a diferença é mais patente. O primeiro é o suporte, que passou do papel para o impulso eletrônico. O segundo é a temporalidade: nada poderia estar mais distante do e-mail do que a concepção de tempo implicada na escritura e envio de uma carta. Costumava-se começar por um rascunho; passava-se a limpo, em letra caprichada, e escolhia-se o envelope elegante – tudo para enfrentar dias, às vezes semanas, de correio. O terceiro aspecto a ponderar é a tremenda invasão da privacidade que a Internet propicia. Na pretensa cumplicidade trazida pelo correio eletrônico, as pessoas dirigem-se a quem não conhecem a propósito de assuntos sem interesse do infeliz destinatário.

(Walnice Nogueira Galvão, O tapete afegão)

Está adequada a correlação entre os tempos e modos verbais na frase:

- A) A pergunta que percorresse todas as bocas visa a apurar se a propagação do e-mail venha a ressuscitar a carta.
- B) Quem não se irritava por ter sido destinatário de mensagens automáticas que não lhe dirão respeito.
- C) O e-mail tanto poderia estar completando a obsolescência da carta como pudesse estar representando um novo alento para ela.
- D) Teria sido conveniente pensar qual fosse a lacuna que se interponha entre a carta e o e-mail.
- E) Nada pode estar mais distante do e-mail do que o tempo que se costuma levar para que uma carta seja escrita e postada.

Esta e apenas uma amostra gratis. Adquira a versao completa em <http://www.concursoprepara.com.br>

Língua Portuguesa / Classes de palavras

Fonte: ADMINISTRADOR / Sergipe Gás S/A / 2013 / FCC

Q50.

A música alcançou uma onipresença avassaladora em nosso mundo: milhões de horas de sua história estão disponíveis em disco; rios de melodia digital correm na internet; aparelhos de mp3 com 40 mil canções podem ser colocados no bolso. No entanto, a música não é mais algo que fazemos nós mesmos, ou até que observamos outras pessoas fazerem diante de nós. Ela se tornou um meio radicalmente virtual, uma arte sem rosto. Quando caminhamos pela cidade num dia comum, nossos ouvidos registram música em quase todos os momentos – pedaços de hip-hop vazando dos fones de ouvido de adolescentes no metrô, o sinal do celular de um advogado tocando a “Ode à alegria”, de Beethoven –, mas quase nada disso será resultado imediato de um trabalho físico de mãos ou vozes humanas, como se dava no passado.

Desde que Edison inventou o cilindro fonográfico, em 1877, existe gente que avalia o que a gravação fez em favor e desfavor da arte da música. Inevitavelmente, a conversa descambou para os extremos retóricos. No campo oposto aos dos que diziam que a tecnologia acabaria com a música estão os utópicos, que alegam que a tecnologia não aprisionou a música, mas libertou-a, levando a arte da elite às massas. Antes de Edison, diziam os utópicos, as sinfonias de Beethoven só podiam ser ouvidas em salas de concerto selecionadas. Agora, as gravações levam a mensagem de Beethoven aos confins do planeta, convocando a multidão saudada na “Ode à alegria”: “Abraçam-se, milhões!”. Glenn Gould, depois de afastar-se das apresentações ao vivo em 1964, previu que dentro de um século o concerto público desapareceria no éter eletrônico, com grande efeito benéfico sobre a cultura musical.

(Adaptado de Alex Ross. Escuta só. Tradução Pedro Maia Soares. São Paulo, Cia. das Letras, 2010, p. 76-77)

No entanto, a música não é mais algo que fazemos nós mesmos, ou até que observamos outras pessoas fazerem diante de nós.

Considerando-se o contexto, é INCORRETO afirmar que o elemento grifado pode ser substituído por:

- A) Porém.
- B) Contudo.
- C) Todavia.
- D) Entretanto.
- E) Conquanto.

Esta e apenas uma amostra gratis. Adquira a versao completa em <http://www.concursoprepara.com.br>

Língua Portuguesa / Classes de palavras

Fonte: TÉCNICO BANCÁRIO III - INFORMÁTICA/SUPORTE / BANESE / 2012 / FCC

Q51.

Podemos afirmar que existem duas unanimidades na teoria econômica, com resultados práticos inevitáveis. Salvo algumas poucas opiniões em contrário, a primeira delas diz respeito à neutralidade das atividades econômicas sobre a natureza e seus ecossistemas. Isto é, tudo que é feito neste mundo, em termos econômicos, seria incapaz de danificar a natureza, os elos biológicos e os ecossistemas. A maioria dos economistas acredita nisso, mas, olhando ao redor, nos perguntamos com base em que essa crença foi criada. A segunda unanimidade, derivada da primeira, é a obsessão pelo crescimento, como única forma de resolver os problemas humanos relacionados ao bem-estar e à felicidade. Por essa razão, a preocupação rotineira dos economistas em geral é a capacidade de as economias continuarem crescendo infinita e ininterruptamente. Vemos essa preocupação surgir nas justificativas de medidas governamentais, bem como nos textos de diversos autores no Brasil e fora dele. Um exemplo é o Consenso de Washington, cuja finalidade foi pavimentar nos países em desenvolvimento as condições necessárias para a expansão das atividades. No entanto, embora essa seja a preocupação mais corriqueira do mundo financeiro da atualidade, iniciamos o século XXI com enorme angústia em torno da nossa capacidade de crescer. Os riscos financeiros vêm se multiplicando, com ou sem as reformas do Consenso. A situação econômica atual é crítica e vários economistas parecem deter a solução do problema: voltar a crescer. Precisamos tomar cuidado porque nem sempre os fins justificam os meios. Em primeiro lugar, não existe uma relação direta entre crescimento econômico e maior empregabilidade, já que o avanço tecnológico produz um crescimento de empregos que não alcança o da população. Além disso, o crescimento gerado com base na exaustão e degradação dos recursos naturais já está se mostrando inviável. Essa fórmula pode ser alentadora no curto prazo, mas fornece grande preocupação quanto ao futuro. Uma passagem de um célebre economista francês, Frédéric Bastiat, ilustra essa situação: "na esfera econômica, um ato, um hábito, uma instituição, uma lei não engendram apenas um efeito, mas uma série de efeitos. Desses, só o primeiro é imediato porque se manifesta junto com sua causa (se vê); os outros se desenrolarão sucessivamente (não se veem). Somos felizes se pudermos prevêê-los."

(Adaptado de Hugo Penteadó. *Ecoeconomia: uma nova abordagem*. São Paulo, Lazuli Editora, 2008, p. 89-92)

Um exemplo é o Consenso de Washington, cuja finalidade foi pavimentar nos países em desenvolvimento as condições necessárias para a expansão das atividades.

O elemento grifado na frase acima preenche corretamente a lacuna da frase:

- A) Pequenos agricultores abandonaram gradualmente terras fertilidade foi prejudicada pela atividade agrícola intensa.
- B) As culturas de café e açúcar no século XIX, produtos foram consumidos no mundo todo, tiveram efeitos negativos sobre a Mata Atlântica brasileira.
- C) Por não poder criar matéria ou energia, são recursos finitos, o homem continua dependente da natureza.
- D) A agricultura mecanizada e industrial, a capacidade de alimentar a população foi enormemente ampliada, representou perdas para os pequenos produtores.
- E) O uso de recursos naturais finitos, dependem vários polos industriais, é um problema a ser enfrentado pelas grandes economias mundiais.

Esta e apenas uma amostra gratis. Adquira a versao completa em <http://www.concursoprepara.com.br>

Língua Portuguesa / Classes de palavras

Fonte: ANALISTA JUDICIÁRIO - ANÁLISE DE SISTEMAS / TRE/SP / 2012 / FCC

Q52.

Você está conectado?

Alguns anos atrás, a palavra "conectividade" dormia em paz, em desuso, nos dicionários, lembrando vagamente algo como ligação, conexão. Agora, na era da informática e de todas as mídias, a palavra pulou para dentro da cena e ninguém mais admite viver sem estar conectado. Desconfio que seja este o paradigma dominante dos últimos e dos próximos anos, em nossa aldeia global: o primado das conexões.

No ônibus de viagem, de que me valho regularmente, sou quase uma ilha em meio às mais variadas conexões: do vizinho da direita vaza a chiadeira de um fone de ouvido bastante ineficaz; do rapazinho à esquerda chega a viva conversa que mantém há quinze minutos com a mãe, pelo celular; logo à frente um senhor desliza os dedos no laptop no colo, e se eu erguer um pouquinho os olhos dou com o vídeo – um filme de ação – que passa nos quatro monitores estrategicamente posicionados no ônibus. Celulares tocam e são atendidos regularmente, as falas se cruzam, e eu nunca mais consegui me distrair com o lento e mudo crepúsculo, na janela do ônibus.

Não senhor, não são inocentes e efêmeros hábitos modernos: a conectividade irrestrita veio para ficar e conduzir a

humanidade a não sabemos qual destino. As crianças e os jovens nem conseguem imaginar um mundo que não seja movido pela fusão das mídias e surgimento de novos suportes digitais. Tanta movimentação faz crer que, enfim, os homens estreitaram de vez os laços da comunicação.

Que nada. Olhe bem para o conectado ao seu lado.

Fixe-se nele sem receio, ele nem reparará que está sendo observado. Está absorto em sua conexão, no paraíso artificial onde o som e a imagem valem por si mesmos, linguagens prontas em que mergulha para uma travessia solitária. A conectividade é, de longe, o maior disfarce que a solidão humana encontrou. É disfarce tão eficaz que os próprios disfarçados não se reconhecem como tais. Emitimos e cruzamos frenéticos sinais de vida por todo o planeta: seria esse, Dr. Freud, o sintoma maior de nossas carências permanentes?

(Coriolano Vidal, inédito)

Está INADEQUADO o emprego do elemento sublinhado na frase:

- A) No ônibus de viagem, ao qual recorro regularmente, sou quase uma ilha em meio às mais variadas conexões.
- B) Ao contrário de outros tempos, já não é mais ao crepúsculo que me atendo em minhas viagens.
- C) A conectividade está nos conduzindo a um destino com o qual ninguém se arrisca a prever.
- D) As pessoas absortas em suas conexões parecem imergir numa espécie de solidão com cujo sentido é difícil de atinar.
- E) O cronista considera que nossas necessidades permanentes, às quais alude no último parágrafo, disfarçam-se em meio a tantas conexões.

Esta e apenas uma amostra grátis. Adquirir a versão completa em <http://www.concursosprepara.com.br>

Língua Portuguesa / Classes de palavras

Fonte: ANALISTA JUDICIÁRIO - ADMINISTRATIVA / TRE/AM / 2009 / FCC

Q53.

A leitura dos clássicos

Os **clássicos** são livros que exercem uma influência particular quando se impõem como inesquecíveis e também quando se ocultam nas dobras da memória, preservando-se no inconsciente.

Por isso, deveria existir um tempo na vida adulta dedicado a revisitar as leituras mais importantes da juventude. Se os livros permaneceram os mesmos (mas também eles mudam, à luz de uma perspectiva histórica diferente), nós com certeza mudamos, e o encontro é um acontecimento totalmente novo. Portanto, usar o verbo ler ou o verbo reler não tem muita importância. De fato, poderíamos dizer: toda releitura de um **clássico** é uma leitura de descoberta, como a primeira.

(Ítalo Calvino, "Por que ler os clássicos")

Está correto o emprego do elemento sublinhado na frase:

- A) Os clássicos são livros em cuja particular influência torna-os inesquecíveis.
- B) As dobras da memória, onde se ocultam imagens dos clássicos, são o refúgio do inconsciente.
- C) Há um tempo na vida adulta no qual poderíamos utilizar para uma redescoberta dos clássicos.
- D) A perspectiva histórica é determinante, por cuja os clássicos ganham um novo significado.
- E) O poder de revelação de que se imbuem os clássicos acaba por nos revelar para nós mesmos.

Esta e apenas uma amostra grátis. Adquirir a versão completa em <http://www.concursosprepara.com.br>

Língua Portuguesa / Classes de palavras

Fonte: ANALISTA JUDICIÁRIO - ADMINISTRATIVA / TRT 18ª / 2008 / FCC

Q54.

Viagem para fora

Há não tanto tempo assim, uma viagem de ônibus, sobretudo quando noturna, era a oportunidade para um passageiro ficar com o nariz na janela e, mesmo vendo pouco, ou nada, entreter-se com algumas luzes, talvez a lua, e certamente com os próprios pensamentos. A escuridão e o silêncio no interior do ônibus propiciavam um pequeno devaneio, a memória de alguma cena longínqua, uma reflexão qualquer. Nos dias de hoje as pessoas não parecem dispostas a esse exercício mínimo de solidão. Não sei se a temem: sei que há dispositivos de toda espécie para não deixar um passageiro entregar-se ao curso das idéias e da imaginação pessoal. Há sempre um filme passando nos três ou quatro monitores de TV, estrategicamente dispostos no corredor. Em geral, é um filme ritmado pelo som de tiros, gritos, explosões. É também bastante possível que seu vizinho de poltrona prefira não assistir ao filme e deixar-se embalar pela música altíssima de seu fone de ouvido, que você também ouvirá, traduzida num chiado interminável, com direito a batidas mecânicas de algum sucesso pop. Inevitável, também, acompanhar a variedade dos toques personalizados dos celulares, que vão do latido de um cachorro à versão eletrônica de uma abertura sinfônica de Mozart. Claro que você também se inteirará dos detalhes da vida doméstica de muita gente: a senhora da frente pergunta pelo cardápio do jantar que a espera, enquanto o senhor logo atrás de você lamenta não ter incluído certos dados em seu último relatório. Quando o ônibus chega, enfim, ao destino, você desce tomado por um inexplicável cansaço. Acho interessantes todas as conquistas da tecnologia da mídia moderna, mas prefiro desfrutar de uma a cada vez, e em momentos que eu escolho. Mas parece que a maioria das pessoas entrega-se gozosa e voluptuosamente a uma sobrecarga de estímulos áudio-visuais, evitando o rumo dos mudos pensamentos e das imagens internas, sem luz. Ninguém mais gosta de ficar, por um tempo mínimo que seja, metido no seu canto, entretido consigo mesmo? Por que se deleitam todos com tantas engenhocas eletrônicas, numa viagem que poderia propiciar o prazer de uma pequena incursão íntima? Fica a impressão de que a vida interior das pessoas vem-se reduzindo na mesma proporção em que se expandem os recursos eletrônicos.

(Thiago Solito da Cruz, inédito)

O autor vale-se do emprego do pronome você, ao longo do segundo parágrafo, da mesma forma que esse pronome é empregado em:

- A) Quando perguntei se você gostava de viajar, você titubeou, e não me respondeu.
- B) Já sei a opinião dele acerca da mídia eletrônica; gostaria que você me dissesse, agora, qual a sua.
- C) Não é aquele ou aquela passageira que me interessa; meus olhos não conseguem desviar-se de você.
- D) Quando se está em meio a um tumulto, você não consegue concentrar-se em seus próprios pensamentos.
- E) Espero que você não tenha se ofendido por eu lhe haver proposto que desligue o celular enquanto conversamos.

Esta e apenas uma amostra gratis. Adquir a versao completa em <http://www.concursoprepara.com.br>

Língua Portuguesa / Classes de palavras

Fonte: TÉCNICO JUDICIÁRIO - INFORMÁTICA / TRF 3ª / 2007 / FCC

Q55.

Sem celular

Dentro de um mês, haverá um telefone celular para cada duas pessoas na Terra. Pelos cálculos, serão 3,3 bilhões de aparelhos para 6,6 bilhões de pessoas. Parece, mas não é – ainda – o fim dos tempos. Significa que, de cada duas pessoas no planeta, restará uma que não sente ânsias de se comunicar o tempo todo, que não aceita ficar disponível 24 horas por dia e não corre o risco de constranger os artistas deixando seu aparelho tocar no meio da platéia do Teatro Municipal. Essa pessoa ainda valoriza o ato de falar ao telefone, usando-o ape-

nas quando tem algo prazeroso ou inadiável a dizer. E valoriza, sobretudo, o ato de não falar ao telefone.

Mas o dito placar, de alto conteúdo simbólico, só terá a duração de 60 segundos. Como, no mundo, são assinados mil novos contratos de telefonia móvel por minuto, este é o tempo que levará para que os usuários de celular passem à frente dos não usuários e disparem na corrida para empatar com o número total de habitantes.

Quais são os maiores responsáveis pelo galopante aumento na quantidade de celulares? A China, a Índia, a África e, claro, o Brasil. Quanto mais emergente, mais um povo parece precisar de celulares. Os americanos, os japoneses e os europeus, pelo visto, não precisam de tantos ou já têm todos os de que precisam.

Não me entendam mal, sou a favor do celular. Apenas me pergunto o que a turma tanto fala ao telefone. Do tambor ao computador, o ser humano sempre inventou meios para trocar mensagens. Mas, pelas amostras que recolho de ouvido nas ruas, fala-se ao celular apenas porque ele está à mão. Marshall McLuhan acertou na pinta: o meio é a mensagem. Temo que, um dia, exceto por Caetano Veloso e Vera Fischer, eu seja a única pessoa das minhas relações a não ter celular.

(Ruy Castro, Folha de S. Paulo)

Está correto o emprego de ambas as expressões sublinhadas na frase:

- A) É capaz de que, dentro em breve, o número de celulares seja superior do que o número de habitantes do nosso planeta.
- B) O telefone celular já foi um meio de comunicação de cujo a maioria da população era carente, assim como diante de outros serviços públicos.
- C) Os números de que se ocupa o autor do texto refletem uma obsessão moderna, pela qual a maioria das pessoas se deixa atrair.
- D) A informação na qual mil novos contratos são assinados por minuto leva a constatar de que em breve haverá tantos celulares quantos cidadãos.
- E) Há representações de peças teatrais em cujas ocorre a inconveniência do toque de um celular, ao qual o usuário deixou de desligar.

Esta e apenas uma amostra grátis. Adquirir a versão completa em <http://www.concursosprepara.com.br>

Língua Portuguesa / Flexão nominal e verbal

Fonte: ANALISTA JUDICIÁRIO - ÁREA ADMINISTRATIVA / TRT 12ª / 2013 / FCC

Q56.

As certezas sensíveis dão cor e concretude ao presente vivido. Na verdade, porém, o presente vivido é fruto de uma sofisticada mediação. O real tem um quê de ilusório e virtual.

Os órgãos sensoriais que nos ligam ao mundo são altamente seletivos naquilo que acolhem e transmitem ao cérebro. O olho humano, por exemplo, não é capaz de captar todo o espectro de energia eletromagnética existente. Os raios ultravioleta, situados fora do espectro visível do olho humano, são, no entanto, captados pelas abelhas.

Seletividade análoga preside a operação dos demais sentidos: cada um atua dentro de sua faixa de registro, ainda que o grau de sensibilidade dos indivíduos varie de acordo com idade, herança genética, treino e educação. Há mais coisas entre o céu e a terra do que nossos cinco sentidos – e todos os aparelhos científicos que lhes prestam serviços – são capazes de detectar.

Aquilo de que o nosso aparelho perceptivo nos faz conscientes não passa, portanto, de uma fração diminuta do que há. Mas o que aconteceria se tivéssemos de passar a lidar subitamente com uma gama extra e uma carga torrencial de percepções sensoriais (visuais, auditivas, táteis etc.) com as quais não estamos habituados? Suponha que uma mutação genética reduza drasticamente a seletividade natural dos nossos sentidos. O ganho de sensibilidade seria patente. “Se as portas da percepção se depurassem”, sugeria William Blake, “tudo se revelaria ao homem tal qual é, infinito”.

O grande problema é saber se estaríamos aptos a assimilar o formidável acréscimo de informação sensível que isso acarretaria. O mais provável é que essa súbita mutação – a desobstrução das portas e órgãos da percepção – produzisse não a revelação mística imaginada por Blake, mas um terrível engarrafamento cerebral: uma sobrecarga de informações acompanhada de um estado de aguda confusão e perplexidade do qual apenas lentamente conseguiríamos nos recuperar. As informações sensíveis a que temos acesso, embora restritas, não comprometeram nossa sobrevivência no laboratório da vida. Longe disso. É a brutal seletividade dos nossos sentidos que nos protege da infinita complexidade do Universo. Se o muro desaba, o caos impera.

(Adaptado de: Eduardo Gianetti, O valor do amanhã, São Paulo, Cia. das Letras, 2010, p. 139-143)

Se o mundo desaba, o caos impera.

Mantém-se correta correlação entre os tempos verbais da frase acima substituindo-se os verbos grifados, respectivamente, por:

- A) desabasse – imperaria.
- B) desabe – imperava.
- C) desaba – imperara.
- D) desabar – imperaria.
- E) desabava – imperara.

Esta e apenas uma amostra gratis. Adquira a versao completa em <http://www.concursoprepara.com.br>

Língua Portuguesa / Concordância nominal e verbal

Fonte: ANALISTA DO MINISTÉRIO PÚBLICO - ANÁLISE DE SISTEMA / MPE/SE / 2009 / FCC

Q57.

Jornalismo e universo jurídico

É frequente, na grande mídia, a divulgação de informações ligadas a temas jurídicos, muitas vezes essenciais para a conscientização do cidadão a respeito de seus direitos. Para esse gênero de informação alcançar adequadamente o público leitor leigo, não versado nos temas jurídicos, o papel do jornalista se torna indispensável, pois cabe a ele transformar informações originadas de meios especializados em notícia assimilável pelo leitor.

Para que consiga atingir o grande público, ao elaborar uma notícia ou reportagem ligada a temas jurídicos, o jornalista precisa buscar conhecimento complementar. Não se trata de uma tarefa fácil, visto que a compreensão do universo jurídico exige conhecimento especializado. A todo instante veem-se nos meios de comunicação informações sobre fatos complexos relacionados ao mundo da Justiça: reforma processual, controle externo do Judiciário, julgamento de crimes de improbidade administrativa, súmula vinculante, entre tantos outros. Ao mesmo tempo que se observa na mídia um grande número de matérias atinentes às Cortes de Justiça, às reformas na legislação e aos direitos legais do cidadão, verifica-se o desconhecimento de muitos jornalistas ao lidar com tais temas. O campo jurídico é tão complexo como alguns outros assuntos enfocados em segmentos especializados, como a economia, a informática ou a medicina, campos que também possuem linguagens próprias. Ao embrenhar-se no intrincado mundo jurídico, o jornalista arrisca-se a cometer uma série de incorreções e imprecisões linguísticas e técnicas na forma como as notícias são veiculadas. Uma das razões para esse risco é lembrada por Leão Serva:

Um procedimento essencial ao jornalismo, que necessariamente induz à incompreensão dos fatos que narra, é a redução das notícias a paradigmas que lhes são alheios, mas que permitem um certo nível imediato de compreensão pelo autor ou por aquele que ele supõe ser o seu leitor. Por conta desse procedimento, noticiários confusos aparecerão simplificados para o leitor, reduzindo, conseqüentemente, sua capacidade real de compreensão da totalidade do significado da notícia.

(Adaptado de Tomás Eon Barreiros e Sergio Paulo França de Almeida. <http://jus2.uol.com.br/doutrina/texto.asp?id=1006>)

As normas de concordância verbal estão plenamente atendidas na frase:

- A) Sempre haverá de ocorrer deslizes, ao se transpor para a linguagem do dia-a-dia o vocabulário de um campo técnico.
- B) Cabe aos jornalistas transformar informações especializadas em notícias assimiláveis pelo grande público.
- C) Restam-lhes traduzir assuntos especializados em palavras que os leigos possam compreender já à primeira leitura.
- D) Exigem-se dos jornalistas que mostrem competência e flexibilidade na passagem de uma linguagem para outra.
- E) Não são fáceis de traduzir em palavras simples um universo linguístico tão especializado como o de certas áreas técnicas.

Esta e apenas uma amostra grátis. Adquiria a versão completa em <http://www.concursoprepara.com.br>

Língua Portuguesa / Concordância nominal e verbal

Fonte: PERITO MÉDICO DA PREVIDÊNCIA SOCIAL / INSS / 2006 / FCC

Q58.

A concordância está totalmente de acordo com a norma padrão da língua escrita em:

- A) Naquela hora, o advogado chegou a insinuar que algumas das reivindicações de seu cliente já não lhe parecia tão justas como pensava que o fosse.
- B) Situações de crianças em risco, em quaisquer que seja os contextos considerados, devem ser levados a sério, sob pena de os possíveis responsáveis serem julgados omissos.
- C) Quando percebeu que já havia passado dez dias do recebimento das notas fiscais, lembrou que delas dependia, naquele momento, o envio do projeto em tempo hábil.
- D) É necessário, sempre e a todo momento, as mais severas medidas contra os que, imunes aos direitos alheios, atentam contra os bens públicos.
- E) Se eles houvessem manifestado interesse, nada impediria que lhes fosse oferecido, dentro das normas legais, o mesmo prazo que a outros foi concedido.

Esta e apenas uma amostra grátis. Adquiria a versão completa em <http://www.concursoprepara.com.br>

Língua Portuguesa / Regência nominal e verbal

Fonte: TÉCNICO JUDICIÁRIO - TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO / TRT 4ª / 2015 / FCC

Q59.

De gramática e de linguagem

E havia uma gramática que dizia assim:

"Substantivo (concreto) é tudo quanto indica
Pessoa, animal ou cousa: João, sabiá, caneta."

Eu gosto é das cousas. As cousas, sim!...

As pessoas atrapalham. Estão em toda parte. Multiplicam-se em excesso.

As cousas são quietas. Bastam-se. Não se metem com ninguém.

Uma pedra. Um armário. Um ovo. (Ovo, nem sempre,

Ovo pode estar choco: é inquietante...)

As cousas vivem metidas com as suas cousas.

E não exigem nada.

Apenas que não as tirem do lugar onde estão.

E João pode neste mesmo instante vir bater à nossa porta.

Para quê? não importa: João vem!

E há de estar triste ou alegre, reticente ou falastrão,

Amigo ou adverso ... João só será definitivo

Quando esticar a canela. Morre, João...

Mas o bom, mesmo, são os adjetivos,

Os puros adjetivos isentos de qualquer objeto.

Verde. Macio. Áspero. Rente. Escuro. Luminoso.
Sonoro. Lento. Eu sonho
Com uma linguagem composta unicamente de adjetivos
Como decerto é a linguagem das plantas e dos animais.
Ainda mais:
Eu sonho com um poema
Cujas palavras sumarentas escorram
Como a polpa de um fruto maduro em tua boca,
Um poema que te mate de amor
Antes mesmo que tu lhe saibas o misterioso sentido:
Basta provares o seu gosto...

(QUINTANA, M. Prosa e verso. Porto Alegre: Globo, 1978, p. 94)

E havia uma gramática...

O verbo que possui o mesmo tipo de complemento que o verbo grifado acima está empregado em:

- A) João só será definitivo...
- B) Estão em toda parte.
- C) E não exigem nada.
- D) Eu sonho com um poema ...
- E) As pessoas atropalham.

Esta e apenas uma amostra gratis. Adquira a versao completa em <http://www.concursoprepara.com.br>

Língua Portuguesa / Regência nominal e verbal

Fonte: TÉCNICO JUDICIÁRIO - TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO / TRT 5ª / 2013 / FCC

Q60.

A ocupação da região da Chapada Diamantina, inicialmente habitada pelos índios Maracás, remonta aos anos áureos da exploração de jazidas e minérios, por volta de 1700, quando foi encontrado ouro próximo ao Rio de Contas Pequeno, marcando o início da chegada dos bandeirantes e exploradores. Em 1844, a colonização é impulsionada pela descoberta de diamantes valiosos nos arredores do Rio Mucugê, e os comerciantes, colonos, jesuítas e estrangeiros se espalham pelas vilas, controladas e reguladas pela força da riqueza. A atividade agropecuária tomba diante da opulência do garimpo. Reduto de belezas naturais, a Chapada abarca uma diversidade grande de fauna e flora. São mais de 50 tipos de orquídeas, bromélias e trepadeiras, além de espécies animais raras, como o tamanduá-bandeira. O Parque Nacional da Chapada Diamantina, criado na década de 80 do séc. XX, atua como órgão protetor de toda essa exuberância.

(Adaptado de: www.bahia.com.br)

... remonta aos anos áureos da exploração de jazidas e minérios...

Considerando-se a regência do verbo remontar, no contexto, o segmento sublinhado pode ser corretamente substituído por:

- A) nos dias áureos.
- B) as fases áureas.
- C) o período áureo.
- D) os momentos áureos.
- E) à época áurea.

Esta e apenas uma amostra gratis. Adquira a versao completa em <http://www.concursoprepara.com.br>

Língua Portuguesa / Regência nominal e verbal

Q61.

Um ano de ausência

A porta aberta, você dava logo de cara com um azulejo na parede: "Aqui mora um solteiro feliz". Uma pitada de humor com um toque popular. Essa graça espontânea que a tudo dá gosto. Do contrário, a vida é só enfado e mormaço. Era de fato um solitário. Precisava de ser só. Nisso, sua personalidade era feita de uma peça só. Incapaz de simulação, ou até, em certos casos, de uma ponta de hipocrisia que se debita à polidez social.

Nunca vi solitário de porta tão aberta. Nesse sentido, falando de Minas, do tempo em que lá viveu, observava o recato, a quase avareza com que os mineiros tratam o forasteiro. Talvez por isso nunca se esqueceu de um almoço em Caeté, que lhe deu uma página antológica do ponto de vista das duas artes – a culinária e a literária. Sendo de um temperamento encolhido, sobretudo na mocidade, gostava desse clima de intimidade que cria laços de confiança e amizade para sempre. À primeira vista, ou de longe, parecia, sim, o que os franceses chamam de um urso. Sempre metido consigo mesmo, fabricava o seu próprio mel. Espécie de ruminante, que se alimentava da matula que traz de nascença. Fugia da cilada sentimental, ou da emoção, pelo atalho do senso de humor. Sabia manejar a lâmina da ironia, nunca a usava a seco. Sempre compensada por uma tirada de forte teor humano. Horror ao pedantismo, à afetação. Não impostava a voz, nem a pena. Talvez tivesse qualquer coisa de bicho, esse homem sensível à beleza fugaz deste mundo. Na sua relação com a natureza, não havia intermediação de ordem intelectual. O coração da vida pulsava no seu coração. Era um ser livre e lírico. Seu claro olhar de sabedoria espiava o Brasil com algum tédio. País sem jeito, que trata mal as crianças e os pobres. O sentimento de justiça sem apelo ideológico. Muito antes do modismo conservacionista, pleiteou a causa do macaco carvoeiro e de todo e qualquer ser ameaçado. Tinha uma disponibilidade fundamental para ver e escrever. Um senhor poeta, o cronista Rubem Braga.

(Adaptado de: Otto Lara Resende. Bom dia para nascer: crônicas publicadas na Folha de S.Paulo. São Paulo: Cia. das Letras, 2011, p. 259 e 260)

... clima de intimidade que cria laços de confiança e amizade para sempre.

O verbo que exige o mesmo tipo de complemento que o verbo grifado acima está empregado em:

- A) Não impostava a voz, nem a pena.
- B) Talvez por isso nunca se esqueceu de um almoço em Caeté...
- C) Essa graça espontânea que a tudo dá gosto.
- D) Era um ser livre e lírico.
- E) Fugia da cilada sentimental, ou da emoção, pelo atalho do senso de humor.

Esta e apenas uma amostra grátis. Adquira a versão completa em <http://www.concursoprepara.com.br>

Língua Portuguesa / Regência nominal e verbal

Fonte: TÉCNICO JUDICIÁRIO - ÁREA ADMINISTRATIVA / TRT 1ª / 2013 / FCC

Q62.

Visão monumental

Nada superará a beleza, nem todos os ângulos retos da razão. Assim pensava o maior arquiteto e mais invocado sonha-

dor do Brasil. Morto em 5 de dezembro de insuficiência respiratória, a dez dias de completar com uma festa, no Rio de Janeiro onde morava, 105 anos de idade, Oscar Niemeyer propusera sua própria revolução arquitetônica baseado em uma interpretação do corpo da mulher.

Filho de fazendeiros, fora o único ateu e comunista da família, tendo ingressado no partido por inspiração de Luiz Carlos Prestes, em 1945. Como a agremiação partidária não correspondera a seu sonho, descolara-se dela, na companhia de seu líder, em 1990. "O comunismo resolve o problema da vida", acreditou até o fim. "Ele faz com que a vida seja mais justa. E isso é fundamental. Mas o ser humano, este continua desprotegido, entregue à sorte que o destino lhe impõe."

E desprotegido talvez pudesse se sentir um observador diante da monumentalidade que ele próprio idealizara para Brasília a partir do plano-piloto de Lucio Costa. Quem sabe seus museus, prédios governamentais e catedrais não tivessem mesmo sido construídos para ilustrar essa perplexidade? Ele acreditava incutir o ardor em quem experimentava suas construções. Bem disse Le Corbusier que Niemeyer tinha "as montanhas do Rio dentro dos olhos", aquelas que um observador pode vislumbrar a partir do Museu de Arte Contemporânea de Niterói, um entre cerca de 500 projetos seus. Brasília, em que pese o sonho necessário, resultara em alguma decepção. Niemeyer vira a possibilidade de construir ali a imagem moderna do País. E como dizer que a cidade, ao fim, deixara de corresponder à modernidade empenhada? Houve um sonho monumental, e ele foi devidamente traduzido por Niemeyer. No Plano Central, construíra a identidade escultural do Brasil.

(Adaptado de Rosane Pavam. CartaCapital, 07/12/2012, www.cartacapital.com.br/sociedade/a-visao-monumental-2/)

A substituição do elemento grifado pelo pronome correspondente, com os necessários ajustes, foi realizada de modo INCORRETO em:

- A) acreditava incutir o ardor = acreditava incuti-lo.
- B) Nada superará a beleza = Nada lhe superará.
- C) não correspondera a seu sonho = não lhe correspondera.
- D) resolve o problema da vida = resolve-o.
- E) para ilustrar essa perplexidade = para ilustrá-la.

Esta e apenas uma amostra gratis. Adquiria a versao completa em <http://www.concursoprepara.com.br>

Língua Portuguesa / Regência nominal e verbal

Fonte: ANALISTA JUDICIÁRIO ÁREA JUDICIÁRIA / TST / 2012 / FCC

Q63.

Os intérpretes do Brasil e das nações egressas de sistemas coloniais partem, desde os meados do século XX, da aceitação tácita ou manifesta de uma dualidade fundamental: centro versus periferia.

Creio ser razoável perguntar se essa oposição é estrutural ou histórica; e, em consequência, se é estática ou dinâmica, se está fixada para todo o sempre como um conceito ontológico, ou se está sujeita ao tempo, logo à possibilidade de variação e mudança.

Há uma passagem em A era dos impérios de Eric Hobsbawm em que o historiador exprime a sua perplexidade em face do discurso sobre a diferença entre "partes avançadas e atrasadas, desenvolvidas e não desenvolvidas do mundo":

"Definir a diferença entre partes avançadas e atrasadas, desenvolvidas e não desenvolvidas do mundo é um exercício complexo e frustrante, pois tais classificações são por natureza estáticas e simples, e a realidade que deveria se adequar a elas não era nenhuma das duas

coisas. O que definia o século XIX era a mudança: mudança em termos de e em função dos objetivos das regiões dinâmicas do Atlântico norte, que eram, à época, o núcleo do capitalismo mundial. Com algumas exceções marginais e cada vez menos importantes, todos os países, mesmo os até então mais isolados, estavam, ao menos periféricamente, presos pelos tentáculos dessa transformação mundial. Por outro lado, até os mais 'avançados' dos países 'desenvolvidos' mudaram parcialmente através da adaptação da herança de um passado antigo e 'atrasado', e continham camadas e parcelas da sociedade resistentes à transformação. Os historiadores quebram a cabeça procurando a melhor maneira de formular e apresentar essa mudança universal, porém diferente em cada lugar, a complexidade de seus padrões e interações e suas principais tendências."

231. Eric Hobsbawm, A era dos impérios. 1875-1914, 11. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007. p.46.

(Alfredo Bosi, "O mesmo e o diferente". IN Ideologia e contra-ideologia. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 227-228)

"O que definia o século XIX era a mudança: mudança em termos de e em função dos objetivos das regiões dinâmicas do Atlântico norte, que eram, à época, o núcleo do capitalismo mundial."

Estrutura que considera, como a destacada acima, corretamente as regências, encontra-se em frases que seguem, com EXCEÇÃO desta única:

- A) Comprovou que e alegou de que os documentos eram originais.
- B) Segurou o menino com e pela mão esquerda.
- C) Por conta de e para saldar as dívidas, penhorou seu único imóvel.
- D) Necessitava de e exigia os documentos que haviam ficado retidos indevidamente.
- E) Os estados se unificaram em e por uma sólida confederação.

Esta e apenas uma amostra grátis. Adquirir a versão completa em <http://www.concursoprepara.com.br>

Língua Portuguesa / Regência nominal e verbal

Fonte: DEFENSOR PÚBLICO DE CLASSE INICIAL / DPE/RS / 2011 / FCC

Q64.

EUA dizem que um ataque ao Irã uniria o país, hoje dividido

WASHINGTON (Reuters) – Um ataque militar contra o Irã uniria o país, que está dividido, e reforçar a determinação do governo iraniano para buscar armas nucleares, disse o secretário de Defesa dos Estados Unidos, Robert Gates, nesta terça-feira.

Em pronunciamento ao conselho diretor do Wall Street Journal, Gates afirmou ser importante usar outros meios para convencer o Irã a não procurar ter armas nucleares e repetiu as suas preocupações de que ações militares somente iriam retardar – e não impedir – que o país obtenha essa capacidade.

(<http://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/reuters/2010/11/16/eua-dizem-que-um-ataque-ao-ira-uniria-o-pais-hoje-dividido.jhtm?action=print>, em 16/11/2010)

Em repetiu as suas preocupações de que ações militares somente iriam retardar – e não impedir – que o país obtenha essa capacidade (linhas 9 a 11), tem-se

I. falta de crase porque o verbo *repetiu* (linha 9) é transitivo indireto e a sua regência exige a preposição *a*, que faz fusão com o artigo *as* do substantivo preocupações (linha 9).

II. problema de regência entre *retardar* e *que o país obtenha essa capacidade* (linhas 10 e 11), provocado pela intercalação de – e *não impedir* – (linha 10).

III. problema de paralelismo verbal porque o conetivo *e* (linha 9) está ligando o verbo *ser* (linha 7) e o verbo *repetiu*, os dois flexionados diferentemente.

Está correto o que se afirma APENAS em

- A) I.
- B) II.
- C) III.
- D) I e II.
- E) II e III.

Esta e apenas uma amostra gratis. Adquira a versao completa em <http://www.concursosprepara.com.br>

Língua Portuguesa / Ocorrência da Crase

Fonte: TÉCNICO DE ATIVIDADE JUDICIÁRIA SEM ESPECIALIDADE / TJR/RJ / 2012 / FCC

Q65.

O dia 12 de outubro de 1822, data da aclamação do imperador Pedro I, amanheceu nublado e chuvoso no Rio de Janeiro. Mas nem a chuva nem as rajadas de vento conseguiram atrapalhar a primeira grande festa cívica do Brasil independente. Logo ao alvorecer, a cidade foi acordada por uma ensurdecidora salva de canhões, disparada das fortalezas situadas na entrada da baía de Guanabara e dos navios de guerra ancorados no porto. As ruas estavam ocupadas pela multidão e das varandas pendiam colchas, toalhas bordadas e outros adereços. Os moradores colocaram suas melhores roupas e saíram às janelas para ver o espetáculo.

(Adaptado de Laurentino Gomes. 1822. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011. p. 207)

Considerando-se o emprego da crase e as regras de concordância, estão corretas as frases que se encontram em:

- A) Ao chegar ao Campo de Santana, D. Pedro foi recebido com entusiasmo pela multidão, que atiravam flores à ele. Esse e outros eventos relacionados à independência do Brasil foi registrado pelo pintor Jean-Baptiste Debret.
- B) Ao chegar ao Campo de Santana, D. Pedro foi recebido com entusiasmo pela multidão, que atirava flores à ele. Esse e outros eventos relacionado à independência do Brasil foi registrado pelo pintor Jean- Baptiste Debret.
- C) Ao chegar ao Campo de Santana, D. Pedro foi recebido com entusiasmo pela multidão, que atiravam flores a ele. Esse e outros eventos relacionados a independência do Brasil foi registrado pelo pintor Jean-Baptiste Debret.
- D) Ao chegar ao Campo de Santana, D. Pedro foi recebido com entusiasmo pela multidão, que atirava flores a ele. Esse e outros eventos relacionados à independência do Brasil foram registrados pelo pintor Jean-Baptiste Debret.
- E) Ao chegar ao Campo de Santana, D. Pedro foi recebido com entusiasmo pela multidão, que atirava flores à ele. Esse e outros eventos relacionados a independência do Brasil foram registrados pelo pintor Jean-Baptiste Debret.

Esta e apenas uma amostra gratis. Adquira a versao completa em <http://www.concursosprepara.com.br>

Língua Portuguesa / Ocorrência da Crase

Fonte: ANALISTA JUDICIÁRIO - JUDICIÁRIA / TRF 3ª / 2007 / FCC

Q66.

Os sonhos dos adolescentes

Se tivesse que comparar os jovens de hoje com os de dez ou vinte anos atrás, resumiria assim: eles sonham pequeno. É curioso, pois, pelo exemplo de pais, parentes e vizinhos,

nossos jovens sabem que sua origem não fecha seu destino: sua vida não tem que acontecer necessariamente no lugar onde nasceram, sua profissão não tem que ser a continuação da de seus pais. Pelo acesso a uma proliferação extraordinária de ficções e informações, eles conhecem uma pluralidade inédita de vidas possíveis.

Apesar disso, em regra, os adolescentes e os pré-adolescentes de hoje têm devaneios sobre seu futuro muito parecidos com a vida da gente: eles sonham com um dia-a-dia que, para nós, adultos, não é sonho algum, mas o resultado (mais ou menos resignado) de compromissos e frustrações. Eles são "razoáveis": seu sonho é um ajuste entre suas aspirações heróico-ecológicas e as "necessidades" concretas (segurança do emprego, plano de saúde e aposentadoria). Alguém dirá: melhor lidar com adolescentes tranquilos do que com rebeldes sem causa, não é? Pode ser, mas, seja qual for a qualidade dos professores, a escola desperta interesse quando carrega consigo uma promessa de futuro: estudem para ter uma vida mais próxima de seus sonhos. É bom que a escola não responda apenas à "dura realidade" do mercado de trabalho, mas também (talvez, sobretudo) aos devaneios de seus estudantes; sem isso, qual seria sua promessa? "Estude para se conformar"? Conseqüência: a escola é sempre desinteressante para quem pára de sonhar.

É possível que, por sua própria presença maciça em nossas telas, as ficções tenham perdido sua função essencial e sejam contempladas não como um repertório arrebatador de vidas possíveis, mas como um caleidoscópio para alegrar os olhos, um simples entretenimento. Os heróis percorrem o mundo matando dragões, defendendo causas e encontrando amores solares, mas eles não nos inspiram: eles nos divertem, enquanto, comportadamente, aspiramos a um churrasco no domingo e a uma cerveja com os amigos.

É também possível (sem contradizer a hipótese anterior) que os adultos não saibam mais sonhar muito além de seu nariz. Ora, a capacidade de os adolescentes inventarem seu futuro depende dos sonhos aos quais nós renunciemos. Pode ser que, quando eles procuram, nas entrelinhas de nossas falas, as aspirações das quais desistimos, eles se deparem apenas com versões melhoradas da mesma vida acomodada que, mal ou bem, conseguimos arrumar. Cada época tem os adolescentes que merece.

(Adaptado de Contardo Calligaris. Folha de S. Paulo, 11/01/07)

É preciso suprimir um ou mais sinais de crase em:

- A) À falta de coisa melhor para fazer, muita gente assiste à televisão sem sequer atentar para o que está vendo.
- B) Cabe à juventude de hoje dedicar-se à substituição dos apelos do mercado por impulsos que, em sua verdade natural, façam jus à capacidade humana de sonhar.
- C) Os sonhos não se adquirem à vista: custa tempo para se elaborar dentro de nós a matéria de que são feitos, às vezes à revelia de nós mesmos.
- D) Compreenda-se quem aspira à estabilidade de um emprego, mas prestem-se todas as homenagens àquele que cultiva seus sonhos.
- E) Quem acha que agracia à juventude de hoje com elogios ao seu pragmatismo não está à salvo de ser o responsável pela frustração de toda uma geração.

Esta e apenas uma amostra gratis. Adquira a versao completa em <http://www.concursoseprepara.com.br>

Língua Portuguesa / Ortografia

Fonte: TÉCNICO MINISTERIAL - SEM ESPECIALIDADE / MPE/PB / 2015 / FCC

Q67.

"O ar da cidade liberta", diz um provérbio alemão do fim da Idade Média. Depois, no início do século 20, pensadores como Georg Simmel e Walter Benjamin mostraram como a grande cidade, lugar da massa, é, paradoxalmente, o lugar da individualidade. Pois, no contexto de comunidades pequenas, a liberdade individual está sempre tolhida pelo olhar e julgamento do

vizinho. Já na cidade, ao contrário, o sujeito é anônimo na multidão, por isso está livre para ser ele mesmo, isto é, ser outro, aquilo que não se esperaria dele.

Toda a graça da cidade, assim, repousa no fato de que ela existe para dar espaço à individualidade, não ao individualismo. Lugar da coletividade, ela se funda sobre as noções de comum e de público. Na cidade, vivemos com uma multidão que não escolhemos. A boa convivência com esses outros depende da aceitação da diferença como algo estruturante. Aqui está o ponto crucial. A aceitação radical da diferença supõe a empatia, mas não a simpatia nem a recusa. É o que Richard Sennett, em "Juntos", define como conversa dialógica. Uma conversa que não supõe concordância total, mas uma gestão orquestrada de conflitos. Daí que o atributo essencial de um espaço público vivo seja o conflito, não a falsa harmonia. Igualmente, o temor da violência urbana, pretensamente protegido atrás de muros e cercas elétricas, aparentemente não enxerga o quanto acaba sendo, ele mesmo, produtor de violência, pois a cidade não pode ser segura apenas para alguns. Sua lição histórica é a de que a defesa do interesse individual não deve ser antagônica a uma visão solidária da coletividade.

(Adaptado de: WISNIK, Guilherme. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/>)

Está gramaticalmente correta a redação que se encontra em:

- A) As sociedades cada vez mais complexas que se vê hoje nas grandes cidades, parecem ter menos habilidade para lidar com a imigração, que, no entanto, marca a vida moderna.
- B) Alguns entendem que a mistura de classes sociais, culturas, línguas, etnias e religiões encontrados na cidade sejam o melhor antídoto que se inventou contra a intolerância.
- C) Enquanto o consumo, balizado pelo poder aquisitivo, costuma tender à desigualdade, a política existe para garantir que um local público, como uma praça, por exemplo, seja de fato para o uso da coletividade.
- D) Sempre houve conflito entre os diversos grupos sociais, contudo hoje manifestam-se, de acordo com o pensador Richard Sennett, como uma espécie de indiferença pelo outro, como se o diferente simplesmente não existisse.
- E) Podem haver, na modernidade, sociedades cujas massas são invisíveis para as elites, mas os diversos grupos que as compõem, por sua vez, vem se tornando mais distantes e menos capazes de interagir entre si.

Esta e apenas uma amostra grátis. Adquira a versão completa em <http://www.concursoprepara.com.br>

Língua Portuguesa / Pontuação

Fonte: ANALISTA JUDICIÁRIO - ADMINISTRATIVA / TJ/AP / 2014 / FCC

Q68.

A literatura de cordel, hoje

No Brasil, literatura de cordel designa a literatura popular produzida em versos. A expressão se deve ao fato de que os folhetos eram comumente vendidos em feiras, pendurados em cordéis. Nota-se, hoje em dia, uma crescente visibilidade dessa literatura tradicional. Editoras e poetas trabalham intensamente para divulgar os folhetos, professores realizam experiências em sala de aula, pesquisas são realizadas no âmbito acadêmico, muitas delas são apresentadas como teses universitárias. Esse dinamismo pode ser ainda observado na publicação de antologias de folhetos por grandes editoras, ou na edição em livro de obras de escritores populares, e sobretudo no aparecimento de inúmeros poetas e poetisas em diferentes pontos do país. Todo esse dinamismo precisa ser analisado com cuidado. Fala-se muito na presença da literatura de cordel na escola, várias intervenções vêm sendo realizadas sobretudo em estados do Nordeste. Abrir as portas da escola para o conhecimento da

literatura de cordel em particular, ou mesmo da literatura popular em geral, é uma conquista da maior importância. Porém, há que se pensar de que modo efetivar esse processo tendo em vista a melhor contribuição possível para a formação dos alunos. A literatura de cordel deve ter, sim, um espaço na escola, nos níveis fundamental e médio, levando-se sempre em conta, porém, as especificidades desse tipo de produção artística. Considerá-la tão somente como uma ferramenta ocasional, utilizada para a assimilação de conteúdos disseminados nas mais variadas disciplinas (história, geografia, matemática, língua portuguesa) não parece uma atitude que contribua para uma significativa experiência da leitura dos folhetos. Há que respeitá-los e admirá-los sobretudo pelo que já são: testemunhos do mundo imaginário a que se dedicaram talentosos escritores de extração popular.

(Adaptado de: MARINHO, Ana Cristina e PINHEIRO, Hélder. O cordel no cotidiano escolar. São Paulo: Cortez, 2012)

Considere as seguintes frases:

I. Ele ama os poemas de cordel, com que teve contato desde pequeno.

II. Respeito os autores de cordel, que normalmente não se preocupam com o grande mercado.

III. Ainda ontem de manhã, passei horas examinando os folhetos expostos na feira.

A supressão da vírgula ALTERA o sentido do que está APENAS em

- A) I e II.
- B) I e III.
- C) II e III.
- D) I.
- E) II.

Esta e apenas uma amostra grátis. Adquira a versão completa em <http://www.concursoprepara.com.br>

Língua Portuguesa / Pontuação

Fonte: ANALISTA DE CONTROLE EXTERNO TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO / TCE/GO / 2014 / FCC

Q69.

O cerrado, vegetação seca que cobre o estado de Goiás, é considerado o segundo maior bioma brasileiro. Ao viajar pelo estado, chama a atenção quando se vê em um pasto imenso, lá no meio, a coloração viva do ipê. Entretanto, essa vegetação vem sofrendo com o avanço das monoculturas.

Professor de agronomia da Universidade Federal de Goiás, Wilson Mozena acredita que esse cenário de preocupação ambiental vem mudando, principalmente com projetos como o Programa Agricultura de Baixa Emissão de Carbono. Para o professor, a monocultura é a maior vilã da terra.

O pesquisador explica que os sistemas de integração e de plantio direto promovem benefícios vitais para o solo. O esquema de plantio em que se varia o tipo de planta, colocando, por exemplo, milho junto com eucalipto, auxilia tanto no “sequestro” do carbono como na manutenção de uma terra fértil. “Nesse sistema, junto com o milho, planta-se a semente da forrageira

[planta usada para alimentar o gado]. O milho nasce e essa planta fica na sombra até quando o milho é colhido para o gado pastar, explica.

Já o sequestro do carbono contribui para diminuir a emissão de gases de efeito estufa. Quando a terra é arada os restos são incorporados e os micro-organismos que decompõem esses restos morrem sem alimento e o carbono vai para a atmosfera. "Quando se deixam nutrientes no solo, os micro-organismos aumentam para decompor os nutrientes e ficam na terra se alimentando. O carbono permanece com eles, não subindo para a atmosfera".

(Adaptado de: MARCELINO, Sarah Teófilo. "Fazenda em Goiás mantém a esperança da preservação do cerrado". Disponível em: <http://sustentabilidade.estadao.com.br>. Acessado em: 25/09/14)

Sem prejuízo da correção e do sentido, uma vírgula pode ser inserida imediatamente após

- A) "carbono", em *Já o sequestro do carbono...* (4º parágrafo)
- B) "arada", em *Quando a terra é arada...* (4º parágrafo)
- C) "aumentam", em *os micro-organismos aumentam...* (4º parágrafo)
- D) "explica", em *O pesquisador explica* (3º parágrafo)
- E) "micro-organismos", em *os micro-organismos que decompõem esses restos* (4º parágrafo)

Esta e apenas uma amostra gratis. Adquir a versao completa em <http://www.concursoprepara.com.br>

Língua Portuguesa / Pontuação

Fonte: ANALISTA JUDICIÁRIO - ANÁLISE DE SISTEMAS / TJ/SE / 2009 / FCC

Q70.

Caso de injustiça

Conta o poeta Carlos Drummond de Andrade que, adolescente, foi expulso do colégio porque pediu ao professor de Português que atribuísse uma nota justa à redação que escrevera, já que o mestre lhe dissera haver sido muito generoso na avaliação. O pedido altivo do rapaz foi entendido como um ato de "insubordinação mental". Drummond considerou esse caso pessoal decisivo para que, desde então, passasse a não esperar muito da justiça humana. De fato, aquele professor de Português lembra essas pessoas que, investidas de alguma autoridade, usam-na para afetar benevolência e distribuir favores que, certamente, serão cobrados depois. Querem passar por "generosas", quando não são mais que despóticas e arbitrárias.

(Amílcar Neves Sampaio, inédito)

Está plenamente adequada a pontuação da seguinte frase:

- A) Por que teria o jovem Drummond de aceitar, aquela insolência travestida de generosidade, com que o tratou seu professor.
- B) Poucas coisas há, mais perniciosas, do que disfarçar uma fraqueza da nossa personalidade, pela virtude que lhe corresponde.
- C) O sistema de troca de favores segundo alguns sociólogos, constitui uma prática disseminada, ao longo de nossa constituição como povo.
- D) Embora a nota da redação fosse alta o jovem Drummond, diante da arrogância do mestre, preferiu que este lhe desse, a que julgasse justa.
- E) Em vez de ser reconhecida como virtuosa, a altivez do jovem foi punida, muito injustamente, com a expulsão do colégio.

Esta e apenas uma amostra gratis. Adquir a versao completa em <http://www.concursoprepara.com.br>

Língua Portuguesa / Pontuação

Fonte: ANALISTA JUDICIÁRIO - ADMINISTRATIVA / TRT 16ª / 2009 / FCC

Q71.

Caipiradas

A gente que vive na cidade procurou sempre adotar modos de ser, pensar e agir que lhe pareciam os mais civilizados, os que permitem ver logo que uma pessoa está acostumada com o que é prescrito de maneira tirânica pelas modas – moda na roupa, na etiqueta, na escolha dos objetos, na comida, na dança, nos espetáculos, na gíria. A moda logo passa; por isso, a gente da cidade deve e pode mudar, trocar de objetos e costumes, estar em dia. Como consequência, se entra em contato com um grupo ou uma pessoa que não mudaram tanto assim; que usam roupa como a de dez anos atrás e respondem a um cumprimento com certa fórmula desusada; que não sabem qual é o cantor da moda nem o novo jeito de namorar; quando entra em contato com gente assim, o cidadão diz que ela é caipira, querendo dizer que é atrasada e portanto meio ridícula.

Diz, ou dizia; porque hoje a mudança é tão rápida que o termo está saindo das expressões de todo dia e serve mais para designar certas sobrevivências teimosas ou alteradas do passado: músicas caipiras, festas caipiras, danças caipiras, por exemplo. Que, aliás, na maioria das vezes, conhecemos não praticadas por caipiras, mas por gente que finge de caipira e usa a realidade do seu mundo como um produto comercial pitoresco.

Nem podia ser de outro modo, porque o mundo em geral está mudando depressa demais, e nada pode ficar parado. Hoje, creio que não se pode falar mais de criatividade cultural no universo do caipira, porque ele quase acabou. O que há é impulso adquirido, resto, repetição – ou paródia e imitação deformada, mais ou menos parecida. Há, registre-se, iniciativas culturais com o fito de fixar o que sobra de autêntico no mundo caipira. É o caso do disco Caipira. Raízes e frutos, do selo Eldorado, gravado em 1980, que será altamente apreciado por quantos se interessem por essa cultura tão especial, e já quase extinta.

(Adaptado de Antonio Candido, Recortes)

Há justificativa para esta seguinte alteração de pontuação, proposta para o segmento final do primeiro parágrafo:

- A) o cidadão diz que ela é caipira querendo dizer: que é atrasada, e portanto, meio ridícula.
- B) o cidadão diz que ela é caipira querendo dizer que é atrasada; e portanto, meio ridícula.
- C) o cidadão diz que ela é caipira, querendo dizer, que é atrasada, e, portanto, meio ridícula.
- D) o cidadão diz que ela é caipira, querendo dizer que é atrasada e, portanto, meio ridícula.
- E) o cidadão diz: que ela é caipira, querendo dizer: que é atrasada, e portanto meio ridícula.

Esta e apenas uma amostra grátis. Adquira a versão completa em <http://www.concursoprepara.com.br>

Língua Portuguesa / Equivalência e transformação de estruturas; Redação

Fonte: ANALISTA TECNOLÓGICO - ANALISTA DE NEGÓCIOS / Pref. Teresina/PI / 2016 / FCC

Q72.

Achei que estava bem na foto. Magro, olhar vivo, rindo com os amigos na praia. Quase não havia cabelos brancos entre os poucos que sobreviviam. Comparada ao homem de hoje, era a fotografia de um jovem. Tinha 50 anos naquela época, entretanto, idade em que me considerava bem distante da juventude.

Lidar com a inexorabilidade do envelhecimento exige uma habilidade na qual somos inigualáveis: a adaptação. Não há animal capaz de criar soluções diante da adversidade como nós. Da mesma forma que ensaiamos os primeiros passos por imitação, temos que aprender a ser adolescentes, adultos e a ficar cada vez mais velhos.

A adolescência é um fenômeno moderno. Nossos ancestrais passavam da infância à vida adulta sem estágios intermediários.

Nas comunidades agrárias, aos 7 anos, os meninos trabalhavam na roça e as meninas já cuidavam dos afazeres domésticos. A figura do adolescente que mora com os pais até os 30 anos surgiu nas sociedades industrializadas após a Segunda Guerra Mundial.

A exaltação da juventude como o período áureo da existência humana é um mito das sociedades ocidentais. Restringir aos jovens a publicidade dos bens de consumo, exaltar a estética, os costumes e os padrões de comportamento característicos dessa faixa etária tem o efeito perverso de insinuar que o declínio começa assim que essa fase se aproxima do fim.

A ideia de envelhecer aflige mulheres e homens modernos. É preciso sabedoria para aceitar que nossos atributos se modificam com o passar dos anos. Que nenhuma cirurgia devolverá aos 60 o rosto que tínhamos aos 18, mas que envelhecer não é sinônimo de decadência física para os que se movimentam, não fumam, comem com parcimônia, exercitam a cognição e continuam atentos às transformações do mundo.

Considerar a vida um vale de lágrimas no qual submergimos ao deixar a juventude é torná-la experiência medíocre. Julgar que os melhores anos foram aqueles dos 15 aos 25 é não levar em conta que a memória é editora autoritária, capaz de suprimir por conta própria as experiências traumáticas e relegar ao esquecimento inseguranças, medos e decepções afetivas.

Nada mais ofensivo para o velho do que dizer que ele tem "cabeça de jovem". Ainda que maldigamos o envelhecimento, é ele que nos traz a aceitação das ambiguidades, das diferenças, do contraditório e abre espaço para uma diversidade de experiências com as quais nem sonhávamos anteriormente.

(Adaptado de: VARELLA, Drauzio. Disponível em: www.drauziovarella.com.br)

A adolescência é um fenômeno moderno. Nossos ancestrais passavam da infância à vida adulta sem estágios intermediários. (3º parágrafo)

Sem prejuízo do sentido, as duas frases acima podem ser articuladas em um único período, fazendo-se as devidas alterações na pontuação e entre maiúsculas e minúsculas, com o uso do seguinte elemento:

- A) à medida que
- B) por isso que
- C) haja vista que
- D) caso
- E) não obstante

Esta é apenas uma amostra grátis. Adquirir a versão completa em <http://www.concursosprepara.com.br>

Língua Portuguesa / Equivalência e transformação de estruturas; Redação

Fonte: ANALISTA JUDICIÁRIO - ÁREA JUDICIÁRIA / TRT 14ª / 2016 / FCC

Q73.

Revolução

Notícias de homens processados nos Estados Unidos por assédio sexual quando só o que fizeram foi uma gracinha ou um gesto são vistas aqui como muito escândalo por pouca coisa e mais uma prova da hipocrisia americana em matéria de sexo. A hipocrisia existe, mas o aparente exagero tem a ver com a luta da mulher americana para mudar um quadro de pressupostos e tabus tão machistas lá quanto em qualquer país latino, e que só nos parece exagerada porque ainda não chegou aqui com a mesma força. As mulheres americanas não estão mais para brincadeira, em nenhum sentido.

A definição de estupro é a grande questão atual. Discute-se, por exemplo, o que chamam de date rape, que não é o ataque sexual de um estranho ou sexo à força, mas o programa entre namorados ou conhecidos que acaba em sexo com o consentimento relutante da mulher. Ou seja, sedução também pode ser estupro. Isso não é apenas uma novidade, é uma revolução. O homem que se criou convencido de que a mulher resiste apenas para não parecer "fácil" não está preparado para aceitar que a insistência, a promessa e a chantagem sentimental ou profissional são etapas numa escalada em que o uso da força, se tudo o mais falhar, está implícito. E que muitas vezes ele está estuprando quem pensava estar convencionalmente conquistando. No dia em que o homem brasileiro aceitar isso, a revolução estará feita e só teremos de dar graças a Deus por ela não ser retroativa.

A verdadeira questão para as mulheres americanas é que o homem pode recorrer a tudo na sociedade – desde a moral dominante até as estruturas corporativas e de poder – para seduzi-las, que toda essa civilização é no fundo um alibi montado para o estupro, e que elas só contam com um "não" desacreditado para se defender. Estão certas.

(VERISSIMO, Luis Fernando. Sexo na cabeça. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002, p. 143)

Está clara e correta a redação deste livre comentário sobre o texto:

- A) Os homens interiorizam conceitos e valores referentes à mulher sem acreditarem que estão cultivando e pondo em prática os mais abomináveis preconceitos.
 - B) São abomináveis os conceitos e valores de que os homens acreditam e põem em prática no que diz respeito às mulheres sem ter consciência disso.
 - C) As mulheres são vítimas dos preconceitos e valores abomináveis com que os homens cultivam e interiorizam a seu respeito em suas práticas.
 - D) Conceitos e valores preconceituosos no que dizem respeito à mulher são cultivados pelos homens que nem sequer ao menos parecem ter consciência por este fato abominável.
 - E) São abomináveis os preconceitos onde os homens praticam contra as mulheres sob a forma de conceitos e valores que só fazem desacreditá-las.
-

Língua Portuguesa / Equivalência e transformação de estruturas; Redação

Fonte: ANALISTA JUDICIÁRIO - ANÁLISE DE SISTEMAS / TRE/RR / 2015 / FCC

Q74.

[...] ser independente significa bem mais do que ser livre para viver como se quer: significa, basicamente, viver com valores que façam a vida ser digna de ser vivida. Não basta um estado de espírito. Não basta, como diz o samba, “vestir a camisa amarela e sair por aí”. Tampouco basta sentir-se autônomo, fazendo parte do bando. É preciso algo mais. Ora, um dos valores que vêm sendo retomados pelos filósofos e que cabem como uma luva nessa questão é o da resistência. Na raiz da palavra resistere se encontra um sentido: “ficar de pé”. E ficar de pé implica manter vivas, intactas dentro de si, as forças da lucidez. Essa é uma exigência que se impõe tanto em tempos de guerra quanto em tempos de paz. Sobretudo nesses últimos, quando costumamos achar que está tudo bem, que está tudo “numa boa”; quando recebemos informações de todos os lados, sem tentar, nem ao menos, analisá-las, e terminamos por engolir qualquer coisa.

Resistir como forma de ser independente é, talvez, uma maneira de encontrar um significado no mundo. Daí que, para celebrar a independência, vale mesmo é desconstruir o mundo, desnudar suas estruturas, investigar a informação. Fazer isso sem cansaço para depois termos vontade de, novamente, desejá-lo, inventá-lo e construí-lo; de reencontrar o caminho da sensibilidade diante de uma paisagem, ao abrir um livro ou a porta de um museu. Independência, sim, para defendermos a vida, para defendermos valores para ela, para que ela tenha um sentido. Independência de pé, com lucidez e prioridades. Clareza, sim, para não continuarmos a assistir, impotentes, ao espetáculo da própria impotência.

(PRIORE, Mary Del. Histórias e conversas de mulher. São Paulo: Planeta, 2013, p. 281)

Considere as alterações propostas nas alternativas abaixo para alguns segmentos do texto. Mantém-se a correção gramatical no que consta em:

- A) Na raiz da palavra resistere se encontra um sentido ...

Na raiz da palavra resistere se encontra algumas indicações de seu significado ...

- B) Não basta um estado de espírito.

Não basta algumas decisões tomadas nesse sentido.

- C) Essa é uma exigência que se impõe tanto em tempos de guerra quanto em tempos de paz.

Essa é uma das exigências que se impõem tanto em tempos de guerra quanto em tempos de paz.

- D) É preciso algo mais.

Faz-se necessário as mudanças de visão e de atitudes.

- E) ... para que ela tenha um sentido.

... para que as metas estabelecidas a cada um tenha um sentido.

Língua Portuguesa / Equivalência e transformação de estruturas; Redação

Fonte: TÉCNICO JUDICIÁRIO - APOIO ESPECIALIZADO/TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO / TRT 6ª / 2012 / FCC

Q75.

Os livros de história sempre tiveram dificuldade em falar de mulheres que não respeitam os padrões de gênero, e em nenhuma área essa limitação é tão evidente como na guerra e no que se refere ao manejo de armas.

No entanto, da Antiguidade aos tempos modernos a história é fértil em relatos protagonizados por guerreiras. Com efeito, a sucessão política regularmente coloca uma mulher no trono, por mais desagradável que essa verdade soe. Sendo as guerras insensíveis ao gênero e ocorrendo até mesmo quando uma mulher dirige o país, os livros de história são obrigados a registrar certo número de guerreiras levadas, conseqüentemente, a se comportar como qualquer Churchill, Stálin ou Roosevelt. Semíramis de Nínive, fundadora do Império Assírio, e Boadiceia, que liderou uma das mais sangrentas revoltas contra os romanos, são dois exemplos. Esta última, aliás, tem uma estátua à margem do Tâmisa, em frente ao Big Ben, em Londres. Não deixemos de cumprimentá-la caso estejamos passando por ali.

Em compensação, os livros de história são, em geral, bastante discretos sobre as guerreiras que atuam como simples soldados, integrando os regimentos e participando das batalhas contra exércitos inimigos em condições idênticas às dos homens. Essas mulheres, contudo, sempre existiram. Praticamente nenhuma guerra foi travada sem alguma participação feminina.

(Adaptado de Stieg Larsson. A rainha do castelo de ar. São Paulo: Cia. das Letras, 2009. p. 7-8)

No entanto, da Antiguidade aos tempos modernos a história é fértil em relatos protagonizados por guerreiras.

Mantendo-se a correção e a lógica, sem que qualquer outra alteração seja feita na frase, o segmento grifado acima pode ser substituído por:

- A) Todavia.
- B) Conquanto.
- C) Embora.
- D) Porquanto.
- E) Ainda que.

Esta e apenas uma amostra grátis. Adquirir a versão completa em <http://www.concursoprepara.com.br>

Língua Portuguesa / Equivalência e transformação de estruturas; Redação

Fonte: ANALISTA JUDICIÁRIO - ÁREA ADMINISTRATIVA / TRE/PR / 2012 / FCC

Q76.

Há 40 anos, a mais célebre crítica de cinema dos Estados Unidos, Pauline Kael (1919-2001), publicava seu artigo mais famoso. Era um detalhado estudo sobre "Cidadão Kane" (1941), espertamente intitulado "Raising Kane" (trocadilho com a expressão "to raise Cain", que significa algo como "gerar reações inflamadas").

No texto – que integra a coletânea "Criando Kane e Outros Ensaios", publicada no Brasil em 2000 –, Pauline defendia que o roteirista Herman J. Mankiewicz era a força criativa por trás do filme, mais importante até que o diretor, Orson Welles (1915-85). Ela queria fazer justiça a Mankiewicz, que caíra em esquecimento, enquanto Welles entrara para a história com a reputação de gênio maldito, frequentemente reivindicando para si as principais qualidades de "Kane" e a coautoria do roteiro – embora Pauline jurasse que Welles não escrevera nem sequer uma linha do script.

Independentemente do quanto de justiça e veracidade "Raising Kane" trazia (o artigo foi bastante contestado na época), surgem agora evidências de que a própria Pauline atuou de modo tão pouco ético como ela acusava Welles de ter agido. A crítica teria baseado o seu artigo nos estudos realizados por outra pessoa – Howard Suber, pesquisador da UCLA (Universidade da Califórnia, em Los Angeles), que colaborou com Pauline, mas que, por fim, não foi sequer mencionado no texto final.

(Bruno Ghetti. "Méritos de Pauline: o retrato de uma crítica". Folha de S. Paulo, ilustríssima, cinema, domingo, 11 de dez. de 2011. p. 6)

Ela queria fazer justiça a Mankiewicz, que caíra em esquecimento, enquanto Welles entrara para a história com a reputação de gênio maldito, frequentemente reivindicando para si as principais qualidades de "Kane" e a coautoria do roteiro – embora Pauline jurasse que Welles não escrevera nem sequer uma linha do script.

Outra redação para o trecho destacado, que preserva o sentido e a correção originais, é:

- A) a despeito de Pauline jurar que Welles não tinha escrito nem ao menos uma linha do script.
- B) apesar de Pauline negar a Welles o mérito de escrever mais do que uma linha do script.
- C) não obstante Pauline jurava que Welles não tinha escrito nem sequer uma linha do script.
- D) mesmo tendo sabido que Pauline jurou: "Welles não escreve ainda que seja uma linha do script".
- E) apesar da crítica Pauline jurar que Welles não escrevia pelo menos uma linha do script.

Esta e apenas uma amostra grátis. Adquirir a versão completa em <http://www.concursoprepara.com.br>

Língua Portuguesa / Equivalência e transformação de estruturas; Redação

Fonte: ANALISTA JUDICIÁRIO - ADMINISTRATIVA / TRT 11ª / 2012 / FCC

Q77.

Discriminar ou discriminar?

Os dicionários não são úteis apenas para esclarecer o sentido de um vocábulo; ajudam, com frequência, a iluminar teses controvertidas e mesmo a incendiar debates. Vamos ao Dicionário Houaiss, ao verbete discriminar, e lá encontramos, entre outras, estas duas acepções: a) perceber diferenças; distinguir, discernir; b) tratar mal ou de modo injusto, desigual, um indivíduo ou grupo de indivíduos, em razão de alguma característica pessoal, cor da pele, classe social, convicções etc. Na primeira acepção, discriminar é dar atenção às diferenças, supõe um preciso discernimento; o termo transpira o sentido positivo de quem reconhece e considera o estatuto do que é diferente. Discriminar o certo do errado é o primeiro passo no caminho da ética. Já na segunda acepção, discriminar é deixar agir o preconceito, é disseminar o juízo preconcebido. Discriminar alguém: fazê-lo objeto de nossa intolerância. Diz-se que tratar igualmente os desiguais é perpetuar a desigualdade. Nesse caso, deixar de discriminar (no sentido de discernir) é permitir que uma discriminação continue (no sentido de preconceito). Estamos vivendo uma época em que a bandeira da discriminação se apresenta em seu sentido mais positivo: trata-se de aplicar políticas afirmativas para promover aqueles que vêm sofrendo discriminações históricas. Mas há, por outro lado, quem veja nessas propostas afirmativas a forma mais censurável de discriminação... É o caso das cotas especiais para vagas numa universidade ou numa empresa: é uma discriminação, cujo sentido positivo ou negativo depende da convicção de quem a avalia. As acepções são inconciliáveis, mas estão no mesmo verbete do dicionário e se mostram vivas na mesma sociedade.

(Aníbal Lucchesi, inédito)

É preciso reelaborar, para sanar falha estrutural, a redação da seguinte frase:

- A) O autor do texto chama a atenção para o fato de que o desejo de promover a igualdade corre o risco de obter um efeito contrário.
- B) Embora haja quem aposte no critério único de julgamento, para se promover a igualdade, visto que desconsideram o risco do contrário.
- C) Quem vê como justa a aplicação de um mesmo critério para julgar casos diferentes não crê que isso reafirme uma situação de injustiça.
- D) Muitas vezes é preciso corrigir certas distorções aplicando-se medidas que, à primeira vista, parecem em si mesmas distorcidas.
- E) Em nossa época, há desequilíbrios sociais tão graves que tornam necessários os desequilíbrios compensatórios de uma ação corretiva.

Esta e apenas uma amostra grátis. Adquirir a versão completa em <http://www.concursoprepara.com.br>

Língua Portuguesa / Equivalência e transformação de estruturas; Redação

Fonte: ANALISTA JUDICIÁRIO - JUDICIÁRIA / TRT 14ª / 2011 / FCC

Q78.

Os homens-placa

Uma cabeleira cor-de-rosa ou verde, um nariz de palhaço, luvas de Mickey gigantescas, pouco importa. Eis que surge numa esquina, e replica-se em outras dez, o personagem mais solitário de nossas ruas, o homem-placa das novas incorporações imobiliárias. Digo homem-placa, não porque ele seja vítima do velho sistema de ficar ensanduichado entre duas tábuas de madeira anunciando remédios ou espetáculos de teatro, nem porque, numa versão mais recente, amarrem-lhe ao corpo um meio colete de plástico amarelo para avisar que se compra ouro ali por perto. Ele é homem-placa porque sua função é mostrar, a cada encruzilhada mais importante do caminho, a direção certa para o novo prédio de apartamentos que está sendo lançado. Durante uma época, a prática foi encostar carros velhíssimos, verdadeiras sucatas, numa vaga de esquina, colocando o anúncio do prédio em cima da capota. O efeito era ruim, sem dúvida. Como acreditar no luxo e na distinção do edifício Duvalier, com seu espaço gourmet e seu depósito de vinho individual, se todo o sonho estava montado em cima de um Opala 74 cor de tijolo com dois pneus no chão? Eliminaram-se os carros-placa, assim como já pertencem ao passado os grandes lançamentos performáticos do mercado imobiliário. A coisa tinha, cerca de dez anos atrás, proporções teatrais. Determinado prédio homenageava a Nova York eterna: mocinhas eram contratadas para se fantasiarem de Estátua da Liberdade, com o rosto pintado de verde, a tocha de plástico numa mão, o folheto colorido na outra. Ou então era o Tio Sam, eram Marylins e Kennedys, que ocupavam a avenida Brasil, a Nove de Julho, as ruas do Itaim. Esses homens e mulheres-placa não se comparam sequer ao guardador de carros, que precisa impor certa presença ao cliente incauto. Estão ali graças à sua inexistência social. Só que sua função, paradoxalmente, é a de serem vistos; um cabelo azul, um gesto repetitivo apontando o caminho já bastam.

(Adaptado de: Marcelo Coelho, w www.marcelocoelho.folha.blogspot.uol.com)

Considerando-se o contexto, traduz-se adequadamente o sentido de um segmento em:

- A) *replica-se em outras dez* (1º parágrafo) = contestase em dez outras.
- B) *incorporações imobiliárias* (1º parágrafo) = admissões de imóveis.
- C) *lançamentos performáticos* (3º parágrafo) = propulsões cuidadosas.
- D) *impor certa presença* (4º parágrafo) = submeter a aparência.
- E) *graças à sua inexistência social* (4º parágrafo) = devido à falta de sua identidade pública.

Esta e apenas uma amostra grátis. Adquirir a versão completa em <http://www.concursoprepara.com.br>

Língua Portuguesa / Equivalência e transformação de estruturas; Redação

Q79.

Assim como os antigos moralistas escreviam máximas, deu-me vontade de escrever o que se poderia chamar de mínimas, ou seja, alguma coisa que, ajustada às limitações do meu engenho, traduzisse um tipo de experiência vivida, que não chega a alcançar a sabedoria mas que, de qualquer modo, é resultado de viver.

Andei reunindo pedacinhos de papel em que estas anotações vadias foram feitas e ofereço-as ao leitor, sem que pretenda convencê-lo do que penso nem convidá-lo a repensar suas ideias. São palavras que, de modo canhestro, aspiram a enveredar pelo avesso das coisas, admitindo-se que elas tenham um avesso, nem sempre perceptível mas às vezes curioso ou surpreendente.

C.D.A.

(Carlos Drummond de Andrade. **O avesso das coisas** [aforismos]. 5.ed. Rio de Janeiro: Record, 2007, p. 3)

Está traduzida corretamente a seguinte expressão do texto:

- A) *os antigos moralistas escreviam máximas* / os filósofos da Antiguidade compunham poemas didáticos.
- B) *alguma coisa que, ajustada às limitações do meu engenho* / algo que se ajustasse exclusivamente à minha capacidade criativa.
- C) *em que estas anotações vadias foram feitas* / nos quais estes breves e casuais escritos foram registrados.
- D) *sem que pretenda convencê-lo do que penso* / negando que ele aceite meus pensamentos.
- E) *São palavras que [...] aspiram a enveredar pelo avesso das coisas* / são termos que concretizam o desejo de desnudar só o lado nocivo das coisas.

Esta e apenas uma amostra gratis. Adquira a versao completa em <http://www.concursoprepara.com.br>

Língua Portuguesa / Equivalência e transformação de estruturas; Redação

Fonte: ANALISTA JUDICIÁRIO - ADMINISTRATIVA / TRT 9ª / 2010 / FCC

Q80.

O poder nuclear e a civilização

Considerando que nosso futuro será, em grande parte, determinado por nossa atitude perante a questão nuclear, é bom nos perguntarmos como chegamos até aqui, com o poder de destruir a civilização. O que isso nos diz sobre quem somos como espécie?

Nossa aniquilação é inevitável ou será que seremos capazes de garantir nossa sobrevivência mesmo tendo em mãos armas de destruição em massa? Infelizmente, armas nucleares são monstros que jamais desaparecerão. Nenhuma descoberta científica “desaparece”. Uma vez revelada, permanece viva, mesmo se condenada como imoral por uma maioria. O pacto que acabamos por realizar com o poder tem um preço muito alto. É irreversível. Não podemos mais contemplar um mundo sem armas nucleares. Sendo assim, será que podemos contemplar um mundo com um futuro?

O medo e a ganância – uma combinação letal – trouxeram-nos até aqui. Por milhares de anos, cientistas e engenheiros serviram o Estado em troca de dinheiro e proteção. Cercamo-nos de inimigos reais ou virtuais e precisamos proteger nosso país e nossos lares a qualquer preço. O patriotismo é o maior responsável pela guerra. Não é à toa que Einstein queria ver as fronteiras abolidas.

Olhamos para o Brasil, os Estados Unidos e a Comunidade Europeia, onde fronteiras são cada vez mais invisíveis, e temos evidência empírica de que a união de Estados sem fronteiras leva à estabilidade e à sobrevivência. A menos que as coisas mudem profundamente, é difícil ver essa estabilidade ameaçada. Será, então, que a solução – admito, extremamente remota – é um mundo sem fronteiras, uma sociedade de fato globalizada e economicamente integrada? Ou será que existe outro modo de garantir nossa sobrevivência a longo prazo com mísseis e armas nucleares apontando uns para os outros, prontos a serem detonados? O que você diz?

(Adaptado de Marcelo Gleiser, Folha de S. Paulo, 18/04/2010)

Está clara e correta a redação deste livre comentário sobre o texto:

- A) Não adiantam nem o otimismo nem o pessimismo: o que urge é tomarmos providências no sentido de se dirimir nossa divisão em países com fronteiras.
- B) Uma das denúncias do texto constitui de fato um alerta: que não se tome como reversível qualquer conquista a que a ciência chegue a alcançar.
- C) Para Albert Einstein, uma medida radical e responsável para se evitar a calamidade de uma guerra nuclear seria, pura e simplesmente, a abolição das fronteiras.
- D) Conquanto não tenham em vista essa mesma finalidade, muitos cientistas e engenheiros acabam servindo aos artifícios excusos de quem lucra com a ganância.
- E) Quanto mais os estados consigam se unir a despeito das fronteiras, assim também haverá a evidência empírica de que sejam levados à estabilidade e à sobrevivência.

Esta e apenas uma amostra gratis. Adquiria a versao completa em <http://www.concursosprepara.com.br>

Língua Portuguesa / Equivalência e transformação de estruturas; Redação

Fonte: TÉCNICO MINISTERIAL - ADMINISTRATIVA / MPE/AP / 2009 / FCC

Q81.

Velhos e modernos

Pode-se assistir a mais de um comercial na TV em que se explora a imagem de “velhinhas modernas”, ou seja, senhoras idosas que falam gíria de surfista, dominam a linguagem dos computadores ou denunciam com malícia juvenil a atitude conservadora de algum jovem. Tais velhinhas em geral surgem vestidas à antiga – o que ressalta ainda mais a inesperada demonstração de “modernidade” de que são capazes. Certo, não há mesmo por que identificar a velhice com estagnação da vida, asilo e melancolia. Mas por que identificá-la com o seu contrário? Isso equivale a sair de um estereótipo para cair em outro: em vez de se passar a imagem de uma pessoa acomodada e incapaz, resignada numa cadeira de balanço ou num sofá, busca-se a imagem padrão do adolescente para “salvar” a velhice de seus limites naturais. Parece que a dificuldade está em aceitar as qualidades que são efetivamente próprias de uma pessoa já bastante vivida: experiência, sabedoria, maturação, generosidade, capacidade de compreensão. Tais atributos parecem estar em baixa na cotação do mercado publicitário: jovens vendem, e velhos podem vender se forem tão ou mais “modernos” do que os jovens. O resultado, como não poderia deixar de ser, é uma caricatura: a vovó fala palavrões que escandalizam a adolescente, a vovó é mais maliciosa que a neta. Em suma: o melhor de viver bastante é poder chegar à velhice exatamente como aquele que está começando a viver...

Antes de se classificar tais comerciais como tolos, melhor será pensar na razão mesma de existirem. Não foram criados a partir do nada: correspondem a uma supervalorização da juventude, que é um fenômeno do nosso tempo. Desde que se descobriu que as crianças e os adolescentes constituem uma fatia considerável do consumo, investe-se muito na conquista desse público – o que significa potenciar os valores que nele se representam. Já os aposentados não terão tão grande atrativo. Como se vê, a cultura moderna incorpora cada vez mais drasticamente as qualidades que ao mercado interessa ressaltar. A velhice passa a não ter rosto: colocaram-lhe a máscara risonha de um jovem deslumbrado.

(Horácio Valongo dos Reis, inédito)

Está clara e correta a redação deste livre comentário sobre o texto:

- A) Impressionou-se o autor com estas incerções comerciais que introduzem “velhinhas modernas” nos mesmos.
- B) Entre dois estereótipos, as imagens dos velhos relutam em representarem as verdadeiras qualidades delas.
- C) Toda caricatura implica de que os traços retratados são grosseiros, em vista de deformarem a figura assim criada.
- D) Os valores dos jovens vem triunfando, conquanto a velhice seja subestimada e pouco se atente aos seus atributos.
- E) O mercado tem uma importância decisiva para o fato de que, hoje em dia, os velhos apareçam na TV como se fossem jovens.

Língua Portuguesa / Equivalência e transformação de estruturas; Redação

Fonte: ANALISTA JUDICIÁRIO - TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO / TRT 2ª / 2008 / FCC

Q82.

O futuro encolheu

Nós, modernos, nos voltamos sobretudo para o futuro.

Pois nos definimos pela capacidade de mudança – não pelo que somos, mas pelo que poderíamos vir a ser: projetos e potencialidades. O tempo da nossa vida é o futuro. Em nosso despertar cotidiano, podemos ter uma experiência fugaz e minoritária do presente, mas é a voz do futuro que nos acorda e nos força a sair da cama.

A questão é: qual futuro? Ele pode ser de longo prazo: desde o apelo do dever de produzir um mundo mais justo até o medo das águas que subirão por causa do efeito estufa. Ou então ele pode ser imediato: as tarefas do dia que começa, as necessidades do fim do mês, a perspectiva de um encontro poucas horas mais tarde.

Do século 17 ao começo do século 20, o tempo dominante na experiência de nossa cultura parece ter sido um futuro grandioso – projetos coletivos a longo prazo. Hoje prevalece o futuro dos afazeres imediatos. Nada de utopia, somente a agenda do dia.

*Trata-se de uma nova experiência do tempo: uma maneira original de ser e de criar. Como George Steiner se apressa a declarar em seu livro **Gramáticas da criação**, não há por que sermos nostálgicos dos futuros que já foram. Afinal, aqueles futuros tornaram-se freqüentemente cúmplices da barbárie do século. Por que será, então, que acho o futuro encolhido de hoje um pouco inquietante?*

É que o futuro não foi inventado, como sugere Steiner, só para espantar a morte. O futuro nos serve também para impor disciplina ao presente. Ele é nosso árbitro moral. Esperamos dele que avalie nossos atos. A qualidade de nossos atos de hoje depende do futuro com o qual sonhamos. Receio que futuros muito encolhidos comandem vidas francamente mesquinhas.

(Contardo Calligaris, Terra de ninguém)

Está inteiramente correta a construção da seguinte frase:

- A) Para nós acaba sendo mais preferível a agenda do dia do que as utopias.
- B) George Steiner insiste de que somos uns nostálgicos de antigos futuros.
- C) O futuro com que se almeja funciona enquanto árbitro moral do presente.
- D) Já não há utopias aonde nos impulsionemos para construir o futuro.
- E) O futuro com que já não se conta implica esvaziamento de sentido do presente.

Raciocínio Lógico-Matemático / Números inteiros e racionais / Operações (adição, subtração, multiplicação, divisão, potenciação); Expressões numéricas

Fonte: ANALISTA JUDICIÁRIO - ADMINISTRATIVA / TRT 2ª / 2014 / FCC

Q83.

O número A é composto por 2000 algarismos, todos eles iguais a 1, e o número B é composto por 1000 algarismos, todos eles iguais a 3. Se o número C é igual à soma dos números A e B, então a soma de todos os algarismos que compõem C é igual a

- A) 5000.
- B) 4444.
- C) 4000.

- D) 3333.
- E) 3000.

Esta e apenas uma amostra gratis. Adquira a versao completa em <http://www.concursoprepara.com.br>

Raciocínio Lógico-Matemático / Frações e operações com frações

Fonte: TÉCNICO JUDICIÁRIO - ÁREA ADMINISTRATIVA / TRT 14ª / 2016 / FCC

Q84.

Alberto fez uma dieta com nutricionista e perdeu 20% do seu peso nos seis primeiros meses. Nos seis meses seguintes Alberto abandonou o acompanhamento do nutricionista e, com isso, engordou 20% em relação ao peso que havia atingido. Comparando o peso de Alberto quando ele iniciou a dieta com seu peso ao final dos doze meses mencionados, o peso de Alberto

- A) reduziu 4%.
- B) aumentou 2%.
- C) manteve-se igual.
- D) reduziu 5%.
- E) aumentou 5%.

Esta e apenas uma amostra gratis. Adquira a versao completa em <http://www.concursoprepara.com.br>

Raciocínio Lógico-Matemático / Frações e operações com frações

Fonte: APOIO TÉCNICO ADMINISTRATIVO - SEGURANÇA INSTITUCIONAL / CNMP / 2015 / FCC

Q85.

Dois amigos fizeram provas em concursos diferentes. Mário acertou 42 das 60 questões do concurso que prestou e Lúcio acertou 64 das 80 questões de seu concurso. Para superar o resultado de Lúcio em 5 pontos percentuais, o número de questões que Mário deveria ter acertado, além das 42 que acertou, é igual a

- A) 10.
- B) 7.
- C) 9.
- D) 3.
- E) 15.

Esta e apenas uma amostra gratis. Adquira a versao completa em <http://www.concursoprepara.com.br>

Raciocínio Lógico-Matemático / Frações e operações com frações

Fonte: TÉCNICO BANCÁRIO III - INFORMÁTICA/SUPORTE / BANESE / 2012 / FCC

Q86.

Depois de realizar 40% de uma obra, a empreiteira A foi dispensada, por não ter cumprido alguns requisitos contratuais. A empreiteira B foi então contratada para finalizar a obra, comprometendo-se a executar 2/23 dela a cada mês. Nessas condições, se a empreiteira B iniciou seu trabalho no primeiro dia de janeiro de 2012, deverá finalizá-lo durante o mês de:

- A) junho de 2012.
- B) julho de 2012.
- C) agosto de 2012.
- D) setembro de 2012.
- E) outubro de 2012.

Esta e apenas uma amostra gratis. Adquira a versao completa em <http://www.concursoprepara.com.br>

Raciocínio Lógico-Matemático / Frações e operações com frações

Fonte: PROFESSOR DE EDUCAÇÃO BÁSICA - LÍNGUA ESTRANGEIRA MODERNA/INGLÊS / SEE/MG / 2012 / FCC

Q87.

Um exame de sangue realizado em 20 pacientes do sexo feminino detectou o seguinte número de leucócitos (glóbulos brancos) em N/mm^3 :

5 800	7 100	3 100	6 800	5 900
1 300	2 800	6 900	2 950	3 300
4 000	5 900	5 700	3 900	4 750
2 000	5 100	4 500	3 600	4 130

O valor considerado normal (valor de referência) é entre 5 000 e 10 000 N/mm^3 inclusive. Está correto afirmar que a porcentagem de pacientes que está abaixo do valor mínimo de referência é de

- A) 12%.
- B) 20%.
- C) 40%.
- D) 60%.

Esta e apenas uma amostra gratis. Adquira a versao completa em <http://www.concursoprepara.com.br>

Raciocínio Lógico-Matemático / Números e grandezas proporcionais / Razões e proporções; divisão em partes proporcionais; Regra de três; porcentagem e problemas

Fonte: TÉCNICO JUDICIÁRIO - ADMINISTRATIVA / TRT 4ª / 2011 / FCC

Q88.

Sabe-se que Julião tem 30 anos de idade e Cosme tem 45 e que ambos são Técnicos Judiciários de uma mesma Unidade do Tribunal Regional do Trabalho da 4a Região há 6 e 15 anos, respectivamente.

Suponha que as quantidades de horas extras cumpridas por Julião e Cosme ao longo de certo mês eram diretamente proporcionais aos seus respectivos tempos de serviço no Tribunal. Assim sendo, se, juntos, eles cumpriram o total de 28 horas extras, é correto afirmar que

- A) Julião cumpriu 12 horas extras a menos que Cosme.
- B) Julião cumpriu 8 horas extras a mais do que Cosme.
- C) o número de horas extras cumpridas por Julião era 30% do de Cosme.
- D) o número de horas extras cumpridas por Cosme era 62% do de Julião.
- E) Cosme cumpriu $4/7$ do total de horas extras.

Esta e apenas uma amostra gratis. Adquira a versao completa em <http://www.concursoprepara.com.br>

Raciocínio Lógico-Matemático / Números e grandezas proporcionais / Razões e proporções; divisão em partes proporcionais; Regra de três; porcentagem e problemas

Fonte: ANALISTA JUDICIÁRIO - ADMINISTRATIVA / TRT 9ª / 2010 / FCC

Q89.

Certo dia, Zelda e Gandi, funcionários de certa unidade do Tribunal Regional do Trabalho, receberam alguns processos para emitir pareceres e os dividiram entre si na razão inversa de suas respectivas idades: 28 e 42 anos. Considerando que, na execução dessa tarefa, a capacidade operacional de Gandi foi 80% da de Zelda e que ambos a iniciaram em um mesmo horário, trabalhando ininterruptamente até completá-la, então, se Gandi levou 2 horas e 10 minutos para terminar a sua parte, o tempo que Zelda levou para completar a dela foi de:

- A) 1 hora e 24 minutos.
- B) 1 hora e 38 minutos.
- C) 1 hora e 52 minutos.

- D) 2 horas e 36 minutos.
- E) 2 horas e 42 minutos.

Esta e apenas uma amostra gratis. Adquira a versao completa em <http://www.concursoprepara.com.br>

Raciocínio Lógico-Matemático / Estrutura lógica de relações arbitrárias entre pessoas, lugares, objetos ou eventos fictícios / Deduzir novas informações das relações fornecidas e avaliar as condições usadas para estabelecer a estrutura daquelas relações

Fonte: ANALISTA JUDICIÁRIO - TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO / TRT 2ª / 2008 / FCC

Q90.

Amaro, Benito, Corifeu e Delúbio são funcionários de uma mesma unidade do Tribunal Regional do Trabalho e cada um deles participou de apenas um entre quatro cursos de Informática, realizados em janeiro, fevereiro, março e abril de 2008. Sabe-se também que:

- tais funcionários trabalham no Tribunal há 1, 2, 4 e 5 anos;
- os cursos tiveram durações de 20, 30, 40 e 50 horas;
- Delúbio participou do curso realizado no mês de março;
- Corifeu, que é funcionário há mais de 1 ano, fez o curso no mês de janeiro, com a duração de 30 horas;
- Benito, funcionário há 2 anos, fez o curso cuja duração era maior do que a do curso feito por aquele que é funcionário há 5 anos e menor do que a do curso feito pelo que é funcionário há 4 anos;
- o funcionário que tem 1 ano de serviço, que não é Delúbio, fez seu curso antes do mês de abril;
- Amaro fez seu curso após o funcionário que trabalha há 5 anos no Tribunal ter feito o dele.

Com base nessas informações, é correto afirmar que

- A) Amaro é funcionário do Tribunal há 2 anos.
- B) a duração do curso feito por Benito foi de 40 horas.
- C) Corifeu é funcionário do Tribunal há 4 anos.
- D) Benito fez o curso em março.
- E) a duração do curso feito por Delúbio foi de 40 horas.

Esta e apenas uma amostra gratis. Adquira a versao completa em <http://www.concursoprepara.com.br>

Raciocínio Lógico-Matemático / Estrutura lógica de relações arbitrárias entre pessoas, lugares, objetos ou eventos fictícios / Deduzir novas informações das relações fornecidas e avaliar as condições usadas para estabelecer a estrutura daquelas relações

Fonte: AUXILIAR JUDICIÁRIO - ÁREA ADMINISTRATIVA / TRF 2ª / 2007 / FCC

Q91.

Certo dia, três auxiliares judiciários – Alcebiades, Benevides e Corifeu – executaram, num dado período, um único tipo de tarefa cada um. Considere que:

- as tarefas por eles executadas foram: expedição de correspondências, arquivamento de documentos e digitação de textos; – os períodos em que as tarefas foram executadas foram: das 8 às 10 horas, das 10 às 12 horas e das 14 às 16 horas;
- Corifeu efetuou a expedição de correspondências;
- o auxiliar que arquivou documentos o fez das 8 às 10 horas; – Alcebiades executou sua tarefa 14 às 16 horas.

Nessas condições, é correto afirmar que

- A) Alcebiades arquivou documentos.
- B) Corifeu executou sua tarefa 8 às 10 horas.
- C) Benevides arquivou documentos.
- D) Alcebiades não digitou textos.
- E) Benevides digitou textos.

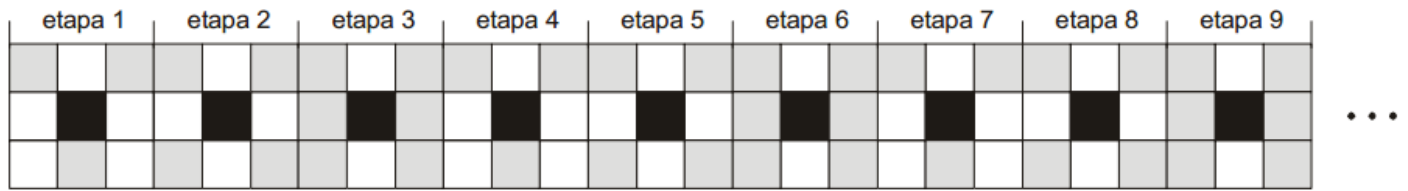
Esta e apenas uma amostra gratis. Adquira a versao completa em <http://www.concursoprepara.com.br>

Raciocínio Lógico-Matemático / Compreensão e elaboração da lógica das situações por meio de / Raciocínio verbal, raciocínio matemático, raciocínio sequencial, orientação espacial e temporal, formação de conceitos, discriminação de elementos

Fonte: TÉCNICO EM GESTÃO / SABESP / 2012 / FCC

Q92.

Observe o padrão descrito na faixa abaixo.



Na etapa 1 existem 3 quadrados cinza ($C=3$) e cinco quadrados brancos ($B=5$). Da etapa 1 para a etapa 2, o número de quadrados acumulados das cores cinza e branco são, respectivamente, $C=7$ e $B=9$. Da etapa 1 para a 3, os quadrados acumulados são $C=13$ e $B=11$. De acordo com a lógica de formação da faixa descrita na figura, da etapa 1 até a etapa 50, os quadrados acumulados das cores cinza e branco serão

- A) $C=228$ e $B=196$.
- B) $C=211$ e $B=181$.
- C) $C=208$ e $B=176$.
- D) $C=215$ e $B=185$.
- E) $C=218$ e $B=190$.

Esta e apenas uma amostra grátis. Adquira a versão completa em <http://www.concursoprepara.com.br>

Raciocínio Lógico-Matemático / Compreensão e elaboração da lógica das situações por meio de / Raciocínio verbal, raciocínio matemático, raciocínio sequencial, orientação espacial e temporal, formação de conceitos, discriminação de elementos

Fonte: ESCRITURÁRIO / Banco do Brasil / 2011 / FCC

Q93.

Considere que os termos da sequência seguinte foram sucessivamente obtidos segundo determinado padrão:

(3, 7, 15, 31, 63, 127, 255, ...)

O décimo termo dessa sequência é

- A) 1537.
- B) 1929.
- C) 1945.
- D) 2047.
- E) 2319.

Esta e apenas uma amostra grátis. Adquira a versão completa em <http://www.concursoprepara.com.br>

Raciocínio Lógico-Matemático / Compreensão e elaboração da lógica das situações por meio de / Raciocínio verbal, raciocínio matemático, raciocínio sequencial, orientação espacial e temporal, formação de conceitos, discriminação de elementos

Fonte: ANAL. PROC. ORG. - ANÁLISE DE SISTEMAS/SISTEMAS DE INFORMAÇÃO/CIÊNCIA DA COMPUTAÇÃO / BAHIA GÁS / 2010 / FCC

Q94.

Sejam x , y e z números reais diferentes de zero, o total de triplas ordenadas (x, y, z) que atendem à propriedade de que cada número seja igual ao produto dos outros dois é

- A) 1.
- B) 2.
- C) 3.
- D) 4.
- E) 5.

Esta e apenas uma amostra grátis. Adquira a versão completa em <http://www.concursoprepara.com.br>

Raciocínio Lógico-Matemático / Compreensão do processo lógico que, a partir de um conjunto de hipóteses, conduz, de forma válida, a conclusões determinadas

Q95.

Um dos novos funcionários de um cartório, responsável por orientar o público, recebeu a seguinte instrução:

“Se uma pessoa precisar autenticar documentos, encaminhe-a ao setor verde.”

Considerando que essa instrução é sempre cumprida corretamente, pode-se concluir que, necessariamente,

- A) uma pessoa que não precise autenticar documentos nunca é encaminhada ao setor verde.
- B) toda pessoa encaminhada ao setor verde precisa autenticar documentos.
- C) somente as pessoas que precisam autenticar documentos são encaminhadas ao setor verde.
- D) a única função das pessoas que trabalham no setor verde é autenticar documentos.
- E) toda pessoa que não é encaminhada ao setor verde não precisa autenticar documentos.

Esta e apenas uma amostra grátis. Adquira a versão completa em <http://www.concursosprepara.com.br>

Raciocínio Lógico-Matemático / Compreensão do processo lógico que, a partir de um conjunto de hipóteses, conduz, de forma válida, a conclusões determinadas

Fonte: TÉCNICO JUDICIÁRIO - ADMINISTRATIVA / TRF 3ª / 2007 / FCC

Q96.

Se Rodolfo é mais alto que Guilherme, então Heloisa e Flávia têm a mesma altura. Se Heloisa e Flávia têm a mesma altura, então Alexandre é mais baixo que Guilherme. Se Alexandre é mais baixo que Guilherme, então Rodolfo é mais alto que Heloisa. Ora, Rodolfo não é mais alto que Heloisa. Logo:

- A) Rodolfo não é mais alto que Guilherme, e Heloisa e Flávia não têm a mesma altura.
- B) Rodolfo é mais alto que Guilherme, e Heloisa e Flávia têm a mesma altura.
- C) Rodolfo não é mais alto que Flávia, e Alexandre é mais baixo que Guilherme.
- D) Rodolfo e Alexandre são mais baixos que Guilherme.
- E) Rodolfo é mais alto que Guilherme, e Alexandre é mais baixo que Heloisa.

Esta e apenas uma amostra grátis. Adquira a versão completa em <http://www.concursosprepara.com.br>

Raciocínio Lógico-Matemático / Compreensão do processo lógico que, a partir de um conjunto de hipóteses, conduz, de forma válida, a conclusões determinadas

Fonte: TÉCNICO JUDICIÁRIO / TJ/PE / 2007 / FCC

Q97.

Aquele policial cometeu homicídio. Mas centenas de outros policiais cometeram homicídios, se aquele policial cometeu. Logo,

- A) centenas de outros policiais não cometeram homicídios.
- B) aquele policial não cometeu homicídio.
- C) aquele policial cometeu homicídio.
- D) nenhum policial cometeu homicídio.
- E) centenas de outros policiais cometeram homicídios.

Esta e apenas uma amostra grátis. Adquira a versão completa em <http://www.concursosprepara.com.br>

Noções sobre Direitos das Pessoas com Deficiência / Inclusão, direitos e garantias legais e constitucionais das pessoas com deficiência / Lei nº 13.146/2015; Lei nº 11.126/2005; Constituição Federal

Fonte: TÉCNICO JUDICIÁRIO - APOIO ESPECIALIZADO TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO / TRT 20ª / 2016 / FCC

Q98.

Uma pessoa de baixa visão tentou ingressar em repartição pública com o seu cão-guia. Entretanto, o atendente, mesmo depois de alertado que se tratava de um cão-guia, de forma educada, afirmou que a pessoa poderia entrar, mas animais não eram permitidos no local. Neste caso, o atendente

- A) praticou ato de discriminação, mas este ato não pode ensejar a aplicação de multa.
- B) praticou ato de discriminação, que inclusive pode ensejar a aplicação de multa.

- C) não praticou ato de discriminação, porque a lei não assegura o direito de ingressar em prédios públicos com animais.
- D) não praticou ato de discriminação, porque permitiu o ingresso da pessoa, apenas impediu que o animal ingressasse em área pública.
- E) não praticou ato de discriminação, porque agiu educadamente e orientou a pessoa sobre as normas do prédio público.

Esta e apenas uma amostra gratis. Adquira a versao completa em <http://www.concursoprepara.com.br>

Regimento Interno do TST / Aprovado pela Resolução Administrativa nº 1295/2008 com alterações dos Atos Regimentais nos 1/2011, 2/2011 e 3/2012 e Emendas Regimentais nos 1/2011, 2/2011 e 3/2012 – arts. 1º a 44; 58 a 69; 73 a 75; 284 a 307

Fonte: ANALISTA JUDICIÁRIO ÁREA JUDICIÁRIA / TST / 2012 / FCC

Q99.

Publicar a Revista do TST, destinada à divulgação de trabalhos doutrinários e jurisprudenciais e ao registro dos atos públicos de interesse da Justiça do Trabalho, cabe

- A) ao Órgão Especial.
- B) à Comissão de Regimento.
- C) ao Tribunal Pleno.
- D) à Comissão de Documentação.
- E) à Comissão de Jurisprudência e de Precedentes Normativos.

Esta e apenas uma amostra gratis. Adquira a versao completa em <http://www.concursoprepara.com.br>

Segurança / Planejamento de contingências / Necessidade; planejamento; componentes do planejamento; manejo de emergência; gerenciamento de crises; procedimentos emergenciais

Fonte: TÉCNICO JUDICIÁRIO - SEGURANÇA / TRT 15ª / 2013 / FCC

Q100.

As ocorrências com reféns estão entre aquelas que podem ser consideradas dignas de um gerenciamento de crises, em face dos altos riscos que envolvem. Neste sentido, a medida adequada que pode inicialmente ser adotada por um agente de segurança em serviço, tão logo seja cientificado e convocado a nela intervir, é

- A) comunicar tão somente o fato às autoridades competentes, pois conter e isolar são ações que só podem ser efetuadas por equipes especializadas e treinadas para tanto, e não por um agente de segurança.
- B) conter a ocorrência, procurando isolar o local e, se for o caso, iniciar a negociação até a chegada das autoridades competentes.
- C) a negociação, item que qualquer pessoa poderá fazer, bastando, nestes casos, serem voluntárias e terem bons argumentos para convencer o gerador da crise a desistir de sua ação, devendo o agente de segurança, neste caso, apenas supervisionar a ação.
- D) apenas colher o máximo de informações possíveis, por fugir a ocorrência de sua alçada de competência, acionando as autoridades competentes para atuar no caso.
- E) avisar imediatamente o seu superior funcional, aguardando as instruções sobre como deverá agir.

Esta e apenas uma amostra gratis. Adquira a versao completa em <http://www.concursoprepara.com.br>